



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI  
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

FELIPE DE JESUS RODRIGUES DA SILVA

**CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS:  
UM ESTUDO SOBRE O FANZINE E O CORDEL.**

BRASÍLIA  
2019

FELIPE DE JESUS RODRIGUES DA SILVA

**CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS:  
UM ESTUDO SOBRE O FANZINE E O CORDEL.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia

Orientadora: Dra. Fernanda Passini Moreno

BRASÍLIA

2019

**S1586c** Silva, Felipe de Jesus Rodrigues da  
Catalogação de publicações alternativas: um estudo sobre  
o fanzine e o cordel. / Felipe de Jesus Rodrigues da Silva;  
Orientação: Fernanda Passini Moreno.– Brasília, 2019.  
**141 p.**

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) -  
Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da  
Informação, 2019.

1. Catalogação. 2. Cordel. 3. Fanzine 4. Folhetos de  
cordel. 5. publicação alternativa. I. Moreno, Fernanda  
Passini, orient. II. Título.



**Titulo: CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS: UM ESTUDO SOBRE O FANZINE E O CORDEL.**

**Aluno: Felipe de Jesus Rodrigues da Silva.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 20 de março de 2019.

**Fernanda Passini Moreno** - Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Simone Bastos Vieira** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Rodrigo Rabello da Silva** – Membro  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutor em Ciência da Informação

Dedico à minha família (especialmente à Maria Inocência de Jesus), amigos e à cena fanzineira do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais José Rodrigues da Silva e Lourdes de Jesus Macêdo e toda a minha família, especialmente à minha vó Maria Inocência de Jesus e ao meu primo Carpejane Correa (R.I.P), obrigado pela paciência em meu distanciamento durante o tempo de pesquisa, desculpas pela eventual ausência e pelos compromissos e reuniões familiares que não pude comparecer, está justificado agora, todo o meu amor e o melhor que há em mim dedico à vocês.

Agradeço a minha orientadora Fernanda Moreno, que aceitou o desafio de lidar com esse tema e por extrair o melhor do que eu poderia produzir textualmente, muito grato pelo real envolvimento com o trabalho, dicas e puxões de orelha, foi uma experiência enriquecedora, obrigadão Fernanda!

Agradeço à minha companheira Luciana Ribeiro, que prestou uma ajuda inestimável e decisiva durante a minha graduação na UnB, ajuda que nunca conseguirei retribuir, obrigado pelo carinho, paciência e companheirismo. Foi você que me recomendou fazer Biblioteconomia e foi uma das importantes decisões que tomei na vida, apesar da dificuldade e os incontáveis obstáculos do caminho, no fim das contas, foi uma experiência maravilhosa que me tornou um ser humano substancialmente melhor, toda a minha reverência.

Aos companheiros de UnB, David C. Carvalho, Talles Fernando Silva, Nilson Silva, Devana Babu, Pollyana Marra, Rubenita Franco, Samuel Subterror (R.I.P), Johanny Cássia, Emanuelle Melo. Obrigado pelas parcerias, conversas, apoio, inspiração e amizade.

Agradeço às minhas bandas Signo XIII, Os Gatunos, Vox Lugosi, Under The Ruins, Monomotor Estéreo, Conjunto Clube da Encruza, que foram meu vínculo com a sanidade e me salvou diversas vezes.

Aos meus camaradas de bandas Helder Aragão, Fabrício Suaid, Marcelo Melo, Luc Venturim, Miguel Ruffo, Rubens Cardoso, Douglas Almeida, Romário Cravalho, Tiago de Jesus e Gleyd. Valeu rapazeada, mal sabem vocês o quão importante vocês foram nesse processo.

Agradeço ao meu clan, base na qual sempre pude contar e obter apoio inesgotável, valeu galerosos e desculpa por qualquer eventual ausência nesses últimos anos de UnB, Rômulo Campos, Vínicius Rodrigues, Renan Sickera, Lucas Simas, Everaldo Maximus, Pedro Poney, Luciano de Sá, Anderson, Leandro Cardoso, Leandro Felipe, Jully Dourado, Rômulo Araújo, Yael Seixas, Hsarx, Francisco Oliveira, Biu Ramos, Juliana Máximo, Leandro e Bruna Bastos, Alyson Diego, João Ramalho, Sandleycia, Francisco, Bárbara

Agradeço à comunidade zineira, que foi bastante generosa quando solicitei algum material, informação ou esclarecimento, obrigado Gazy Andraus, Thina Curtis, Edgar Franco, Alberto Beralto, Marcio Sno, Law Tissot. Na área do cordel, agradeço imensamente às conversas e esclarecimentos acerca dos folhetos de cordel com Maria Elizabeth Baltar Albuquerque da UFPA e Evelline Figueiras Gonçalves da BCE-UnB.

Agradeço também aos “nãos” que recebi durante toda a minha vida, no departamento do meu curso, daqueles que queriam desatruir, enquanto eu construía, com certeza, esses “nãos”, me tornaram uma pessoa melhor, perseverante, determinado, com sangue no olho, sem esse incentivo subjetivo eu seria bem mais medíocre, fraco e mais parecido com vocês. Muito obrigado!

E um agradecimento ultra especial à MÚSICA, esse resquício de divindade na terra, que me salva diariamente e torna a estadia por aqui, muito mais agradável e excitante. Muito obrigado, querida companheira! Menção honrosa à Edgard Scandurra, Dick Dale (In memorian), Décima Victima, Belgrado, 1981, Os Haxixins, Devo, Black Future, Vzyadoq Moe, Cabine C, IRA!, Discharge, Anti Cimex, English Dogs, The Wipers, Husker Du, Autoramas, Luiz Gonzaga, Raul Seixas, Trio Nordestino, Renato e seus Blue caps, Jupiter Apple, Belmonte e Amaraí, Le Tigre, Adriano Cintra, Kraftwerk, The Stooges, The Sisters of Mercy e tantos outros que compõe a trilha sonora desses anos.

*“Sei que eu deixei meu rosto em alguns espelhos esquecidos  
e uma rosa amarrotada de silêncio me viu por dentro.  
É, eu sou amigo de esquecidos e de flores,  
sabe, eu estou pensando no tempo, mas, não sei das horas  
palavras, sonhos, vultos não são alegres nem tristes,  
estão ocultos na canção, e eu, eu sou amigo do canto.”*

**Ronnie Von - 1969**

## RESUMO

A partir de dois tipos de publicações, o fanzine, que é um tipo de revista alternativa produzida às margens do mercado editorial oficial e o cordel, que são folhetos contendo poesias em prosa, e foi declarado patrimônio cultural material pelo Instituto do Patrimônio Histórico Brasileiro e Artístico Nacional (IPHAN) em 2018. Foi elaborado um estudo em formas de catalogação de publicações alternativas e acervos especializados nesse tipo de registro bibliográfico. Uma análise foi realizada entre registros de fanzines em dois diferentes repositórios e foi feita uma análise comparativa entre dois títulos de cordéis em três catálogos, afim de analisar como o registro de um mesmo título se comporta em acervos diferentes. A partir de observações, foram sugeridos novos campos no formato Machine Readable Cataloging – MARC, para um registro mais adequado das obras, e, elaborou-se um quadro baseado no modelo descritivo para de publicações alternativas, proposto pelo xZINECOREx, que sugere uma descrição específica para esse tipo de literatura. O trabalho também, traz um glossário, que, visa esclarecer o bibliotecário ou fanzinotecário, que venha lidar com esse tipo de publicação em seu acervo.

**Palavras chaves:** catalogação, cordel, dublin core, fanzine, folhetos de cordel, marc 21, publicação alternativa, registro bibliográfico, xzinecorex.

## ABSTRACT

From two types of publications, the fanzine, which is a type of alternative magazine produced on outside official publishing market, and the *cordel*, which are leaflets containing poetry in prose, and it was declared material cultural heritage by *Instituto do Patrimônio Histórico Brasileiro e Artístico Nacional –IPHAN*(Institute of Brazilian National and Artistic Heritage) in 2018. The research took to ways of cataloging alternative publications and collections specialized on this type of bibliographic record. Due to this, an analysis was realized between records of fanzines in two different repositories and a comparative analysis made between two titles of *cordels* that are in three catalogs, in order to perceive how registration of the same title behaves in different collections. Based on observations, new fields were suggested in the Machine Readable Cataloging format (MARC), for a more adequate record of the works, and a framework based on the descriptive model for alternative publications proposed by xZINECOREx was elaborated, suggesting a description specific for this type of literature. The work also has a glossary, which aims to clarify the librarian or zine librarians, who comes to deal with this type of publication in its collection.

**Key words:** bibliographic record, cataloging, cordel, dublin core, fanzine, marc 21, xzinecorex.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Impressões Alternativas, Casa de Cultura da América Latina, 2014 .....	21
Figura 2 – Escafandro - Feira de artes e publicações independentes .....	22
Figura 3 – Fanzine “The Comet” Maio/1930.....	25
Figura 4 – Fanzine.....	28
Figura 5 – Cartaz “Seja marginal, seja herói” Hélio Oiticica, 1968.....	31
Figura 6 – Fanzine “Ficção” (1965), Edson Rontani.....	32
Figura 7 – Livro de artista.....	33
Figura 8 – Livro cartonero.....	34
Figura 9 – Resenha sobre Fanzine.....	35
Figura 10 – Resenha sobre o Fanzine “Sleeping Village”no Correio Braziliense .....	36
Figura 11 – Fanzinoteca de Poitiers/FR .....	40
Figura 12 – Fanzinotecas no Google Maps 1 .....	42
Figura 13 – Fanzinotecas no Google Maps 2 .....	43
Figura 14 – IFFANZINE/RJ (Interface – Sophia) Fanzine ”Traços de memória” .....	45
Figura 15 – IFFANZINE/RJ (Visão interna) .....	45
Figura 16 – Fanzinoteca Mutação/RS (visão interna do espaço físico) .....	46
Figura 17 – Anchor Archive de Halifax, Canadá .....	49
Figura 18 – Barnard Zine Library de New York .....	50
Figura 19 – Cordel .....	52
Figura 20 – Cordel registrado na Fundação Casa Rui Barbosa .....	53
Figura 21 – Campos Marc para fanzines .....	58
Figura 22 – Zine no Marc .....	59
Figura 23 – Registro e cordel no Dublin Core .....	60
Figura 24 – xZINECOREx / DUBLINCORE generator .....	62
Figura 25 – xZINECOREx / DUBLINCORE generator .....	63
Figura 26 – Fanzine 1 “Marx na Atualidade 2017”.....	77
Figura 27 – Registro em MARC do Fanzine 1 “Marx na Atualidade” .....	78
Figura 28 – Registro em DUBLIN CORE do Fanzine 1 “Marx na Atualidade” .....	78
Figura 29 – Registro de Fanzine 1 no acervo IFFanzine.....	79

Figura 30 – xZINECOREx / DUBLINCORE generator - Fanzine 1 “Marx na Atualidade”.....	79
Figura 31 – Fanzine 1 “Marx na Atualidade” no modelo xZINECOREx .....	80
Figura 32 – Fanzine 2 “Basements and Living Rooms #4” .....	83
Figura 33 – Fanzine 2 “Basements and Living Rooms” .....	84
Figura 34 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” acervo da Biblioteca Nacional....	86
Figura 35 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da Biblioteca Nacional. Registro em MARC .....	87
Figura 36 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da Biblioteca Nacional. Em Dublin Core .....	88
Figura 37 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da BCE .....	89
Figura 38 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da BCE. Marc XXI.....	90
Figura 39 – Referência cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” em Dublin Core .....	90
Figura 40 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa .....	91
Figura 41 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. Registro em Marc .....	92
Figura 42 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. Registro em Dublin Core .....	92
Figura 43 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“ (2012) registro no acervo da Biblioteca Nacional (BN) .....	93
Figura 44 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (2012) em MARC .....	94
Figura 45 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (2012) registro em Dublin Core .....	95
Figura 46 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (2012) no acervo da Biblioteca Central .....	95
Figura 47 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (2012) no acervo da Biblioteca Central (BCE) – Registro em MARC .....	96
Figura 48 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno”. (2012) registro no acervo da Biblioteca Central (BCE) – Referência Bibliográfica .....	96
Figura 49 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“ (2012) registro no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) .....	97
Figura 50 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“. (2012) registro em MARC .....	97

Figura 51 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“. (2012) em Dublin Core .....	98
Figura 52 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“. (2012) em Dublin Core.....	98
Figura 53 – Modelo proposto baseado no no manual de catalogação de folhetos de cordel.....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Semiprozines e Fanzines premiados entre 2008 e 2018 no Prêmio Hugo Awards .....	27
Quadro 2 – Comparativo “Brasil x Portugal” Cordel .....	51
Quadro 3 – Quadro 3 – Modelo xZINECOREx .....	56
Quadro 4 – Relação entre objetivos, fonte, coleta e análise de dados .....	65

## LISTA DE SIGLAS

AACR2	Anglo-American Cataloguing Rules, Second Edition
ABLC	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
BCE-UnB	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BD	Banda Desenhada
BN	Biblioteca Nacional
CALCO	Catálogo Legível por Computador
CDD	Classificação Decimal Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
DIY	Do It Yourself
DCMI	Dublin Core Metadata Initiative
EDA	Escritório de Direitos Autorais
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FIQ	Festival Internacional de Quadrinhos
FCRB	Fundação Casa Rui Barbosa
FRBR	Functional Requirement for Bibliographic Records
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
HQ	História em Quadrinhos
IFLA	International Federation of Library Association
ISBD	International Standard Bibliographic Description
ISO	International Organization for Standardization
ISSN	International Standard Serial Number
MARC	Machine Readable Cataloguing
PDF	Portable Document Format
QZAP	Queer Zine Archive Project
RUBI	Rede Universitária de Bibliotecas e Informação
SCI-FI	Science Fiction
UFOD	Union Française des Organismes de Documentation
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UnB	Universidade de Brasília
XML	Extensible Markup Language
ZLuc	Zine Library Union Conference

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1. JUSTIFICATIVA.....	20
1.2. OBJETIVO GERAL.....	24
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	24
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>22</b>
2.1. FANZINE: INÍCIO.....	25
2.1.2. Um panorama das publicações alternativas no Brasil.....	30
2.1.3. A cultura do Fanzine no DF: breve histórico.....	34
2.2. CATALOGAÇÃO DE FANZINES .....	37
2.2.1. Citando fanzine nos modelos Chicago Style, Apa e MLA, elaborado pela publicação <i>Cite this zine</i> .....	38
2.2.2 Sistemas de catalogação e descrição bibliográfica para publicações alternativas.....	40
2.3. FANZINOTECA.....	40
2.3.1. Fanzines, Fanzinotecas e Fanzinotecários.....	43
2.3.2 Fanzinotecas no Brasil .....	44
2.3.3 IFFanzine – Macaé/RJ .....	44
2.3.4 Mutação - Rio Grande/RS.....	46
2.4. TIPOLOGIAS DO FANZINE.....	47
2.4.1. Categorias de fanzines da Fanzinoteca de Poitiers/França .....	47
2.4.2. Especificidades dos fanzines da Anchor Archive (Halifax, Canadá).....	48
2.4.3. Gêneros de fanzines da Barnard Zine Library de New York .....	49
2.5. CORDEL.....	51
2.6. SISTEMAS DE CATALOGAÇÃO E DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA PARA PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS.....	55
2.6.1. xZINECOREx .....	56
2.7. Dublin Core .....	60

<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>64</b>
3.1. Quadro: Objetivos gerais x específicos .....	65
3.2. Sophia.....	66
3.2. MARC.....	67
3.3. AACR2.....	71
3.4. CATALOGAÇÃO DE FOLHETOS DE CORDEL.....	73
<b>4. APLICAÇÃO .....</b>	<b>76</b>
4.1. Item 1: Fanzine 1 “Marx na atualidade”.....	77
4.2. Item 2: Fanzine 2 “Basements and Living Rooms #4”.....	83
4.3. Item 3: Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel”.....	86
4.4. Item 4: Cordel 2 “Chegada de Lampião no inferno” .....	94
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIA .....</b>	<b>102</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>140</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as publicações alternativas, manifestações bibliográficas que, apesar de surgirem num cenário à margem do mercado editorial informal, tem a sua importância como documento. A biblioteca como uma instituição que representa, organiza e dissemina informação, deve cumprir sua função abrangendo em seu acervo todo tipo de documento, de acordo, com o contexto em que a biblioteca está inserida. O trabalho busca mostrar como tais publicações estão sendo organizadas e catalogadas. E, como amostragem, serão analisados registros de fanzine (palavra composta de fan de “fanatic” e zine de “magazine”)<sup>1</sup> e realizada uma análise comparativa entre cordéis de uma mesma obra em diferentes catálogos, SophiA<sup>2</sup> e PERGAMUM<sup>3</sup>; serão propostas melhorias em tais registros, tanto no formato MARC<sup>4</sup> quanto no *DUBLINCORE*<sup>5</sup>, baseadas no padrão descritivo do xZINECOREx<sup>6</sup> (Disponível no Anexo A), afim de adaptar o modelo e utilizá-lo em outros contextos.

O trabalho está organizado da seguinte forma: na **SEÇÃO 1**, foi delimitado o objeto de pesquisa, justifiquei a abordagem do tema e foram realizados os primeiros apontamentos, há também os objetivos (gerais e específicos), que norteiam o trabalho. Na **SEÇÃO 2**, inicia-se a revisão de literatura, onde contextualizo o fanzine e o cordel com elementos históricos, estudos e pesquisas sobre esses tipos de publicação; trata também da relação dessas publicações com a biblioteconomia e a biblioteca, se busca trazer um panorama atualizado das iniciativas e produções relacionadas ao fanzine e o cordel.

Na **SEÇÃO 3** de metodologia, os objetivos (geral e específicos) são esclarecidos, com um quadro baseado na tese do pesquisador LEITE (2011, p,11), da FCI-UnB, que traz a relação entre objetivos, fonte, coleta e análise de dados, e mostra o caminho que fiz para alcançar os resultados dos objetivos definidos no trabalho, capítulo em que trago breves definições e apontamentos da AACR2, MARC21,

<sup>1</sup> Chauvenet utilizou os vocábulos em inglês “Fan” e o sufixo de “Magazine” para batizar tais publicações que se tornavam cada vez mais populares na Europa. Disponível em: <[http://www.zinewiki.com/Louis\\_Russell\\_Chauvenet](http://www.zinewiki.com/Louis_Russell_Chauvenet)> Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>2</sup> SophiA biblioteca é um software para gestão de bibliotecas, criado e desenvolvido pela Prima Informática desde 1997. Fonte: CÔRTE, Adelaide Ramos et al. 2002. p. 149-153

<sup>3</sup> O PERGAMUM – Criado no Paraná, em 1997, o Sistema Integrado de Bibliotecas - é um sistema informatizado de gerenciamento de dados, direcionado aos diversos tipos de Centros de Informação. Sistema foi implementado na arquitetura cliente/servidor, com interface gráfica - programação em Delphi, utilizando banco de dados relacional SQL. O Sistema contempla as principais funções de uma Biblioteca, funcionando de forma integrada da aquisição ao empréstimo, tornando-se um software de gestão de Bibliotecas. (DIAS, 2007).

<sup>4</sup> O formato MARC é um conjunto de códigos e designações de conteúdos definido para codificar registros que serão interpretados por máquina. (BRAGA, 2014)

<sup>5</sup> O padrão DC (Dublin Core) fornece um modelo de metadados composto por 15 elementos básicos que foram projetados com a intenção de facilitar a descoberta de recursos eletrônicos pelas aplicações. (RÊGO, 2004).

<sup>6</sup> O xZINECOREx é um padrão de metadados emergente semelhante ao da DublinCore para fins de catalogação de zines. Disponível em: <<http://zinewiki.com/Xzinecorex>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SophiA como instrumentos utilizados e que auxiliam na elaboração do quadro com mais campos descritivos para um registro da obra mais completo, é abordada também o caderno técnico sobre catalogação de folhetos de cordel, material elaborado pela FUNARTE em 2002 e que foi a principal referência do trabalho em relação a catalogação do cordel especificamente.

Na **SEÇÃO 4**, penúltimo capítulo, é realizado a aplicação do modelo proposto, analiso dois fanzines diferentes, um brasileiro e um norte americano, cada um num catálogo diferente, um no sistema SophiA, da IFFanzine/RJ e outro da Anchor Archive Library Zine, fanzinoteca que fica em Halifax no Canadá, da qual retirei o registro a ser analisado, registro esse já orientado pelo padrão xZINECOREx. Trouxe também dois cordéis distintos em três catálogos que continham essas obras, em três registros diferentes dos cordéis e assim foi possível fazer uma análise comparativa dos registros.

Na **SEÇÃO 5**, há a conclusão, observações e sugestões para realizar um registro mais completo das publicações alternativas. Nos elementos pós textuais, foi extraído do texto um glossário contendo 77 termos, que visam esclarecer vocábulos usados durante o texto, mas que pode ser um útil instrumento para fanzinotecários, bibliotecários e entusiastas das publicações independentes. Nos **ANEXOS**, foi disponibilizado na íntegra, o fanzine oficial do xZINECOREx (xZINECOREx– An introduction, 2012) no Anexo A, que conta a história do padrão, contém exemplos e é uma publicação usada como um manual por quem utiliza o padrão xZINECOREx. Contém também, duas obras que foram aqui analisadas, o fanzine “Marx na atualidade” Anexo B, o cordel “A chegada de Lampião no inferno” no Anexo C. Ainda há uma seção de **APÊNDICES**, onde trouxe os registros de metadados completos dos dois fanzines analisados no trabalho, metadados gerados no site *Dublin Core Generator*<sup>7</sup> onde já é possível gerar o registro no padrão xZINECOREx.

---

<sup>7</sup> “Gerador em formato Dublin Core”. Disponível em: <[https://nsteffel.github.io/dublin\\_core\\_generator/generator\\_zc.html](https://nsteffel.github.io/dublin_core_generator/generator_zc.html)>. Acesso em: 03 jan. 2018.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Em 2014, participei contribuindo, junto com outros voluntários, com parte do acervo pessoal de fanzines<sup>8</sup> (*fanzine* –a partir desse momento, esse será o termo adotado para se referir ao objeto de estudo desse trabalho) da exposição “Impressões Alternativas”<sup>9</sup> (figura 1), realizada na CAL - Casa de Cultura da América Latina<sup>10</sup> com curadoria da Elisa Martínez<sup>11</sup>. A exposição tratava em refletir a variedade encontrada no universo das publicações alternativas, como o fanzine, livro de artista, livro objeto, cordel, revistas alternativas, publicações censuradas e etcétera. Na ocasião participei como integrante do grupo Antimatéria. No ano seguinte, junto com a Luciana Ribeiro,<sup>12</sup> foi realizada uma feira chamada: Escafandro - Feira de artes e publicações independentes<sup>13</sup> (figura 2), evento que convida editores de fanzines e expositores de publicações para expor e comercializar suas obras. Até 2017 foram realizadas cinco exposições/eventos contando com mais de 30 expositores, entre editoras de fanzines, de publicações independentes, fotógrafos, artistas plásticos/visuais, selos de música do Distrito Federal e outros estados.

Os eventos citados, Impressões Alternativas (2014) e Escafandro - Feira de artes e publicações independentes (2015-2017), somado à situação de graduando em biblioteconomia naquele contexto, acabou gerando o interesse em investigar as formas de catalogação dessa produção de fanzines, afinal muitos grupos e publicações possuem existência efêmera, e apesar da curta vida desses coletivos e publicações, são registros que devem estar acessível aos usuários e apreciadores desse tipo de literatura. Foi notado nos eventos um alto volume de publicações, gerando questionamentos: onde e como armazenar? Criar acervos específicos para essas publicações?

Esse tipo de manifestação bibliográfica de mídia alternativa vem ocorrendo desde a década de 1930, iniciada por grupos de apreciadores de ficção científica e histórias em quadrinhos, como observa Wertham “De acordo com Linda Bushyager”, na revista *Granfallon* 9, em entrevista a Bob Tucker (uma

---

<sup>8</sup> Ver glossário

<sup>9</sup> Exposição realizada em 2014 com o foco em publicações alternativas.

<sup>10</sup> Cal - Casa da Cultura da América Latina vem, criada em 1987. Além da promoção de eventos, é um importante espaço de estudo e de preservação do patrimônio cultural e artístico da UnB.

<sup>11</sup> Elisa Martínez, Professora do Departamento de Artes da UnB – Universidade de Brasília.

<sup>12</sup> Luciana Ribeiro, Mestra em Artes Visuais em 2017 com o tema da dissertação “O impresso na arte: uma busca pelo fanzine”. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31152/1/2017\\_LucianaRibeirodoNascimento.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31152/1/2017_LucianaRibeirodoNascimento.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>13</sup> Escafandro - Feira de artes e publicações independentes. Feira de publicações realizada no Distrito Federal desde 2015.

autoridade nas primeiras publicações de fantasia amadoras), o primeiro fanzine data de 1930 e se chama *The Comet*<sup>14</sup>, trata de ciência e ficção científica." (WERTHAM, 1973, p.14).

**Figura 1** – Cartaz “Exposição Impressões Alternativas”



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/escafandromatine/photos/pcb.2269818673262693/2269817009929526/?type=3&theater>>.

Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>14</sup> O primeiro fanzine lançado no mundo segundo a obra *The World of Fanzines - A Special Form of Communication* de Fredric Wertham, 1973.

**Figura 2** – Cartaz “Escafandro - Feira de artes e publicações independentes”



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/escafandromatine>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

O modelo de descrição de fanzines do xZINECOREx<sup>15</sup> nos fornece um padrão baseado nos campos do *DublinCore*, porém direcionado as publicações alternativas. Esse modelo vai auxiliar na construção da proposta do trabalho, ajudar a identificar nos registros aqui analisados, campos a serem aperfeiçoados e, se necessário, até a inclusão de novos campos descritivos, visando a otimização da descrição desses registros. A produção de fanzines é marcada pelo seu caráter desprezioso e subversivo, característica que resulta em fontes dispersas e dificuldade na recuperação da informação de tais publicações, resultando muitas vezes na perda definitiva das mesmas, e impossibilitando uma bibliografia que contenha um panorama mais aproximado da produção de publicações alternativas. Para a documentação, na concepção de Paul Otlet, segundo Fontoura:

A principal proposta da Documentação, foi a criação de um Repertório Bibliográfico Universal, que formado por milhões de fichas catalográficas, propunha- se a registrar a existência de todo o conhecimento humano, sobre todos os assuntos, de todas as épocas, em todas as línguas e sob todos os pontos de vista. (FONTOURA, 2012, p.27.)

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://zinelibraries.info/tag/xzinecorex/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

Para Otlet, numa perspectiva da documentação, a obra, independente do contexto, ideologia e intenção em que foi concebida, se valorizará por motivos alheios à vontade do autor, como a produção em baixa tiragem, ação do tempo, ressignificação de valores. Para o bibliotecário, qualquer documento tem a sua importância e deve ser considerado, observando a natureza do contexto na qual a biblioteca está inserida. Nas bibliotecas públicas brasileiras, não é comum haver acervos de fanzines, esse cenário, se deve muito por parte dos próprios bibliotecários que não tiveram, durante a graduação, a informação do que são publicações alternativas e como tratar tecnicamente. Se deve também aos próprios editores de fanzines que não demonstram interesse em formalizar suas publicações em moldes mais “padronizados” como, por exemplo, incluir International Standard Serial Number (ISSN)<sup>16</sup> na publicação.

No momento há algumas ações que buscam preservar a memória do fanzine, há o surgimento de novas fanzinotecas (inclusive no Brasil). Os próprios fanzines deram um salto qualitativo com exemplares cada vez mais bem cuidados, melhor diagramados, com uma boa impressão, muitas vezes em papel de alta qualidade, porém sem perder sua característica marginal, refletindo um viés pessoal e introspectivo, sem vínculo editorial (permitindo um ponto de vista livre e independente), retratando o que acontece ao redor, seja no âmbito político, cultural ou social.

Dadas essas situações, nota-se que, mesmo com algumas tentativas incipientes, em fase de implantação, ainda se tem um retorno insuficiente da produção de publicações alternativas em termos de números e dados<sup>17</sup>, impossibilitando uma análise mais exata da produção em termos de números. Fator que demanda ações, que visam contribuir com esse resgate, como a criação de políticas de preservação das obras, embasando projetos que venham atender essa demanda. Apresentado tais problemas e observando a ausência desse tema na produção científica da ciência da informação, o trabalho visa esclarecer alguns termos, processos, iniciativas, desse nicho editorial alternativo, com o intuito de familiarizar o bibliotecário para lidar com a possibilidade real de integração desse tipo de publicação em seu acervo.

---

<sup>16</sup> Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas – ISSN. Tradução livre

<sup>17</sup> O “Panorama Internacional de Zines e Publicações Independentes” em suas edições de 2013 e 2015, traz um apanhado de publicações alternativas, ativas no Brasil. Disponível em: <<https://www.ugrapress.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

## **1.2. OBJETIVO GERAL**

Propor a representação descritiva de publicações alternativas utilizando o modelo de catalogação de fanzines xZINECOREx como base.

## **1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Comparar registros de cordéis e fanzines entre diferentes catálogos.
- Descrever o modelo de catalogação de fanzines xZINECOREx.
- Propor modelo para descrição de fanzines orientado pelo padrão xZINECOREx.

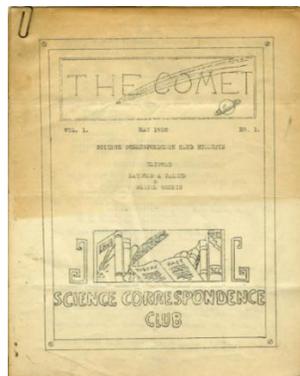
## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Para abarcar as publicações alternativas, seus conceitos e história e considerando os trabalhos que dissertam sobre o fanzine, contribuem as pesquisas e estudos de Barthel (2004), Duncombe (2008), Guimarães (1989), Magalhães (1993; 2004; 2005; 2013), Muniz (2009), Triggs (2010) e Wertham (1973). No âmbito dos cordéis, o Caderno técnico (Catalogação de folhetos de cordel. 2002), Melo (2017), são os instrumentos usados para nortear os acervos de cordéis no Brasil. Evaristo (2011) e Denículi (2004), foram os autores utilizados no estudo sobre AACR2, *Dublin Core* e MARC, fornecendo o embasamento necessário para otimizar a descrição dos registros de publicações independentes em ambiente virtual.

### 2.1. Fanzine: início

Sabe-se que os fanzines começaram a circular pela Europa e Estados Unidos da América na década de 1930, informação que é verificada pela literatura que aborda esse tema: títulos como *Cosmic Stories* de Jerry Siegel e *The Comet*<sup>18</sup>, de Raymond A. Palmer e Walter Dennis, membros do *Science Correspondence Club*, publicações que já circulavam, mas, ainda com características de boletim. Publicação, que geralmente tem como formato mais popular, a folha A4, com impressão em formato livreto, desenvolvido em 12 páginas, nessas primeiras décadas de disseminação o assunto predomina a ficção científica.

**Figura 3** – Fanzine “The comet” Maio/1930



Fonte: Disponível em: <[http://zinewiki.com/The\\_Comet](http://zinewiki.com/The_Comet)>. Acesso em: 20 nov, 2018.

<sup>18</sup> *The comet* (“O cometa”, tradução livre, é um fanzine que foi publicado em 1930 nos EUA por Raymond Palmer e Walter Dennis. *The Comet* é reconhecido como sendo o primeiro fanzine de ficção científica já publicado. Foi editado por Raymond Arthur Palmer e publicado pelo *Science Correspondence Club*. (WERTHAM, 1973)

O termo “fanzine”, utilizado para designar essas publicações amadoras, só surgiria em outubro de 1940. Era necessário adotar um termo que abrangesse mais elementos que somente *o universo da ficção científica*; o termo “fanzine” tem como criador Russel Chauvenet<sup>19</sup> (MAGALHÃES, 2013). Em 1937, surge a *Fantasy Amateur Press Association* (Associação de Imprensa Amadora Fantasia), criada por Donald A. Wollheim<sup>20</sup>. Em 1955, o Prêmio Hugo<sup>21</sup>, premiação para obras de fantasia e ficção científica, “incluiu uma categoria para fanzines, e, em 1984, uma para semiprozines” (LANGFORD, 2009). O prêmio é em homenagem a Hugo Gernsback, fundador da pioneira revista de ficção científica *Amazing Stories* que inicialmente era editada como fanzine. O Hugo Awards (conhecido como *Science Fiction Achievement Award*<sup>22</sup>), premia por excelência anualmente romances de fantasia ou ficção científica publicados em inglês ou traduzidos para o inglês. Eles foram concedidos pela primeira vez em 1953, e foram concedidos todos os anos desde 1955. Os prêmios Hugo, que são realizados e votados pelos fãs, são concedidos a cada ano na Convenção Mundial de Ficção Científica (*Worldcon*). As categorias de maior prestígio são “Melhor Novela” e “Melhor Apresentação Dramática”. No entanto, existem muitos outros Prêmios Hugo disponíveis, incluindo alguns para obra de ficção curta, para artistas, editores e alguns para atividades de fãs (como semiprozines, fanzines e fancast). Em seis décadas de atividades ininterruptas, diversos escritores prestigiados mundialmente já foram premiados, como J. K. Rowling, Neil Gaiman, Isaac Asimov. Pesquisei algumas informações referentes aos critérios de escolha e delimitação das categorias fanzines e semiprozines<sup>23</sup>, o prêmio Hugo premia essencialmente publicações de ficção científica.

Categoria “Semiprozines”: esta é a primeira das três categorias de publicação / trabalho em série (semiprozine, fanzine e revistas em quadrinhos). Para se inscrever e se qualificar no prêmio, a publicação deve ter pelo menos 4 números lançados e pelo menos um destes deve ter sido lançado no ano corrente em que se pretende concorrer (esse critério é utilizado para todas as publicações inscritas) deve atender também aos requisitos adicionais listados abaixo. (Disponível em: <<http://www.thehugoawards.org/hugo-categories/>>. Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>19</sup> Louis Russell Chauvenet (12 de fevereiro de 1920 à 24 de junho de 2003) foi editor de fanzines, fã de ficção científica e o criador do termo “fanzine”. Disponível em: <[http://www.zinewiki.com/Louis\\_Russell\\_Chauvenet](http://www.zinewiki.com/Louis_Russell_Chauvenet)> Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>20</sup> Donald Allen Wollheim (1 de outubro, 1914 – 2 de novembro, 1990) editor americano de ficção científica, editor, escritor e fã. Como autor, ele publicou em seu próprio nome, bem como sob pseudônimos, incluindo David Grinnell. (Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Donald\\_A.\\_Wollheim](https://en.wikipedia.org/wiki/Donald_A._Wollheim)>. Acesso em: 10 out. 2018)

<sup>21</sup> O prêmio Hugo, premia por excelência no campo da ficção científica e fantasia. Eles foram concedidos pela primeira vez em 1953, e foram concedidos todos os anos desde 1955. Os prêmios são realizados e votados pelos fãs. «The Hugo Awards: FAQ». World Science Fiction Society. Acesso em 22 ago. 2018.

<sup>22</sup> *Science Fiction Achievement Award* (Prêmio de realização em Ficção científica) Tradução livre.

<sup>23</sup> Ver glossário.

O semiprozine, segundo os avaliadores do prêmio, é a categoria mais complicada de delimitar, devido à proximidade que há entre a publicação “semiprofissional” e “amadora”. Muitas revistas de ficção científica e fantasia são executadas em uma base semi-profissional: ou seja, elas pagam um pouco, mas geralmente não ao ponto de sustentar a vida do editor. O objetivo dessa categoria é separar essas características dos fanzines, pois geralmente são atividades amadoras e que não visam lucro. O semiprozine deve atender a pelo menos um dos seguintes critérios: 1 - A publicação remunera seus colaboradores e / ou funcionários (pagar os colaboradores com cópias da publicação não é considerado remuneração), há um vínculo profissional entre editores e os colaboradores. 2 - A publicação deve estar disponível apenas para venda. As informações aqui contidas sobre o prêmio Hugo Awards, foram retiradas da página oficial do evento<sup>24</sup>.

Categoria “Melhor Fanzine” (“*Best Fanzine*”). Tradução livre): Este prêmio é para qualquer publicação alternativa que não seja nem profissional, nem semiprofissional e que não se qualifique como um Fancast. A forma de submissão da obra no prêmio é igual ao dos “semiprozines”, a publicação deve ter pelo menos 4 números lançados e pelo menos um destes deve ter sido lançado no ano corrente em que se pretende concorrer. (Disponível em: <<http://www.thehugoawards.org/hugo-categories/>>. Acesso em: 25 nov. 2018)

Quadro 1 - Semiprozines e Fanzines premiados entre 2008 e 2018 no Prêmio Hugo Awards

	2018	2017	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010	2009	2008
THE HUGO AWARDS (2008-2018)	BEST SEMIPROZINE - <i>Uncanny Magazine</i> , edited by Lynne M. Thomas & Michael Damian Thomas, Michi Trota, and Julia Rios; podcasts produced by Erika Ensign & Steven Schapansky	BEST SEMIPROZINE - <i>Uncanny Magazine</i> , edited by Lynne M. Thomas & Michael Damian Thomas, Michi Trota, Julia Rios and podcast produced by Erika Ensign & Steven Schapansky	BEST SEMIPROZINE - <i>Uncanny Magazine</i> edited by Lynne M. Thomas & Michael Damian Thomas, Michi Trota, and Erika Ensign & Steven Schapansky	BEST SEMIPROZINE - <i>Lightspeed Magazine</i> , edited by John Joseph Adams, Stefan Rudnicki, Rich Horton, Wendy N. Wagner, and Christie Yant	BEST SEMIPROZINE - <i>Lightspeed Magazine</i> , edited by John Joseph Adams, Rich Horton, and Stefan Rudnicki	BEST SEMIPROZINE - <i>Clarkesworld</i> , edited by Neil Clarke, Jason Heller, Sean Wallace and Kate Baker	BEST SEMIPROZINE - <i>Locus</i> , edited by Liza Groen Trombi, KirstenGong-Wong, et al.	BEST SEMIPROZINE - <i>Clarkesworld</i> , edited by Neil Clarke, Cheryl Morgan, Sean Wallace, & Cheryl Morgan	BEST SEMIPROZINE - <i>Clarkesworld</i> edited by Neil Clarke, Sean Wallace, & Cheryl Morgan	BEST SEMIPROZINE - <i>Weird Tales</i> edited by Ann VanderMeer & Stephen H. Segal	BEST SEMIPROZINE - <i>Locus</i> edited by Charles N. Brown, Kirsten Gong-Wong, Liza Groen Trombi
	BEST FANZINE - <i>File 770</i> , edited by Mike Glyer	BEST FANZINE - <i>Lady Business</i> , edited by Clare, Ira, Jodie, KJ, Renay, and Susan	BEST FANZINE - <i>File 770</i> edited by Mike Glyer	BEST FANZINE - <i>Journey Planet</i> , edited by James Bacon, Christopher J Garcia, Colin Harris, Alissa McKersie, and Helen J. Montgomery	BEST FANZINE - <i>A Dribble of Ink</i> , edited by Aidan Moher	BEST FANZINE - <i>SF Signal</i> , edited by John DeNardo, JP Frantz, and Patrick Hester	BEST FANZINE - <i>SF Signal</i> , edited by John DeNardo	BEST FANZINE - <i>The Drink Tank</i> , edited by Christopher J Garcia and James Bacon	BEST FANZINE - <i>Star Ship Sofa</i> edited by Tony C. Smith	BEST FANZINE - <i>Electric Velocipede</i> edited by John Klima	BEST FANZINE - <i>File 770</i> edited by Mike Glyer

Fonte: Elaboração própria, dados obtidos do *site*. (Disponível em: <<http://www.thehugoawards.org>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

<sup>24</sup> Hugo Awards – Disponível em: <<http://www.thehugoawards.org>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

O uso dos fanzines foi marcante na Europa, especialmente na França. Em 1962, foi lançado o fanzine *Giff-Wiff* do *Club des bandes dessinées* (Clube das bandas desenhadas<sup>25</sup>). O fanzine (figura 4) contou com a presença de entusiastas dos quadrinhos como o jornalista Francis Lacassin<sup>26</sup> e o diretor Alain Resnais<sup>27</sup>. Posteriormente, tornou-se uma revista profissional e o clube mudou o nome para *Centre d'études des littératures d'expression graphique*<sup>28</sup>. (MAGALHÃES, 2013). Os fanzines também foram importantes durante os movimentos de contracultura de 1968 (MICHEL, 1975).

Figura 4 – Fanzine



Fonte: Disponível em: <Fonte: <https://catracalivre.com.br/criatividade/tutorial-como-fazer-um-fanzine>>. Acesso em: 13 jun, 2018.

Em meados da década de 1950, vários fãs de ficção científica e quadrinhos reconheceram um interesse compartilhado pelo *Rock and Roll*, dando origem a fanzines de *rock*. Paul Williams e Greg Shaw foram dois fãs de ficção científica transformados em editores de fanzines de *rock*. *Crawdaddy!* de

<sup>25</sup> Ver glossário.

<sup>26</sup> Francis Lacassin (Saint-Jean-du-Gard, 18 de novembro de 1931 - Paris, 12 de agosto de 2008) foi um jornalista, editor e escritor francês. Escreveu literatura fantástica e policial e foi um especialista na cultura pop. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2008/08/14/01011-20080814FILWWW00462-deces-de-l-editeur-francis-lacassin.php>> Acesso em: 28 de set. 2018

<sup>27</sup> Alain Resnais (Vannes, 3 de junho de 1922 — Paris, 1 de março de 2014) foi um famoso cineasta francês conhecido por suas obras de ficção poética, filmes têm como marca o uso de temáticas que abordam questões de tempo e memória. Disponível em: <[https://www.imdb.com/name/nm0720297/?ref\\_=nv\\_sr\\_1](https://www.imdb.com/name/nm0720297/?ref_=nv_sr_1)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

<sup>28</sup> Em 1961, o Club des bandes dessinées (Clube das Bandas desenhadas) foi fundado por Francis Lacassin, Alain Resnais e Evelyne Sullerot. Tornou-se em 1962 o *Centre d'études des littératures d'expression graphique* (Centro de Estudos de Literaturas de Expressão Gráfica), associada à lei de 1901 fundada para promover o estudo e distribuição de quadrinhos. – Parte da Federação Internacional de Centros de Pesquisa em Quadrinhos.

Williams (1966) e os dois fanzines criados por Shaw, *Mojo Navigator*<sup>29</sup> (1966) e *Who Put the Bomp*<sup>30</sup> (1970), estão entre os fanzines de *rock* mais importantes.

No Japão, o equivalente dos fanzine são os *dōjinshis*<sup>31</sup>, publicações independentes vendidas em convenções como a Comiket. Embora muitas publicações sejam fanfics ou revistas dedicadas a uma determinada franquia de anime (animação japonesa) ou videogames, existem também muitas obras autorais. A palavra deriva dos termos *dōjin* (同人, palavra japonesa que designa um grupo de pessoas com o mesmo interesse - ou, de forma mais coloquial, uma "turma"<sup>32</sup>) e *shi* (誌, uma forma mais comprimida de "zasshi", ou "revista"<sup>32</sup>). O termo *dōjin* também é usado para música e videogames independentes (*dōjin soft*). (ISHIKAWA, 2007, P.32)

Os fanzines são agentes de memória<sup>32</sup> que lidam com idiossincrasias, refletindo processos de identificações historicamente apropriadas, que conferem sentido de pertencimento a algum grupo. A identidade deriva dos processos interativos e do apego constante ao passado, de acordo com Halbwachs (2006); a memória reforça o sentimento de “pertença identitária” (uma marca significativa de vontade pessoal, individual e/ou coletiva). Neste sentido, o lugar de memória (NORA, 1993) expressa sentimentos de reconhecimento e pertencimento a um grupo numa sociedade, ou seja, *o que* expressa a sua identidade, legitima a história, constituindo-se em uma produção voluntária e organizada na memória perdida. Já na condição de Patrimônio –conjunto de bens (materiais e imateriais) que são considerados de interesse coletivo suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo –contribui para manter e preservar a identidade de uma nação. Há a materialização da identidade de um grupo/sociedade, evocando um passado especificamente dado (CHOAY, 2001).

---

<sup>29</sup> “Navegador”. Tradução livre.

<sup>30</sup> “Quem colocou o *bomp*” (*bomp-onomatopéia*). Tradução livre.

<sup>31</sup> Ver glossário

<sup>32</sup> Documentos, institucionalizados ou não, que podem despertar nos sujeitos diferentes lembranças sobre determinados acontecimentos do passado. (AMARAL, 2017, p. 39)

### 2.1.2. Um panorama das publicações alternativas no Brasil

No Brasil, na década de 1960, Edson Rontani<sup>33</sup>, no interior de São Paulo, em Piracicaba, fundou o “Intercâmbio Ciência-Ficção - Alex Raymond”, em homenagem ao desenhista do personagem *Flash Gordon*, e editou um boletim para abordar quadrinhos e reunir os amantes dessa corrente artística; em 12 de outubro de 1965, Rontani lança o primeiro fanzine brasileiro intitulado “*Ficção*” (MAGALHÃES, 1993, p.39), que completou 50 anos em 2015, data essa, que foi oficializada como o Dia Nacional do Fanzine desde 2012, campanha idealizada por Gazy Andraus<sup>34</sup>.

No período das décadas de 1960, 1970 e 1980, houve uma significativa movimentação dentro das publicações alternativas, com a repressão institucionalizada durante estas décadas, foi preciso experimentar novas formas de produção e difusão da arte, através de mimeógrafos<sup>35</sup> e outros equipamentos de reprodução. Poetas, jornalistas, escritores e artistas disseminavam sua mensagem, multiplicando os exemplares de sua obra e distribuindo; no Brasil esse movimento ficou conhecido como “Geração Mimeógrafo”<sup>36</sup>. Na literatura, música e poesia, essa fração de artistas que viviam à margem do *mainstream*<sup>37</sup>, foi representada por nomes como Paulo Leminski, Tom Zé, Jorge Mautner, Jards Macalé, Luiz Melodia, José Agripino de Paula, Waly Salomão, Francisco Alvim, Torquato Neto e Chacal. Artistas que viriam a ser bastante representativos na cultura brasileira dentro de suas respectivas áreas. Entre obras icônicas do período, podemos citar, o “Mini Manual do Guerrilheiro Urbano” escrito em 1969. Segundo Valente (2017, p.66), “O Minimanual do Guerrilheiro Urbano foi uma obra do guerrilheiro comunista Carlos Marighella, redigido em 1969. Com a finalidade de ensinar articulações e métodos de securitização (...)”, circulou em versões mimeografadas e fotocopiadas. O Cartaz “Seja

<sup>33</sup> Nascido em Piracicaba, São Paulo, (23 de março de 1933-24 de fevereiro de 1997) Edson Rontani tornou-se conhecido por criar o primeiro fanzine no Brasil, chamado “Ficção”. Seu sobrenome é sinônimo de artes em geral, dedicando grande parte de seus 64 anos de vida às artes. Formado em direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) (NEGRI, 2005, p.3)

<sup>34</sup> Nascido aos 11 de janeiro de 1967 em Ituiutaba, MG, possui Doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA - Escola de Comunicações e Artes da USP - Universidade de São Paulo (2006), mestrado em Artes pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado (1992). Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/1308648/gazy-andraus>>. Acesso em 16 nov. 2018.

<sup>35</sup> O mimeógrafo é o equipamento com menor custo de reprodução de cópias que existe, pois além do aparelho mimeógrafo ter um custo mais baixo que uma copiadora, tem também a vantagem de não necessitar de energia elétrica, pois o seu uso é manual a base de manivela, sendo que também não há custos com cartucho, sendo que o único insumo necessário é o papel estêncil e o álcool. (Disponível em: <<http://aunimaq.com.br/portal/index>>. Acesso em 19 nov. 2018)

<sup>36</sup> Ver glossário.

<sup>37</sup> Literalmente “dominante” ou “grande público”. Diz por exemplo de um produto cultural voltado para o público em geral. “*Mainstream culture*” pode ter uma conotação positiva, no sentido de “cultura para todos”, mas também negativa, no sentido de “cultura dominante” (MARTEL, 2012, p.429)

marginal, seja herói” (figura 5), feito por Hélio Oiticica, em 1968, foi outra obra muito reproduzida e simboliza bem tal período.

**Figura 5** – Cartaz “Seja marginal, seja herói” Hélio Oiticica, 1968



Fonte: Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/ADBeGz/>>. Acesso em: 21 nov, 2018.

Segundo alguns estudos, baseados em Magalhães e Oliveira, podemos depreender que na cena alternativa musical brasileira os primeiros fanzines são “Factor Zero”, de São Paulo (1981), “Exterminação” (1981), de São Bernardo do Campo/SP (1981), “Manifesto *punk*”, Rio de Janeiro (1982). Desde 1965 se tem notícias de boletins de ficção científica e histórias em quadrinhos no Brasil, o “Boletim Antares” é de 1982, e era um instrumento difusor do Clube de Ficção Científica Antares<sup>38</sup>, segundo Oliveira (2006, p.21). Rontani relembra dos primórdios, na década de 1960, “Eu enviava o Ficção (figura 6) para o exterior e um clube de colecionadores franceses enviou um comentário sobre o boletim chamando-o de fanzine. Assim resolvi adotar a nomenclatura, quando voltei a editar” (RONTANI, 1985).

Em 1930 surge o primeiro fanzine de ficção. Nos anos 50, aparecem os dedicados às bandas de rock, e, em seguida, ele se transforma em elemento político chave no movimento de contracultura dos anos 60. Nos anos 70 foram uma forma do movimento Punk espalhar a sua ética do “do it yourself” nos anos 80 enfim, converte-se num meio de escritores divulgarem os seus pensamentos, o que não seria possível pelos meios comuns de comunicação de massas” (DUNCOMBE, 1996, p.23)

<sup>38</sup> Disponível em: <[http://www.clfc.com.br/?page\\_id=10](http://www.clfc.com.br/?page_id=10)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Figura 6 – Fanzine “Ficção” (1965), Edson Rontani.



Fonte: (NEGRI, 2005 p. 3).

Nos anuários de fanzines, zines e publicações independentes (dos anos de 2011, 2013, 2015) e nos dois únicos números existentes do Panorama Internacional de Zines e Publicações Independentes<sup>39</sup> que abre chamamento público para o envio de publicações alcançando um grande número de editores brasileiros, traz importantes dados da produção nacional, ambos da editora independente Ugra Press<sup>40</sup>, que também organiza a Ugra Zine Fest (feira de publicações com faneditores de todo Brasil) e também é a primeira loja física especializada no assunto<sup>41</sup>. “41,71% fanzines no Brasil são produzidos em São Paulo, seguido de Rio Grande do Sul 14,85 e Rio de Janeiro com 11,42%. As formas de impressão mais utilizadas são a xerox 44,58% e a Impressão digital com 26,66%. As tiragens com maior porcentagem são de até 50 cópias 20,41% e até 200 exemplares 19,16%. Os temas mais abordados são Quadrinhos 34,16%, Temas mistos 20,83%, Arte 12,68%, Música 9,58%.” (Publicação Internacional de Zines e Publicações Independentes, 2015)<sup>42</sup> Se sabe também que 40% dos fanzines no mundo são produzidos por mulheres. No sítio de relações da rede social do *Orkut*, em 2007, por exemplo, constavam 266 comunidades relacionadas à palavra-chave “fanzine” e 423 à palavra “zines”. No *facebook* (conforme consulta realizada em 13 de novembro de 2018), foram encontrados 97 grupos ao pesquisarmos o termo “zine” e outros 110 grupos quando pesquisamos “fanzine”.

<sup>39</sup> Projeto que cataloga e divulga a produção impressa independente.

<sup>40</sup> A Ugra Press é uma editora, loja virtual, produtora e desde julho de 2015 possui sua loja física em São Paulo. Também organiza anualmente o evento Ugra Fest. O principal foco de seu trabalho é a fomentação e divulgação da cultura independente. Acesso em <https://www.facebook.com/pg/ugrapress/about/>

<sup>41</sup> Inaugurada em julho de 2015, a loja física da Ugra fica na Galeria Ouro Velho (Rua Augusta, 1371, loja 116). Disponível em: <<https://www.ugrapress.com.br/conheca-nossa-loja/>> acesso em 19 nov. 2018.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.ugrapress.com.br/>> acesso em 19 nov. 2018.

**Figura 7 – Livro de artista**



Fonte: Ivo Moreira (1979. Portugal). Disponível em: <<http://diario-grafico.blogspot.com/2006/12/livro-de-artista-1.html> />.

Acesso em: 19 ago. 2018

Houve um aumento no número das Feiras de publicações alternativas aqui no Brasil, e alguns exemplos são a Feira Plana<sup>43</sup> (SP), Feira Miolo (SP), o Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ) (MG), Comic Con Experience<sup>44</sup> (CCXP) (SP), Ugra Fest - Quadrinhos e Publicações Independentes<sup>45</sup> (SP), Feira Tijuana de Arte Impressa (SP), GibiCon em Curitiba (PR), e da Feira Pão de Forma (RJ). Parada Gráfica, de Porto Alegre (RS), Mostra Grampo de Publicações Independentes (RJ)<sup>46</sup>, Faísca – Mercado Gráfico (MG)<sup>47</sup>, Feira Piranha - feira de arte gráfica, (RJ), Fest Comix (SP), Feira Ladeira - Impressos e Publicação Independente<sup>48</sup>, de Salvador (BA), Fanzinada<sup>49</sup> (SP), Feira (Des)Gráfica<sup>50</sup> (SP), Bienal Internacional de Guarulhos do Formato Pequeno<sup>51</sup> (SP). Do Distrito Federal temos a Feira Dente, Escafandro - Feira de artes e publicações alternativas<sup>52</sup>, Banca Sem Parede - Encontro anual de zines e publicações alternativas, Motim – Mercado de Produção independente<sup>53</sup>. Essas feiras são fontes de aquisição e seleção para formação de acervos, assim como shows de bandas independentes locais, livrarias independentes, entrar em contato com os próprios autores e selos.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.feiraplana.org/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.ccxp.com.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://www.ugrafest.com.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/mostragrampo>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mercadofaisca/>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/feiraladeira/>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://fanzinada.blogspot.com/>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/mis-realiza-a-edicao-2017-da-feira-des-grafica/#more-664>>. Acesso em 23 dez. 2018.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://4bigpequenoformato.blogspot.com/>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://escafandro.minestore.com.br/>>. Acesso em 23 de. 2018.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://motim.art.br/>>. Acesso em 23 de. 2018.

**Figura 8 – Livro cartonero**



Fonte: Disponível em: </ <http://www.e-cultura.sapo.pt/evento/7927> />. Acesso em: 18 ago. 2018.

Dentro de publicações alternativas, podemos considerar alguns tipos de registros bibliográficos como o fanzine, cordel<sup>54</sup>, livros censurados, jornais e livros independentes, livros de artista<sup>55</sup>, novelas eróticas proibidas, livro arte<sup>56</sup>(figura 7), livros cartoneros<sup>57</sup> (figura 8). Em um apanhado de termos, realizado pela Biblioteca da Universidade de Sacramento<sup>58</sup> no estado norte americano da Califórnia, diz-se que, “publicações alternativas expressam pontos de vista não tipicamente representados nas publicações *mainstream* ou corporativas”. Para Orlando (1963), as publicações alternativas ou “marginais” são as obras que melhor refletem a realidade de cada período e local “*estaba convencido que sólo los escritos más ordinarios y modestos dan una justa idea de la mentalidad de una época y ayudan a situar un tanto las obras geniales en una perspectiva histórica exacta*”<sup>59</sup> (ORLANDO, 1963) apud ENTERRÍA. Literaturas Marginada, 1983). São registros bibliográficos que circulam independente dos meios convencionais de difusão, criando assim suportes para a propagação de ideias de uma mídia alternativa<sup>60</sup> de um determinado local ou cultura.

### 2.1.3. A cultura do Fanzine no DF: breve histórico

O Distrito Federal é um notável expoente da cultura de publicações alternativas, ainda na década de 1970, fanzines feito por fãs (de bandas como The Beatles, Black Sabbath, Elvis Presley...) tomavam

<sup>54</sup> Ver glossário

<sup>55</sup> Ver glossário

<sup>56</sup> Ver glossário

<sup>57</sup> Ver glossário

<sup>58</sup> Disponível em: <[http://csus.libguides.com/alternative\\_publications](http://csus.libguides.com/alternative_publications)>. Acesso em: 19 nov. 2018.

<sup>59</sup> “estava convencido que só as publicações mais ordinários e modestos dão uma justa ideia da mentalidade de uma época e ajudam a situar as obras geniais em uma perspectiva histórica exata”. Tradução livre

<sup>60</sup> Ver glossário

as ruas das cidades satélites como Guará e Taguatinga. Ricardo Tubá<sup>61</sup>, Mário Pazcheco, Fábio Guedes<sup>62</sup>, Tomáz André, Fellipe CDC<sup>63</sup> (todos ainda envolvidos em menor ou maior grau com as publicações alternativas) são alguns nomes significativos e pioneiros na cidade. Na década de 1970, Nicohlas Behr, poeta, oriundo da literatura marginal, em Brasília, editava seus “livros”, copiava em mimeógrafos e disseminava pela cidade, Bastos (2009, p.16) “editados entre 1977 e 1980, totalizando 15 pequenos livros confeccionados e distribuídos pelo próprio poeta nas ruas, bares, teatros, cinemas e ônibus de Brasília. Em 2005, o poeta reúne cinco daqueles “livrinhos” na coletânea Restos vitais (de publicação independente).”

Como consumidor e em alguns momentos editor, atuando em atividades culturais das mais diversas (músico, produtor de eventos, artista plástico...) nas últimas duas décadas (2000, 2010), sou testemunha ocular da movimentação das publicações alternativas no Distrito Federal, e cito algumas obras importantes desse cenário editorial, foi considerado aqui nesse pequeno apontamento, a importância histórica que os fanzines que tiveram (ou ainda tem), e uma continuidade de números maior.

**Figura 9 – Resenha sobre Fanzine**



Fonte: (PAZCHECO, M. 2014, p.122).

Entre notórios títulos lançados na cidade, destacamos aqui, “Tupanzine” (produzido por Ricardo Tubá, o Tupanzine<sup>64</sup> é composto por entrevistas, humor, críticas e resenhas de shows), “Fina Flor do Rock” (produção - Fellipe CDC, fanzine já extinto, foram lançados mais de 100 números), Zine Oficial

<sup>61</sup> Francisco Ricardo da Silva, idealizador da publicação TUPANZINE/DF. Nota do autor

<sup>62</sup> Jornalista que em seu trabalho de conclusão de curso em Comunicação social, produziu um documentário, chamado “Fanzines: A Espinha Dorsal do Underground” abordando o fanzine em Brasília. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2u4w0-pl70k&t=25s>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

<sup>63</sup> Fellipe José Sallis de Sant’anna personagem emblemático da cena cultural do Distrito Federal, mais conhecido como CDC (Cara de cachorro) grande entusiasta do fanzine, colaborador em outras publicações dentro e fora do DF. Atualmente produz o programa radiofônico ZINE SE, cuja a idéia inovadora é ser um fanzine em forma de programa de rádio. (Nota do autor)

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://tupanzine.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

(ainda em atividade, em 10 anos de circulação do Zine Oficial essa publicação alternativa ultrapassou a marca de 140 mil exemplares impressos no ano de 2015<sup>65</sup>), Acid Farted (produzido por Fábio Guedes, o seu fanzine Acid Farted existe desde 1994<sup>66</sup>).

Mário Pazcheco, um dos pioneiros na cena das publicações alternativas, faz fanzines desde 1982; dentre seus títulos lançados, temos *Oldies but Goldies* (dedicado aos Beatles), *Jornal do Rock*, *Sleeping Village* (dedicado ao *Black Sabbath*)<sup>67</sup> (figura 10), fanzines estes que duraram até 1989, dando início a carreira de escritor de livros, lançando, entre outros títulos, *Todas As Gerações - o Conto Brasiliense Contemporâneo* (Antologia, 2006), *10.000 dias de rock* (2014) e *Coisa de fã* (2018); mantém também o site “Do próprio bolso”<sup>68</sup>, onde é disponibilizado boa parte de seu acervo em formato digital, composto por itens acumulados durante décadas, fruto de um colecionismo que preserva uma parte significativa da cultura local e nacional.

**Figura 10** - Resenha sobre o fanzine “Sleeping Village”



**Fonte:** *Jornal Correio Braziliense* em 20/05/1985 apud Pazcheco, M. 2014, p.157)

Atualmente, a Feira Dente de publicações tem sido um importante difusor da cultura do fanzine, evento que acontece anualmente desde 2015, premia publicações alternativas e movimentava a cena do

<sup>65</sup> Disponível em: <[http://www.zineoficial.com.br/qzo\\_festival\\_2015.html](http://www.zineoficial.com.br/qzo_festival_2015.html)>. Acesso em: 10 out.2018

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://acidfartedzine.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 out. 2018

<sup>67</sup> Entrevista cedida ao autor em 30/09/2018.

<sup>68</sup> Do próprio bolso – Disponível em:<<http://www.dopropriobolso.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2019.

fanzine no Distrito Federal, cidade de maneira positiva, sendo um evento que funciona como um instrumento de valorização do fanzine.

Principal produção do coletivo Dente<sup>69</sup>, é uma feira nacional e anual, que surge com o objetivo de legitimar Brasília como ponto de referência dentro do mercado editorial, de dar visibilidade e destaque à produção brasiliense e independente, proporcionar o contato entre a comunidade do Distrito Federal e produções de outras regiões do país, prezando pela relação direta entre autores, editoras e consumidores, assim como propõe-se a fomentar a renovação do público leitor, consumidor e de novos produtores, por meio de atividades de oficinas, mesas de debate e rodas de conversa.” (Disponível em <https://feiradente.com/>. Acesso em 10 out. 2018)

## 2.2. CATALOGAÇÃO DE FANZINE.

Para catalogar devemos primeiramente entender o conceito de catalogação, que segundo Mey (1995, p.5) define catalogação da seguinte forma: “catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.” Na questão da publicação alternativa, para Magalhães (1993, p.63) “Cada fanzine lançado é um documento, por mais simples que ele seja” Na definição “oficial” de documento pela *Union Française des Organismes de Documentation* (UFOD)<sup>70</sup>, temos “toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova” (BRIET, 2016, p.1). Os Fanzines se enquadram nas definições explicitadas nesse parágrafo, portanto devemos dar o devido tratamento a esses documentos possibilitando o estudo e a pesquisa desses registros bibliográficos.

Os fanzines pertencem à dimensão material da cultura, por serem uma publicação impressa; à dimensão social, por encontrarem seu sentido na distribuição e troca com outras pessoas e zineiros, e à dimensão mental da cultura da memória, por servirem de potencial gatilho às mais diversas lembranças tanto a partir de sua forma física quanto de seu conteúdo, já que a linguagem que impera em um fanzine é aquela que seu(s) autor(es) decide(m) por bem utilizar, sem os filtros do mercado editorial. (AMARAL. 2017, p.49)

Explorando mais os conceitos de catalogação, temos Otlet observando a função prática do registro em um tipo de suporte (no caso, o livro e o documento): “O livro e o documento trouxeram o ser humano para uma nova realidade: a materialização do pensamento” (OTLET, 1934, p. 425). Porém com a “explosão informacional”, impulsionada por Gutenberg<sup>71</sup>, era necessário ter de maneira organizada a informação contida em unidades de informação, caso contrário, qualquer atividade simples de busca,

<sup>69</sup> DENTE é um coletivo de produção de feiras e eventos voltados às publicações independentes e autorais que não circulam no meio editorial e comercial convencionais. Disponível em: <<https://feiradente.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>70</sup> “União Francesa de Organismos de Documentação”. Tradução livre.

<sup>71</sup> Gutenberg, Johann Gensfleisch (1397-1468), nascido na cidade de Móguncia (Alemanha) atribui-se a ele a invenção de um processo de produção em massa de tipo móvel, a prensa de tipos móveis, aproximadamente em 1450. (GASPAR, 2004, p.1)

poderia se tornar uma complexa missão, com grande possibilidade de não obter sucesso em seu intento. “O objetivo da catalogação é que o registro descrito através de instrumentos de pesquisa, os quais são resultados da catalogação, seja recuperado pelo usuário que o procura. Assim sendo existem códigos de catalogação que são formados a partir da “conveniência do usuário”. (MEY; SILVEIRA, 2010, p. 126). Os registros resultarão em um catálogo, ao qual Mey e Silveira (2010) ressaltam que, em sua construção, é necessário um estudo sobre o público que esse catálogo irá atender. Mey (1995, p. 7) destaca “a catalogação deve possuir as seguintes características: integridade, clareza, precisão, lógica e consistência”.

O conceito de documento nos leva também ao conceito de *memória*. Para que possamos pensar o documento como “aquilo que ensina” ou “como suporte de informação”, não podemos abrir mão da memória. “Não há aprendizagem e não há informação sem a presença da memória.” (CHAGAS, 1994, p. 37). Erll (2011, p. 113), diz algo semelhante referente ao suporte, pois a “Memória cultural é impensável sem as mídias.”

No sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD)<sup>72</sup> não há uma classe específica para os fanzines, mas numa observação das 9 classes existentes em busca de similaridades, segue um pequeno apontamento de classificações aproximadas para as publicações alternativas: 302.234 (revistas/periódicos), 398.5 (literatura de cordel, livros de bolso, folhetos com histórias e músicas populares), 686.2 (Impressão), 741.65 (Revistas e jornais), 769 (gravuras impressas, coleções e reproduções, iconografia, formas de impressão) (DEWEY, 2003.)

### 2.2.1. Citação de fanzines nos modelos *Chicago Style*, *APA* e *MLA*

A publicação “*Cite this zine*” (“Cite esse zine”. Tradução livre) é realizada pela fanzinoteca da Barnard College, Nova York, 2009, cuja coleção tem o enfoque em publicações criadas por mulheres. “Os fanzines de Barnard são criados por mulheres (cis<sup>73</sup> e transgêneros<sup>74</sup>) com ênfase em zines feitos por mulheres negras. Coletamos zines sobre feminismo e identidade feminina por pessoas de todos os gêneros”, A publicação *Cite this zine* (GIARI, 2009) propôs um modelo de referência em distintos

<sup>72</sup> Dewey Decimal Classification (CDD). Tradução Livre.

<sup>73</sup> Cis: É o indivíduo que se apresenta ao mundo e se identifica com o seu gênero biológico. Por exemplo, se foi considerada do sexo feminino ao nascer, usa nome feminino e se identifica como uma pessoa deste gênero, esta é uma mulher “cis”. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-termos-cis-trans-binario.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

<sup>74</sup> Abrange todas as pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-termos-cis-trans-binario.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

modelos de formatação, como a *Chicago Style*, APA e MLA, a publicação (*Cite this zine*) se refere ao fanzine como “zine” que aqui optamos por manter a fidelidade do termo citado, vejamos a seguir, as orientações para citação:

### **MLA**

Na citação de texto:

Uma citação no texto nomeia o autor (geralmente em uma única frase), e dispõe o número em parentese no final da sentença.

Em uma lista de trabalho citados:

Sobrenome, Nome. “*Título do fanzine*” [Zine], volume ou número da edição, local de publicação. Ano da publicação.

### **APA**

Em uma citação de texto:

Uma citação em texto dá ao autor da fonte (geralmente em uma única frase), a data de publicação e o número de página entre parênteses no final da frase.

Em uma lista de trabalho citados:

Sobrenome, nome inicial. (Ano de publicação). *Título do fanzine* [Zine], volume ou número da edição.

### **CHICAGO STYLE**

Em uma nota de texto, na primeira vez que for referência a um fanzine em seu artigo no estilo Chicago:

- 1) Nome e sobrenome do autor, título do zine, volume ou número da edição (cidade de publicação, ano de publicação), número(s) da página que você está referenciando.

Entrada da bibliografia:

Sobrenome do autor, primeiro nome. *Título do fanzine*. Zine Volume ou número da edição.

Local de publicação: Ano de publicação. (GIARI. 2009. p.2)

## 2.3 FANZINOTECA

### 2.3.1 Fanzinotecas e Fanzinotecários

A primeira biblioteca a ter o fanzine como o principal suporte presente em seu acervo, foi a fanzinoteca<sup>75</sup> de Poitiers (França). Criada em 1989<sup>76</sup> é precursora na organização sistemática e aquisição de seu acervo que hoje contabiliza mais de 55.000 documentos coletados de muitas partes do mundo, possui também catálogo virtual com arquivos em fomato PDF<sup>77</sup>; hoje o intuito é divulgar fanzines e não os arquivar. O casal que gere o acervo, Marie e Didier Bourgoïn, estão conscientes da importância de ter um fanzine adequadamente catalogado e indexado no acervo, “Desde 2007, cada fanzine que chega à fanzinoteca é totalmente despojado para constituir um aviso preciso do seu conteúdo. Nós sabemos do que ele está falando, quem são os autores, quais entrevistas, quais artistas, etc., a contagem é um trabalho diário. É importante que as pessoas que consultam o catálogo saibam exatamente do que se trata” (JAILLARD, 2017). A fanzinoteca de Poitiers (figura 11) também promove feiras de publicações, oficinas de serigrafia, palestras e debates com temas relacionados a arte impressa<sup>78</sup>, publicações alternativas...

A importância dos fanzines franceses pode ser conferida no pioneirismo de sua documentação. Em setembro de 1989 Didier Bourgoïn cria um verdadeiro templo dedicado aos fanzines, a Fanzinothèque de Poitiers. A *fanzinoteca* é a primeira do gênero na Europa e reúne, entre outros, fanzines gráficos, de histórias em quadrinhos e de rock. O objetivo de Didier<sup>79</sup> é catalogar, conservar e fazer a promoção desse gênero de publicação. (MAGALHÃES, H. 2012, p.5).

---

<sup>75</sup> Ver glossário

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://www.fanzino.org/presentation/presentation/>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

<sup>77</sup> Portable Document Format (Formato Portátil de Documento). Disponível em: <<https://www.significados.com.br>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>78</sup> Ver glossário

<sup>79</sup> Didier Bourgoïn, fundador da fanzinoteca de Poitiers-França. (MAGALHÃES, 2009)

**Figura 11** – Fanzinoteca de Poitiers/FR



Fonte: Disponível em: <<http://pleinmilieu.com/la-fanzinotheque>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

Para Gazy Andraus, os fanzines são para a fanzinoteca, o que os gibis são para uma gibiteca “um acervo tão importante quanto aos gibis de uma Gibiteca, pois se a Biblioteca é um local que promove a reunião de livros para consultas públicas, o mesmo serve para uma Gibiteca ou uma Fanzinoteca. O que é de suma importância como fator histórico social e cultural.” (ANDRAUS, 2015<sup>80</sup>)

Ao contrário do que ocorre no Brasil, a tendência dos fanzines americanos e europeus é a de conviverem com revistas de críticas e informações. Muitos fanzines parecem mesmo revistas especializadas, editadas por profissionais. Eles deixam de ser boletins amadores para se tornarem publicações semi-profissionais, que atendem a faixa de mercado de colecionadores (MAGALHÃES, 1993, p. 49)

Alguns fatores dificultam a existência dos fanzines nas bibliotecas, como o seu formato que pode variar bastante, há casos de fanzines incomuns, como o Gharabato do Rato, do editor Miguel Harguindey Vidal, que tem 6 cm de altura, 27 cm de largura e vem enrolado dentro de um pote de iogurte<sup>81</sup>, minizines e outros diversos formatos incomuns em que podem se manifestar tais publicações, o grande potencial de deterioração devido ao material de baixa qualidade presente em alguns fanzines. Existe uma resistência de alguns editores em submeter suas publicações a acervos públicos, por questões ideológicas ou desconhecimento, de como inserir sua publicação em um banco de informação, para assim que atingir mais pessoas. Latino, Assunção e Sequeira (2007, p.1-2) afirmam que “[...] numa biblioteca especializada

<sup>80</sup> Depoimento cedido ao autor em outubro de 2015

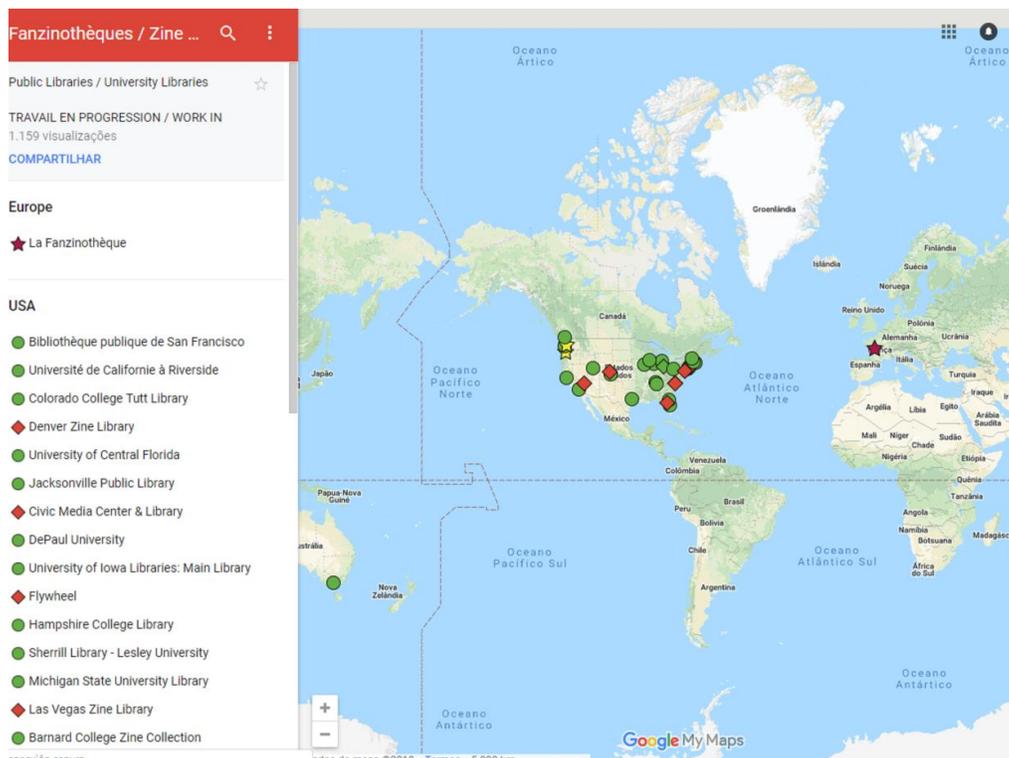
<sup>81</sup> O universo paralelo dos zines, (SNO, 2015, p.32)

é indispensável a estreita e contínua colaboração entre os bibliotecários e o técnico superior com formação científica específica na área de conhecimento abrangida pela biblioteca”. Aumentando o foco no fanzine, Grão, descreve de maneira mais aprofundada sobre tais características

Uma das características principais dos fanzines é sua circulação restrita a nichos e culturas específicas. Esta restrição dificulta seu acesso a pessoas que não fazem parte destes círculos culturais e gera uma das maiores dificuldades relatadas pelos pesquisadores: a do acesso às publicações. Esta dificuldade soma-se ao fato de haver algum preconceito por parte do meio acadêmico em considerar os fanzines como publicações dignas de serem foco de estudo ou pesquisa (GRÃO, 2002, p. 57).

O Google recentemente disponibilizou um mapeamento de algumas fanzinotecas no mundo, processo que segue em constante desenvolvimento, identificando novos acervos, iniciativa muito apreciada pelos editores de fanzines, comprova a importância dos fanzines como um relevante suporte de informação do século XX para a cultura ocidental:

**Figura 12 – Fanzinotecas no Google Maps 1**



Fonte: Disponível em <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1vGDBqyJwRkbv1Xdpa1jASW--riI&ll=33.51464133714811%2C-52.2516664329346&z=3>. Acesso em 16 out. 2018.

**Figura 13 – Fanzinotecas no Google Maps 2**



Fonte: Disponível em <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1vGDBqyJwRkbv1Xdpa1jASW--riI&ll=33.51464133714811%2C-52.2516664329346&z=3>. Acesso em: 16 out. 2018.

O fanzinotecário<sup>82</sup> é o profissional dedicado aos fanzines; o relato de um profissional que atua na Espanha, na cidade de Badajoz, no Arquivo Público, na Sala de Leitura de fanzines e outras publicações alternativas, marginais e autoeditadas de BPE Bartolomé J. Gallardo<sup>83</sup>, exemplifica bem a ação de se catalogar fanzines em seu sistema, e inserir em seu acervo físico ou digital.

Neste momento, estamos catalogando os fanzines recentemente adquiridos pela biblioteca. Devido a natureza dos mesmos, os usuários poderão consultá-los, mas não podem levar como empréstimo (muitos são exemplares únicos, raros, de poucas páginas ou muito frágeis). De todas as maneiras, a ampla maioria das publicações podem ser lidas em poucos minutos. Estamos encontrando muitas dificuldades em sua catalogação, devido a sua natureza marginal, de autoedição o caráter underground: a grande maioria deles, são editados pelos próprios autores e não conta com uma editora que as publique e conseqüentemente, desconhecemos o lugar de edição e o ano que foram realizadas” (PIZARRO, 2014, tradução livre)

<sup>82</sup> Ver glossário

<sup>83</sup> BPE Bartolomé J. Gallardo - Disponível em: <<https://lafanzinetecabad.wordpress.com/catalogo/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

### 2.3.2. FANZINOTECAS NO BRASIL

Já existem bibliotecas de fanzines brasileiras, como a Fanzinoteca Mutação na cidade de Rio Grande/RS, em atividade desde 2009, esta fanzinoteca foi contemplada, com o Fundo de Apoio a Cultura (FAC), e conta com 3.000 títulos. A Gibiteca Henfil, São Paulo, que possui cerca de 5.000 títulos, e, em Fortaleza, no estado do Ceará, há a zineteca da Zinco, uma organiza o não governamental com a proposta de ser um centro de pesquisa e documenta o que vem constituindo seu acervo de 6.000 títulos desde 2004. Há pelo menos 5 endereços no Brasil (Fanzinoteca Muta o/RS, IFFANZINE/RJ<sup>84</sup>, FAÍSCA – Mercado Gráfico/MG<sup>85</sup>, Zineteca Zinco/CE<sup>86</sup>, Gibiteca Henfil/SP<sup>87</sup>, Zineteca Resistência/CE) empenhados na constru o e manuten o desses acervos, iniciativas que vão permitir a realiza o de pesquisas para que a produ o do fanzine não se perca em sua efemeridade.

### 2.3.3. IFFANZINE/RJ

Existem algumas a es que buscam coletar e preservar acervos de fanzine, mas atualmente a única fanzinoteca em atividade que funciona de maneira informatizada e que   ligada a uma importante institui o<sup>88</sup>. O projeto IFFanzine iniciou-se, em 2013, na cidade de Macaé/RJ, na unidade do Instituto Federal Fluminense. O objetivo do IFFANZINE, segundo o seu organizador Alberto Beralto de Souza<sup>89</sup>,  :

Divulgar a cultura do fanzine sobretudo para as novas gera es e oportunizar o espaço para a cria o autoral e potencializa o de talentos, através de oficinas e publica o de revistas desenvolvidas   maneira artesanal e livre, como   característica dos fanzines. Também realizarmos experiências de aplicabilidade do processo criativo dos fanzines no ensino-aprendizado. (BERALTO, 2014).

<sup>84</sup> Instituto Federal Fluminense (IFFanzine). Disponível em: <<http://iffanzine.blogspot.com/>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

<sup>85</sup> F isca Mercado Gráfico. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mercadofaisca>>. Acesso em: 16 set. 2018.

<sup>86</sup> Zinco - Centro de Pesquisa e Produ o em M dia Alternativa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ongzinco/>>. Acesso 18 nov. 2018.

<sup>87</sup> Gibiteca Henfil. Disponível em: <<http://centrocultural.sp.gov.br/site/desfrute/bibliotecas/gibiteca-henfil/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

<sup>88</sup> O Instituto Federal Fluminense (IFFluminense) encontra-se em 12 municípios, com uma malha espacial que alcança 12 *campi*, um Polo de Inova o, um Centro de Referência em Tecnologia, Informa o e Comunica o na Educa o e a Reitoria, reunindo 17.885 estudantes (Fonte: <<http://iffemnumeros.iff.edu.br/>>), 920 professores e 712 técnico-administrativos (Dados atualizados em 2018).

<sup>89</sup> Alberto de Souza, natural de Campos dos Goytacazes/RJ e graduado em design gráfico,   programador visual e o director da fanzinoteca do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé. Disponível em: <<http://beraltocartum.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Uma das obras utilizadas neste trabalho, o fanzine “Marx na atualidade” (que está disponível na íntegra no Anexo B) de 2017, está no catálogo SophiA da instituição, catálogo que abriga registros de todo o acervo do Instituto Federal, e já possui alguns fanzines catalogados. Porém o trabalho está em processo, e, em breve, haverá uma quantidade significativa de publicações alternativas no catálogo.

**Figura 14** - Registro de fanzine no sistema SophiA do IFFanzine/RJ

The screenshot shows the 'Detalhes do periódico' (Periodic Details) page in the SophiA system. The search criteria are 'Busca combinada' and 'Qualquer localização'. The search term is 'TRAÇOS DE MEMÓRIA'. The record details are as follows:

Inf. publicação	Fanzine - Português
ISSN (Broch.)	
Número de chamada	
Classificação	741.53559
Notação	T759
Complemento	FAN
Título	<b>Traços de memória [ilustração]</b>
Imprenta	Macaé, RJ : [s.n.], 2015-.
Periodicidade	Irregular
Notas	
Gerais	Obra vinculada ao Projeto de Extensão IFanzine.
Assuntos	1. Fanzines - Brasil 2. <b>Memória</b> 3. Vida e costumes sociais
Ent. sec.	I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campus Macaé

Fonte: Sistema Sophia do Instituto Federal Fluminense. Fanzine catalogado “Traços de memória”, 2017 Disponível em <http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/>. Acesso em: 19/11/20.

**Figura 15** – IFFANZINE (Visão interna)



Fonte: Disponível em: <http://ivsacerdotisa.blogspot.com/2016/02/confiram-o-fanzine-peibe-4-do-projeto.html>. Acesso em: 17 out. 2018.

### 2.3.4. FANZINOTECA MUTAÇÃO/RS

Em estado de reativação, criada na cidade de Rio Grande/RS<sup>90</sup>, a “Fanzinoteca Mutação” - a primeira zineteca física do Brasil é uma iniciativa que integrou o “Prêmio de Interações Estéticas” de 2009 (Residências Artísticas em Pontos de Cultura), pela FUNARTE, com o projeto proposto pelo artista Law Tissot<sup>91</sup>, que resgata, assim, as múltiplas linguagens do fanzine e suas relações com as poéticas visuais da arte-xerox<sup>92</sup>, dando à cidade (e ao Brasil) um espaço que abriga fanzines do mundo inteiro, também possibilita a ocupação por todas as pessoas que desejarem criar seus fanzines, já que lá há uma máquina fotocopidora à disposição, além de haver pequenos incentivos como cursos de fanzines. Com isso, mostra-se a necessidade de divulgar para a manutenção de tal espaço criativo e cultural, a existência dessa fanzinoteca, e sua importância como uma entidade sócio-educativa.

É interessante ressaltar que as fanzinotecas são espaços que vão se ampliando no Brasil e no mundo, contribuindo, como a fanzinoteca Mutação (figura 16), para uma maior liberdade de expressão e mais espaços culturais, onde as pessoas podem visitar para conhecer, ler e fazer fanzines. Embora inicialmente a verba tenha vindo de um projeto cultural, Tissot afirma que atualmente a manutenção da fanzinoteca Mutação fica a seu próprio cargo e aos auxílios cooperativos que ele obtém, apenas como amor à arte e aos fanzines. É interessante também frisar que Tissot mantém a contraparte virtual da fanzinoteca Mutação na internet<sup>93</sup>, contendo variadas informações, além de fanzines para serem baixados em PDF, bem como registros de imagens de fanzines históricos que podem ser visualizados, quase como uma amostragem virtual de sua zineteca (ANDRAUS, 2006).

**Figura 16** – Fanzinoteca Mutação (visão interna do espaço físico)



Fonte: Disponível em: <http://fanzinotecamutacao.blogspot.com/2010/05/visite-o-artestacao-e-fanzinoteca.html> Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>90</sup> Rio Grande é um município brasileiro localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. Possui uma população de 207.036 habitantes (dados de 2014). Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Grande\\_\(Rio\\_Grande\\_do\\_Sul\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_(Rio_Grande_do_Sul)). Acesso em 13 nov. 2018.

<sup>91</sup> Email - [lauricotissot@furg.br](mailto:lauricotissot@furg.br)

<sup>92</sup> Ver glossário

<sup>93</sup> Fanzinoteca Mutação – Disponível em: <<http://fanzinotecamutacao.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 dez. 2018.

## 2.4. TIPOLOGIAS DO FANZINE

Para nosso intento com esse trabalho é de fundamental importância estudar e pesquisar como outras fanzinotecas em âmbito nacional e internacional lidam com as diversas nuances presentes nas publicações alternativas relacionadas a formato físico, assunto, tema, etc.

### 2.4.1. Categorias de fanzines da Fanzinoteca de Poitiers/França

Baseada em generalidades, a fanzinoteca de Poitiers organiza sua coleção por 15 temas:

- Artes vivas (teatro, dança, espetáculo)
- Ciências (história, geografia, filosofia, ciência, etc.)
- Cinema/Video/TV
- Cozinha
- Cultura
- Escritura (literatura, poesia, suspense)
- Esportes
- Grafismo (História em quadrinhos, graphzines, fotozines, arte contemporânea)
- Humor
- Jornais escolares
- Música
- Opiniões (política, social, ecologia...)
- Sexualidade (feminismo, sexualidade)
- SF<sup>94</sup> (ficção científica, fantástica, horror...)
- Vários (MOUQUET. 2012, p.67)

Algumas denominações trazem uma representação (cultura) ou a sub-representação de certas categorias (ciências). Outros, pelo contrário, por seu apego ao gênero e não pelo tema, parecem ser capazes de reunir fanzines de maneira transversal (gráficos, escrita). Essa classificação fornece uma visão geral dos recursos. Ela exemplifica particularmente a natureza popular dos tópicos.

---

<sup>94</sup> Sci Fi – *Science Fiction* (Ficção científica. Tradução livre.)

#### 2.4.2. Especificidades dos fanzines da *Anchor Archive* de Halifax, Canada

A classificação da coleção da *Anchor Library* (figura 17) da cidade de de Halifax, detalha as entradas de fanzines em 40 tópicos; selecionamos um de seus registros para estudar a forma de catalogação da biblioteca canadense, adiante no texto tomaremos conhecimento de tal registro, segue a forma de catalogação do utilizada pela *Anchor Library*:

- Arte e atividades manuais
- Amor
- Alimentação, agricultura e jardinagem
- Ativismo
- Arte, mídia e tecnologia
- Animais
- Anarquia
- Coleção de ficção ou arte
- Corpo - Objeto Político
- Cidades e geografia
- Crianças
- Cozinha
- Comics
- DIY e bricolagem
- Escola e educação
- Etnia
- Feminismo
- História
- Indígenas
- Íntimo
- Luta de classes
- Meio ambiente e natureza
- Mini-zines
- Música

- Narração: ficção e contação de histórias
  - História
  - Paternidade
  - Poesia
  - Saúde mental
  - Saúde psíquica
  - Saúde - sexualidade
  - Saúde feminina
  - Sexo
  - Transportes
  - Trabalho e sindicatos
  - Zines nos zines
  - Zines nas oficinas de zines
- (MOUQUET. 2012, p.76)

**Figura 17** - *Anchor Archive* de Halifax, Canadá



Fonte: Disponível em: <<https://signalhfx.ca/halifax-zine-library-lifts-anchor/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

#### **2.4.3. Gêneros de fanzines da *Barnard Zine Library* de New York**

A fanzinoteca Barnard (figura 18) de Nova Iorque, orientada para estudos sobre feminismo e afins, fez a escolha de apresentar sua coleção por gênero descrevendo-os de maneira sucinta:

- Zines de 24h: O fanzine deve ser montado em 24 horas. Este tipo de fanzine é frequentemente o resultado de oficinas, aplicações de fanzines como ferramenta pedagógica.
- Zines de arte: eles são, acima de tudo, obras de arte por direito próprio. Mas eles também incluem imagens, colagens, fotos de seus autores.
- Zines de compilação: uma chamada para contribuições é lançada em torno de um tema; um prazo para envio é solicitado. Os fanzines recebidos combinam diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema. Eles são montados e direcionados para criar uma publicação coerente.
- Zines de DIY (Do it Yourself – Faça você mesmo): esses fanzines são tutoriais para aprender as técnicas e realizar algumas ações baseadas na cultura DIY.
- Fanzines: o fanzine no sentido original da palavra; publicado um fã para outros fãs.
- Zines literários: são coleções de ficção, ensaio ou poesia autoral.
- Zines de mães: tratando da maternidade (gravidez, parto, criação de filhos).
- Mini-BD (Banda desenhada – História em quadrinhos)
- Zines pessoais (perzines): eles não são diários estritamente falando. Eles são a expressão de um ponto de vista singular a partir do qual o mundo é percebido.
- Zines políticos: lidar com movimentos passados e presentes. São um instrumento de democracia.
- Zines compartilhados: zines à quatro mãos (ou mais) quando os artistas decidem colaborar em um determinado número, ou reservando para cada, metade das páginas do fanzine. (MOUQUET Emilie. 2012, p.81)

**Figura 18** - *Barnard Zine Library* de New York



Fonte: Disponível em: <<https://brooklyncollegezines.commons.gc.cuny.edu/2011/08/11/uptown-zines/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

## 2.5. CORDEL

Vindo de terras portuguesas ainda no século 16, os cordéis se espalharam pelo Norte e Nordeste brasileiro, associando literatura, xilogravura e poesia. No site oficial do IPHAN, há uma nota que diz que a literatura de cordel é um gênero literário que "revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados". Em 19 de setembro do ano de 2018, a literatura de cordel é declarada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. O cordel, por circular de maneira independente e, muitas vezes, tendo o autor envolvido em todos os processos de produção e disseminação da obra, pode também ser considerado uma publicação alternativa, tratada aqui por conta de sua importância histórica para a memória cultural do país.

**Quadro 2** – Comparativo “Brasil x Portugal” Cordel

<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Texto em versos, com simplificação dos períodos e substituição de vocabulário;	Texto em prosa, com períodos longos e de difícil compreensão devido às dificuldades sintáticas;
Composição dos folhetos como forma de sustento do cordelista;	Adaptação de textos de sucesso; autores e parcela significativa do público pertencentes às camadas populares (?);
Textos direcionados para todo o conjunto da sociedade;	Forte vínculo com a tradição oral, cultura escrita fornecia os textos extraídos para o formato de cordel;
Cotidiano nordestino como tema importante;	Vida dos nobres e cavaleiros como tema;
Autores como proprietários de suas obras, podendo negociar com editores, que também eram autores.	Os editores trabalhavam especialmente com obras em domínio público.

Fonte: (SENA, 2018, p.34).

As condições sociais da região eram favoráveis ao surgimento e desenvolvimento de tal forma de comunicação literária, tornando o Nordeste área favorável à sua difusão. A organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento dos cangaceiros, as secas periódicas causando desequilíbrios econômicos e sociais, bem como as lutas de famílias, eram fatores que contribuíam para tornar os grupos de cantadores em instrumentos do pensamento coletivo de um povo carente de instrução, através das manifestações da memória popular. (PEIXOTO, 2003, p.14).

Entre o fanzine e o cordel há similaridades como a publicação da obra como objeto de arte, a valorização da auto-expressão e das artes gráficas, refletem traços culturais locais aqui. Com o recente reconhecimento, é fundamental que se constate a necessidade de aprofundamento de estudos em relação ao tratamento técnico de folhetos de cordel, para que amplie sua difusão na sociedade brasileira e para que se valorize o cordel como suporte que contribui para a preservação da memória do país. Para Gaudêncio e Borba (2010, p. 9) é essencial fomentar o diálogo entre bibliotecários e o cordel "Na relação cordel e biblioteconomia, o profissional bibliotecário tem papel fundamental para o fortalecimento das discussões cordelistas no contexto das instituições informacionais." (GAUDÊNCIO; BORBA, 2010).

**Figura 19 - Cordel**



Fonte: Disponível em: <<http://www.saltoagulha.com/as-cronicas-de-gelo-e-fogo-em-cordel-%E2%99%A5/>> Acesso em: 27 de jul. 2018.

O cordel possui uma academia de escritores a ABLC<sup>95</sup>; é composta por 40 cadeiras de membros efetivos, sendo que 25% destas cadeiras podem ser ocupadas por membros não radicados no Rio de Janeiro. As bibliotecas também, estão cada vez mais receptivas ao Cordel; segundo Sena (2018) a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Centro Nacional de Folclore, Cultura Popular (CNFCP, Catete/RJ) e Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) são importantes repositórios de literatura de cordel.

<sup>95</sup> Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Disponível em: <<http://www.ablc.com.br>>. Acesso em: 11 abril 2018.

De acordo com levantamento da *Library of Congress* (LC), atualmente há dezoito instituições nacionais e estrangeiras com acervos desse tipo, além de onze sites que disponibilizam estes documentos. Apesar do reconhecimento internacional e o recente reconhecimento como patrimônio cultural, esse tipo de material não foi considerado, durante muitos anos, suficientemente nobre para ser incorporado às bibliotecas.

Nesse momento do trabalho, aprofundo um pouco mais no acervo de literatura popular da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), localizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ, o maior da América Latina, no qual é pertinente detalhar alguns pontos de seu processo de catalogação dos folhetos de cordel. Atualmente com mais de 9.000 folhetos de cordel, número em constante ascensão, dentre eles pelo menos 6.205 são considerados folhetos raros, Acervo formado a partir da década de 1960, essa iniciativa resultou em uma extensa bibliografia, composta de catálogos, antologias e estudos especializados<sup>96</sup>. Desses quase 9.000 cordéis no acervo, destes, aproximadamente 2340 folhetos estão em formato digital e/ou em processo de submissão no RVBI<sup>97</sup>.

**Figura 20** – Cordel registrado na Fundação Casa Rui Barbosa

The screenshot shows the 'Fundação Casa de Rui Barbosa' website interface. At the top, there are navigation tabs: Home, Pesquisa, Autoridades, Minha seleção, and Serviços. Below this is a search bar with 'lampion' entered. The main content area is titled 'Fundação Casa de Rui Barbosa' and 'Fundação Casa de Rui Barbosa'. It shows a search result for 'A alma de Lampião faz misérias no Nordeste / Franklin Maxado, 1943-'. The record details include:

- Unidade de descrição: Folheto de cordel - Português
- Número de chamada: [blank]
- Classificação: LC0863
- Notação: OR
- Ent. princ.: Maxado, Franklin, 1943-
- Título: A alma de Lampião faz misérias no Nordeste / Franklin Maxado Nordestino.
- Imprenta: São Paulo (BR) : [s.n.], 1976.
- Desc. física: 8 p.
- Notas: [blank]
- Gerais: Código\$PLFML
- Assuntos: 1. Demônio

Fonte: Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2018).

A catalogação desta coleção necessitou de adaptações em relação aos metadados para a descrição dos objetos digitais referentes à aspectos característicos da literatura de cordel na RVBI. O acervo de

<sup>96</sup> Casa Rui Barbosa – Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

<sup>97</sup> Rede Virtual de Bibliotecas - Congresso Nacional - RVBI, coordenada pela Biblioteca do Senado Federal, é composta por treze bibliotecas da administração pública federal e do governo do Distrito Federal, dos Poderes Legislativo, Judiciário e Executivo, sediadas em Brasília, com o objetivo de compartilhar recursos bibliográficos, materiais e humanos. (JAEGER, 2013, p.2)

cordel digitalizado é o mais consultado<sup>98</sup>. No processo de catalogar os folhetos de literatura de cordel, são considerados os dados registrados na capa, conteúdo e contracapa. Recomendações presentes na publicação “Catalogação de folhetos de cordel. 2002 (Cadernos técnicos)”

Atributos intrínsecos<sup>99</sup> e extrínsecos<sup>100</sup> precisam ser avaliados para uma melhor descrição do folheto; no trabalho de Melo (2017) ela descreve algumas situações específicas relacionadas ao tratamento técnico e registro dos folhetos de cordel:

As especificidades da catalogação dos folhetos de cordel no RVBI procuram ampliar as informações existentes de forma que o pesquisador encontre dados mais subjetivos do folheto. Por exemplo, a data de 1915 foi atribuída ao folheto “A secca do Ceará”, de autoria de Leandro Gomes de Barros, pois estima-se que a obra foi publicada entre 1915 e 1916, porque o autor residiu no endereço, Estação de Areias, no Recife, que consta na capa deste e de outros folhetos editados no mesmo período. (MELO. E. 2017. p.4)

O sucesso de busca e recuperação de um tipo de informação é determinado pela qualidade do registro da obra no sistema utilizado. Melo, (2017) em outro momento do texto se refere aos atributos extrínsecos à base de dados referencial da FCRB e dos próprios folhetos:

A política de submissão do RVBI prevê que todos os itens contenham a data de publicação, mesmo que sejam aproximadas, como ocorrido no folheto de José Soares, intitulado “A tragédia de Jabotão: 13 mortos e 35 feridos”. Neste folheto não consta data de publicação, porém as pesquisas em publicações da época indicaram que esta tragédia ocorreu em 1977, logo foi adotada como data provável. Em outros casos, foi possível estimar a data a partir de pesquisa no Banco Central para verificar o período vigente da moeda estampada na capa do folheto com valor do mesmo, por exemplo, em “*Otaciana e Esmeraldina*” de autoria de Francisco Sales Arêda, estampava o Cr\$, possível data 1943. (MELO, 2017, p.5)

Segundo o relatório interno do sistema, no ano de 2017, ocorreram 119.560 acessos ao acervo digital dessa coleção. Os folhetos podem ser consultados por índices de autor, título, assunto, local de publicação, editora/tipografia, gênero de literatura de cordel. Na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB), no setor de coleções especiais, de acordo com a bibliotecária responsável pelo processamento técnico, há uma coleção com mais de 300 exemplares<sup>101</sup>, para consulta somente *in loco*<sup>102</sup> e sob supervisão. O manual “Catalogação de folhetos de cordel. 2002. (Cadernos técnicos)” é a publicação norteadora no processo de registrar as obras.

<sup>98</sup> Informações contidas no relatório analítico estatístico 2016. (Documento interno).

<sup>99</sup> Considera-se como características intrínsecas, os dados que constam no objeto digital e auxiliam a catalogação, além dos dados da base de dados descritiva da FCRB. (YASSUDA, 2009).

<sup>100</sup> Considera-se características extrínsecas, a necessidade de levantamento de informações do objeto, fora do item, que permitam determinar data ou uma biografia do objeto. (YASSUDA, 2009).

<sup>101</sup> Eveline Filgueiras Gonçalves. Email: colesp@bce.unb.br

<sup>102</sup> “In loco” no lugar; no local característico ou próprio de. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/in-loco/>>. Acesso em 13 nov. 2018.

As análises baseadas na literatura de cordel contribuem para a preservação da memória brasileira (CURRAN, 2003), O simbolismo e a linguagem popular, começaram a aparecer no meio científico brasileiro com Luiz Beltrão<sup>103</sup> em 1967, com sua proposta apresentada no doutorado, A Folkcomunicação<sup>104</sup>, que nasceu com a observação da cultura popular nordestina.

A Folkcomunicação preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia. (BELTRÃO, 1980, p. 26).

Luiz Beltrão esmiuçou a comunicação de massa, que não se restringe somente à rádio e televisão, mas também dos gestos e símbolos (como desenhos no chão, frases dos para-choques, tatuagens, memes<sup>105</sup> etc). Ele identifica que há meios de comunicação informais, aos quais interferem na opinião pública e alteram a opinião e atitude popular frente ao governo, refletindo no voto e nas manifestações sociais, culturais e folclóricas. Segundo Beltrão, é na comunicação interpessoal e grupal que a comunicação informal tem alto poder de persuasão.

Para concluir esse tópico, entende-se que o cordel, apesar de se encontrar num estágio mais avançado de preservação como uma expressão cultural viva e em franca produção, evidencia também a sua função informativa (GALVÃO, 2001, p.48), pois “apresenta uma linguagem acessível a todo tipo de público – letrado, não-letrado, semiletrado, do interior, dos centros urbanos etc”. Sua importância como patrimônio histórico e cultural do povo é marcante, especialmente no que tange o Nordeste brasileiro, constituindo-se também em notável fonte de informação histórica e cultural (CURRAN, 2003, p.18).

## **2.6. Sistema de catalogação e descrição bibliográfica para publicações alternativas**

### **2.6.1. xZINECOREx**

Os avanços tecnológicos viabilizaram uma explosão de lançamentos de novas publicações e junto com alto volume informação, surgem também a necessidade de criar novas ferramentas que venham

---

<sup>103</sup> Nascido em Olinda/PE (8/8/1918 – 24/11/ 1986) Luiz Beltrão de Andrade Lima foi um jornalista, escritor e pesquisador brasileiro. (GOBBI, 2005, p.2.)

<sup>104</sup> Ver glossário

<sup>105</sup> Ver glossário

a auxiliar a organização, preservação e recuperação dessa produção. O xZINECOREx propõe uma descrição específica para os fanzines, é um padrão de metadados semelhante ao *Dublin Core* para fins de catalogação de publicações alternativas. A ideia é que diferentes bibliotecas e arquivos que lidam com fanzines poderão compartilhar informações sobre os seus acervos, e tem a intenção de reunir toda essa informação num grande catálogo unificado que irá conter os registros de fanzines de várias instituições.

Com reuniões realizadas em diferentes estados dos Estados Unidos, em um evento que ocorre anualmente chamado *Zine Librarians unConference (ZLuc)*<sup>106</sup>, se notou que era necessário desenvolver um padrão de metadados que fosse intercambiável entre pessoas que trabalham com esse tipo de literatura, como fanzinotecas e bibliotecas acadêmicas e públicas. Com uma publicação, chamada “*Zincore Zine Flat*”, disponível no Anexo A, visa auxiliar o uso do modelo xZINECOREx, funcionando como um manual de procedimentos disponibilizado em formato PDF, para o fácil acesso e a disseminação do padrão XZINECOREX de catalogação. Aqui trago alguns excertos do texto, presentes na publicação.

### 2.6.2 Quadro modelo do xZINECOREx – 2012

O quadro do padrão para catalogação de fanzines proposto pelo XZINECOREX é amplamente divulgado com um viés DIY (Do It Yourself), salientado na frase “Copie isto e preencha com seus dados, em seguida há um detalhamento das funções de cada campo”. Esse quadro também serviu de base para elaboração do modelo proposto por esse trabalho, devido à sua estrutura enxuta, clara e objetiva.

**Quadro 3 – Modelo xZINECOREx**

xZINECOREx Element	Actual Metadata
Title	
Creator	
Subject/Genre	
Publisher	
Contributors	
Date of publication	
Physical description	
Union ID	
Language(s)	
Place of publication	
See also	
Freedoms and restrictions	

Fonte: Modelo de descrição proposto pelo XZINECOREX (Anexo A)2012.

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://zinelibraries.info/events/zine-librarian-unconferences/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

O Projeto de Arquivo de Zine Queer (QZAP) adotou o padrão XZINECOREX para descrever as obras de seu acervo, e forneceu observações acerca dos campos a serem preenchidos, ao qual reproduzo a seguir:

A seguir, um detalhamento do conjunto de elementos de metadados xZINECOREx, sob a lente do Projeto de Arquivo de Zine Queer (QZAP)<sup>107</sup>. Muitos tópicos são autoexplicativos, mas era necessário explicar como nós (na QZAP)<sup>108</sup> pensamos sobre os elementos, principalmente como ferramentas de pesquisa. É possível que possa haver algumas diferenças em relação ao funcionamento de sua biblioteca / instituição / sistema.

**Título (s), incluindo volume (s):** bastante direto. Exemplo: Zine Mutate # 3;  
**Criador:** Zinester / Autor / Criador... Estas são as pessoas que fizeram o fanzine;  
**Assunto(s), Gênero(s):** sobre o que o zine é. No sistema em que o QZAP está trabalhando, isso acabará sendo um campo de registro de autoridade. Estamos baseando-nos na lista de assuntos da Biblioteca de Zine do Anchor Archive em Halifax;  
**Descrição do conteúdo, notas:** esse elemento é um pouco de forma livre. Poderia dizer "fotografias e texto" ou "manuscrita" talvez? ;  
**Editor:** o editor é diferente, mas o mesmo que o criador. Não mesmo! Se fosse um dos meus fanzines, eu seria tanto o publicador quanto o criador;  
**Colaborador:** Estas são as pessoas que ajudam a fazer um zine acontecer, mas não são o(s) criador(es);  
**Data de publicação:** para nós, este é o ano. Como uma ajuda para encontrar, sempre dissemos "Merda, não consigo lembrar o nome daquele zine, mas acho que consegui em 1996 com o *Bound Together*". ;  
**Descrição física:** o que o fanzine parece, sente, tem gosto e cheira. Como estamos construindo isso na QZAP, vinculamos um registro de autoridade a esse elemento com base na lista de códigos de zine de Larry Bob Robert da Queer Zine Explosion. Essa lista abrange cerca de 15 tamanhos diferentes de zines (o Digest é o mais comum em 5 1/2 "x 8 1/2"), no entanto esta é uma das grandes vantagens do xZINECOREx. Como os elementos podem se repetir, também podemos incluir elementos da descrição física como 'encadernação costurada à mão' ou 'capa azul';  
**ID Unificado:** isso entrará em vigor quando o catálogo da União for criado. Basicamente, cada zine receberá um ID unificado que será mantido em todos os sistemas de catalogação. Portanto, se a opção Mutate Zine # 3 tiver um ID de M-6749831, isso seria o mesmo em nosso catálogo no QZAP, como seria no catálogo da Coleção de Zines da Biblioteca Barnard. Poderia dizer que é o ISBN do zine.  
**Idioma (s):** o idioma em que o zine foi publicado. Útil se um cliente vier até você e disser 'Estou procurando por zines publicados em esperanto sobre a criação de tartarugas';  
**Veja também (s):** este é o lugar para entradas relacionadas. Poderia incluir uma zineografia<sup>109</sup> do criador (ou seja, Zine Mutante, veja também Big Zine, Little Zine);  
**Local da publicação:** localização geográfica, geralmente denotada como cidade, país.  
**Liberações e restrições:** Com livros ou registros, você tem direitos autorais. Com fanzines, talvez não tanto. O elemento Liberdades e Restrições seriam para direitos autorais (ou direitos autorais assumidos), mas também é usado para denotar outras maneiras pelas quais as pessoas colocam seus zines no mundo. Isso inclui copyleft, anti-copyright, livremente duplicável e vários tipos de licença Creative Commons. (XZINECOREX An introduction, 2013, p.2 Anexo A. Tradução livre).

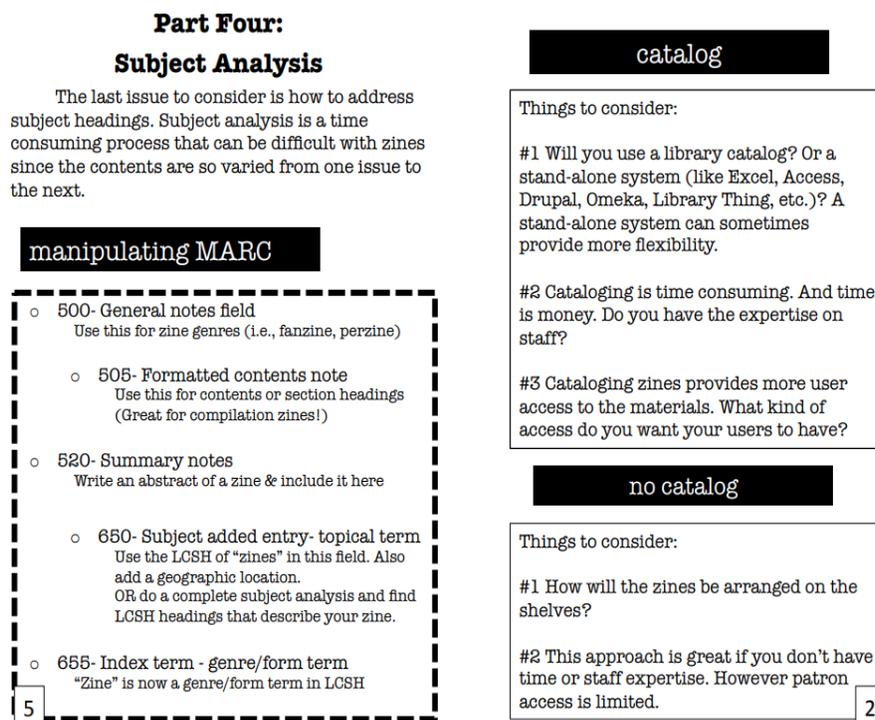
<sup>107</sup> Disponível em: <<https://www.qzap.org/v8/index.php>>. Acesso em: 12 out. 2018.

<sup>108</sup> O Projeto de Arquivo de Zine Queer (QZAP) foi lançado pela primeira vez em novembro de 2003 em um esforço para preservar fanzines de temática *queer* e disponibilizá-los para outros *queers*, pesquisadores, historiadores, *punks* e qualquer um que tenha interesse em publicações DIY e comunidades queer subterrâneas.

<sup>109</sup> Ver glossário

Há trabalhos e iniciativas que propõem dialogar com o aspecto técnico da gestão documental, visando pela preservação da memória do fanzine, conforme Shelton (2012) em seu *Adventures in zine cataloging*. Já a *Library School Zine* sugere como usar os campos do Marc XXI, assunto que trataremos logo em seguida nesse texto, (500 - nota geral, 505 - nota de conteúdo, 520 - nota de sumário/resumo, 650 - entrada de assunto/termo tópico, 655 - termo de indexação, (MODESTO, 2008) no registro de publicações alternativas de maneira a abranger os muitos formatos existentes.

**Figura 21 – Campos Marc XXI para fanzines**



Fonte: Disponível em: <<https://ginamshelton.files.wordpress.com/2014/01/shelton2012zinecataloging.pdf>>. Acesso em: 20 set.2018.

Figura 22 – Zine no Marc XXI no catálogo da Barnard Library, New York, USA. (2009)

MAR 09 2009

Cataloging in Publication Data (Courtesy of Barnard Library, with some help from Jennifer Palmisano. Mistakes courtesy of the editors.)

245	0	0	\$aDo it yourself in your library.
260			\$aNew York, NY : \$bThe authors: \$c2009.
300			\$a37 p. : \$b ill. ; \$c22 cm
500	0		\$aA DIY zine
500	0		\$aA fanzine
500			\$aTitle from cover.
500			\$aCover art by Torie Quiñonez.
505	0	0	\$tA Love Letter to My First Zine Library / \$rAlycia Sellie -- \$tHow to Get Them to Let You Do It in Your Library / \$rJenna Freedman -- \$tDigitizing Zines / \$rKelly Wooten -- \$tLes 20 Ans de la Fanzinothèque / \$rMarie Bourgoin -- \$tWhen Bad Things Happen to Good Zine Librarians / \$rName Withheld -- \$tZine Librarians Manifesto / \$rKelsey Smith -- \$tZines Free Teens: Zine Outreach to Incarcerated Teens / \$rLaural Winter -- \$tAdventures in Zine Subject Cataloguing / \$rAmanda Stevens -- \$tThe Bicycle Powered Bookmobile of Missoula, MT / \$rDebby Florence -- \$tA Zine Archives Story / \$rJeremy Brett -- \$tRun Down of "Intellectual Zine Presentation" / \$rJohn Stevens -- \$tDefining Zines Bibliography / \$rJohn Stevens -- \$t "How I Spent My Summer Break" The Story of ZAPP's Reopening / \$rOwen Curtsinger and Nora Mukaihata
520			\$aA collection of zine librarians from Australia, Canada, France and the US have contributed a variety of personal accounts, advice and how-to's to the third edition of the Zine Librarian Zine, a DIY guide to zine libraries. Libraries documented include public, academic, archives, community centers, and even one that is bicycle-mounted.
650	0		\$aLibraries \$xSpecial collections \$vHandbooks, manuals etc.
650	0		\$aZines.
655	0		\$aZines.
700	1		\$aMurphy, Rachel Emma.
700	1		\$aFreedman, Jenna.
700	1		\$aSellie, Alycia.
830	0		\$aZine librarian zine \$nno. 3 \$cdedited by Rachel Emma Murphy, Jenna Freedman, and Alycia Sellie
856			\$uhttp://zinelibraries.info/2009/03/03/zine-librarian-zine-3

The (public domain) accompanying and background images associated with individual essays were most often selected by the editors, not the authors, so aesthetic hate letters should be directed appropriately.

Creative Commons Attribution-Noncommercial-Share Alike 3.0

Fonte: Disponível em: Zine Librarian zine #3 disponível em <http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/master>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

O blog *radical women of color*<sup>110</sup> está desdobrando os princípios do xZINECOREx e implementando o *Blog Core* para o registro de blogs existentes dentro de determinados temas, como uma mídia alternativa<sup>111</sup>, e é semelhante ao fanzine na forma como dispõe as informações. O fanzine poderia até ser tratado como um embrião do *blog*<sup>112</sup>, portanto o modelo xZINECOREx ficou facilmente adaptável a esse intuito de formular uma ferramenta para catalogar blogs.

<sup>110</sup> “Mulheres radicais de cor”. Tradução livre.

<sup>111</sup> Ver glossário

<sup>112</sup> “forma abreviada da palavra weblog. Esta é uma junção de duas palavras: web que é a rede de computadores ou internet e log que se refere ao registro de atividade ou então o desempenho regular de alguma coisa. Entretanto, pode-se dizer que o significado de blog é diário online, ou seja, um espaço na internet, através de modelo de site ou minisite em que se posta frequentemente conteúdos importantes para enriquecer em quantidade e qualidade”. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/blog>>. Acesso em: 12 out. 2018.

## 2.7. DUBLIN CORE

Por ter uma grande influência na formatação do modelo xZINECOREx, analiso aqui também o *Dublin Core Metadata Initiative* (DCMI)<sup>113</sup> que é uma organização que direciona seus esforços em prol da adoção e difusão de um padrão de metadados que proporcione interoperabilidade, e no desenvolvimento de um vocabulário especializado de metadados para a descrição de recursos (REGO, 2004. p.30). O *Dublin Core* foi o modelo de descrição que referenciou o xZINECOREx, portanto estudo-o aqui nessa seção, pois estão presentes metadados complexos com um alto grau de formalidade e detalhes, que permitem descrever um recurso de um domínio bem específico.

Alguns fatores tornam o *Dublin Core* um modelo de descrição de registros bem desejável, como a criação de um consenso internacional em torno da centralização deste conjunto de elementos, que é a principal característica da evolução do *Dublin Core* (DC, 2003). As características do *Dublin Core* (DC) que o torna um dos preferidos para descrição de recursos eletrônicos, se encaixa nas seguintes categorias: simplicidade de criação e manutenção; o *Dublin Core* é possível ser utilizado tanto por não catalogadores, quanto por especialistas com o intuito de descrever recursos eletrônicos. Possui elementos que são possíveis operar com intuição e lógica; há interoperabilidade semântica, ou seja: promove um conjunto de descritores de entendimento geral, e que ajudam a unificar outros padrões de conteúdo de dados; a possibilidade de interoperabilidade semântica é aumentada; consenso internacional: Inglaterra, Estados Unidos, Suécia, Alemanha e França são participantes ativos, contribuindo para a aceitação do padrão; extensibilidade e flexibilidade, o modelo permite modificações com o fim de adequar ao tipo de registro de seu acervo, possibilitando a adição de novos elementos para cobrir um domínio específico.

**Figura 23** – Exemplo de descrição bibliográfica em formato Dublin Core.

Detalhes	MARC tags	Dublin Core
		<b>Dublin Core</b>
<b>title</b>		A chegada de Nelson Ferreira no céu : (uma fantasia de cordel)
<b>creator</b>		Paiva, Aldemar
<b>contributor</b>		Fundação Joaquim Nabuco
<b>subject</b>		398.5
<b>subject</b>		Ferreira, Nelson, 1906- - Poesia
<b>subject</b>		Literatura de cordel brasileira
<b>description</b>		BNB
<b>publisher</b>		Massangana
<b>date</b>		1982
<b>type</b>		Livro
<b>format</b>		26p. ; 22 cm.
<b>identifier</b>		85-7019-048-4 (broch.)
<b>language</b>		Português

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)>. Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>113</sup> Dublin Core Metadado Initiative (DCMI). Tradução livre.

O padrão fornece um modelo de metadados composto por 15 elementos básicos que foram projetados com a intenção de facilitar a descoberta de recursos eletrônicos pelas aplicações. O que o torna muito interessante para a catalogação de publicações alternativas, pois é possível abarcar diversas expressões sob um único modelo padrão de descrição. Cada definição DC refere-se ao recurso (qualquer coisa que tenha uma identidade) que está sendo descrito. Todos os elementos são opcionais, (você pode incluí-los ou não) e ocorrem de maneira ilimitada (REGO, A. 2004 Ibidem, p.45), ajudando a esclarecer cada elemento semanticamente da seguinte maneira:

- *title*: um nome pelo qual o recurso é formalmente conhecido;
- *creator*: pessoa, organização ou serviço responsável pela criação do conteúdo do recurso;
- *subject*: o tópico do conteúdo do recurso. Pode ser expresso como palavras chaves, frases ou códigos de classificação que descrevem o tópico do recurso;
- *description*: um relato sobre o conteúdo do recurso. A descrição pode incluir (mas não é limitado) um *abstract*, índice ou referência para uma representação gráfica de um conteúdo;
- *publisher*: a entidade responsável pela disponibilização do recurso. Exemplos de publisher podem englobar uma pessoa, uma organização ou um serviço;
- *contributor*: a entidade (pessoa, organização ou serviço) que originou contribuições para a produção do conteúdo do recurso.
- *date*: data associada com a criação ou disponibilidade do recurso. Uma boa prática recomendada para a representação de datas segue o formato YYYY-MM-DD (ano, mês, dia), seguindo o perfil ISO 8601 (W3C 1997);
- *type*: natureza ou gênero do conteúdo do recurso, tais como texto, imagem, som, vídeo, etc. Inclui termos que descrevem categorias gerais, funções, gênero ou níveis de agregação para o conteúdo;
- *format*: representação física ou digital do recurso. Este elemento pode englobar o tipo da mídia ou dimensões do recurso. Pode ser usado para identificar o software, hardware ou outro equipamento necessário para manipular o recurso;
- *identifier*: uma referência não ambígua para o recurso dentro de um determinado contexto. Recomenda-se identificar o recurso por meio de uma *string* ou número, conforme uma identificação formal de sistema, como por exemplo, uma URL, ISBN;

- *source*: informação sobre um segundo recurso pelo qual o presente recurso é derivado, seja na totalidade ou em parte, com representação sob a forma de uma *string* ou número;
- *language*: a linguagem do conteúdo intelectual do recurso. Recomenda-se a utilização de duas letras para representar o código da linguagem, seguido opcionalmente por mais duas letras para representação do código do país. Exemplos: 'en' para inglês, 'fr' para francês ou 'en-uk' para inglês do Reino Unido.
- *relation*: referência com outros recursos. Permite estabelecer um link com um recurso relacionado.
- *coverage*: a extensão ou escopo do conteúdo do recurso. A cobertura poderá incluir localizações espaciais (nome de um lugar ou coordenadas geográficas), relação temporal (um rótulo de período, data, faixa de data) ou jurisdição (como é chamada uma entidade administrativa);
- *right*: informações sobre direitos assegurados ao recurso, caso o elemento venha a ser utilizado. “Estes direitos frequentemente representam Direitos de Propriedade Intelectual, copyright e vários outros direitos de propriedade. ” (GRÁCIO, 2002)

Existe uma plataforma que gera um registro em formato *Dublin Core* e já contempla pelo o xZINECOREx, opção prevista em tópico na interface da plataforma, abaixo imagens:

**Figura 24** – xZINECOREx / DUBLINCORE generator

dublincoregenerator.com - a better dublin core generator

Main Page Simple Generator Advanced Generator xZINECOREx Generator About Contribute

**Directions**

- Fill in the fields below and click on "Generate Code!" to convert your input into fully formed xZINECOREx metadata code. The code will be output in XML.
- If you need additional copies of a given field, click the plus sign to the upper-right of the tag's name to add an additional copy of it.
- Click the minus sign to delete any unneeded additional copies -- don't worry about removing tags you don't intend to use, the system will ignore any empty tags (and you can't delete the first row anyway).
- If you're unfamiliar with xZINECOREx, you may want to consult this webpage first.

**Input**

Title [ + ] [ - ]

Creator [ + ] [ - ]

Subject [ + ] [ - ]

Fonte: Disponível em: <[https://nsteffel.github.io/dublin\\_core\\_generator/generator\\_zc.html/](https://nsteffel.github.io/dublin_core_generator/generator_zc.html/)>. Acesso em 17 nov. 2018

**Figura 25** – xZINECOREx / DUBLINCORE generator

The image shows a web-based form for generating Dublin Core metadata. It consists of a vertical column of 12 input fields, each labeled with a metadata property and having expand/collapse icons. The properties are: Date Created, Extent, Dimensions, Medium, Identifier, Language, Collection, Volume, Issue, Place of Publication, and Rights Statement. Below these fields are two buttons: 'Generate Metadata' and 'Reset Page'. At the bottom of the form is an 'Output' section, which is currently empty.

Fonte: Disponível em: <[https://nsteffel.github.io/dublin\\_core\\_generator/generator\\_zc.html](https://nsteffel.github.io/dublin_core_generator/generator_zc.html)>. Acesso em: 12 ago.

2018.

### 3. METODOLOGIA

Nesse trabalho, foram empregados os métodos de pesquisa bibliográfica documental descritiva de natureza qualitativa<sup>114</sup>. Busquei analisar a literatura disponível a fim de compreender e aperfeiçoar o processo de descrição de publicações alternativas tanto em ambiente físico quanto virtual, assim, identificando pontos positivos e negativos, para então propor soluções. Trata-se de uma pesquisa documental descritiva, pois, utilizei documentos impressos como fonte primária de informação, com o intento de “descrever, registrar, analisar e interpretar o processo de descrição desses documentos” (SALAMON, 2010, p.42). E aqui, a fonte principal são os fanzines, os cordéis e trabalhos científicos que retratam o tema, portanto vou classificá-la como uma pesquisa documental descritiva.

Foram analisados dois registros de fanzines em catálogos diferentes, SophiA e xZINECOREx; foram analisados também dois cordéis, em que pude fazer uma análise comparativa de dois títulos em três registros distintos da mesma obra catalogada em 3 diferentes acervos Biblioteca Nacional (BN), Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB) e da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB). características que configuram essa pesquisa como “qualitativa”. Appolinario (2006) defende a teoria de que nenhuma pesquisa é exclusivamente qualitativa ou quantitativa, se trata de uma dimensão contínua com duas polaridades extremas, porém mais para um lado ou para outro. A presente pesquisa pode ser classificada como qualitativa, pois trata da análise subjetiva de um fenômeno bibliográfico, no caso a descrição de publicações alternativas, considerando características locais e temporais, pois o fanzine reflete o contexto geográfico e cultural do local em que foi concebido.

Foram escolhidos dois registros de fanzines “Marx na atualidade.” 2017 - disponível no Anexo B, e o “Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4” de 2013 e dois Cordéis, “A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de cordel” de 1982 e a “Chegada de Lampião no inferno. ” 2013. No caso dos fanzines, foram recolhidos registros do Instituto Federal Fluminense – IFFanzine e da Biblioteca da Barnard University, de New York/USA; dos cordéis, coletei registros das mesmas duas obras em três catálogos diferentes, que são: Biblioteca Nacional – BN, Fundação Casa Rui Barbosa e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE. Sendo que a

---

<sup>114</sup> “A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p.37)

Biblioteca Nacional e a Fundação Casa Rui Barbosa, operam com o sistema SophiA e a Biblioteca Central da UnB (BCE) opera com o sistema Pergamum<sup>115</sup>.

Abaixo, temos um quadro que retoma os objetivos específicos desse trabalho, e expõe os métodos usados para alcançar cada um deles. O quadro, aqui adaptado, é baseado no modelo proposto por Leite (2011, p.11) e mostra a relação entre: objetivos específicos, fonte, coleta e análise de dados.

**Quadro 4 – Relação entre objetivos, fonte, coleta e análise de dados**

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FONTE</b>	<b>COLETA DE DADOS</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS</b>
Comparar registros de cordéis entre diferentes catálogos.	Catálogo SOPHIA e Pergamum	Pesquisa em catálogo.	Análise comparativa
Descrever o modelo de catalogação de fanzines xZINECOREx.	Publicação	Fanzine em PDF: Zinecore Zine Flats <a href="http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2013/04/Zinecore-Zine-Flats1.pdf">http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2013/04/Zinecore-Zine-Flats1.pdf</a>	Análise de literatura
Propor modelo para descrição de fanzines orientado pelo padrão xZINECOREx.	Publicação	Fanzine em PDF: Zinecore Zine Flats <a href="http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2013/04/Zinecore-Zine-Flats1.pdf">http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2013/04/Zinecore-Zine-Flats1.pdf</a>	Análise de literatura

Fonte: Adaptado do quadro de Leite, 2011, p.11.

<sup>115</sup> O PERGAMUM - Sistema Integrado de Bibliotecas - é um sistema informatizado de gerenciamento de Bibliotecas, desenvolvido pela Divisão de Processamento de Dados da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O Sistema foi implementado na arquitetura cliente/servidor, com interface gráfica - programação em Delphi, utilizando banco de dados relacional SQL. O Sistema contempla as principais funções de uma Biblioteca, funcionando de forma integrada da aquisição ao empréstimo, tornando-se um software de gestão de Bibliotecas. (SCHIAVON, 2006, p.3)

### 3.1. SophiA

O SophiA biblioteca é um software para gestão de bibliotecas, e trato aqui pois é o software utilizado em alguns dos catálogos que abriga um dos registros analisados (“Marx na atualidade”, Anexo B) nesse trabalho, o sistema é utilizado pelo Instituto Federal Fluminense em Macaé/RJ; sistema criado e desenvolvido pela Prima Informática em 1997, “A Prima é a empresa desenvolvedora da linha de softwares SOPHIA, com soluções tecnológicas para o gerenciamento de instituições de ensino, escolas de cursos livres, bibliotecas e acervos não-bibliográficos.”<sup>116</sup>. No ano de 2004, o SophiA biblioteca tornou-se um dos sistemas comerciais mais vendidos no Brasil, totalizando mais de trezentas<sup>117</sup> instituições usuárias.

O SophiA é um sistema amplamente utilizado por bibliotecas em praticamente todos os estados nacionais. “O acervo total destas bibliotecas ultrapassa os três milhões de exemplares<sup>118</sup>, com dezenas de milhares de usuários” (DENÍCUTI, 2004). No entanto, os sistemas operam de forma isolada, apenas desfrutando dos serviços de importação de registros de fontes externas, tais como a Rede Bibliodata e catálogos internacionais por intermédio do protocolo Z39.50<sup>119</sup>. Os sistemas de busca do SophiA biblioteca, para a pesquisa em seu catálogo, divide-se em busca rápida e complementar. A busca rápida permite recuperar os temas pesquisados por título, autor, assunto ou em todos estes campos. A busca combinada fornece a opção de operadores booleanos “e”, “ou” e “e não” para busca nos campos autor, título e assunto, além de poder combinar a busca pelos campos de ano, coleção, acervo, material, idioma, data de aquisição, formato do conteúdo e o tipo de ordenação dos resultados.

Todas as versões do SophiA têm característica, que permitem a implementação de novas funcionalidades a partir da aquisição de módulos que atendam as necessidades da biblioteca. Segundo Dantas e Gottschalg-Duque (2010, p. 2), “o SophiA permite a informatização da biblioteca de acordo com as necessidades da instituição sendo cada versão composta pelo Módulo Gerenciador e por módulos opcionais que permitem ao usuário expandir o potencial do sistema” (EVARISTO, 2011). Conforme disposto no site da Prima Informática e no Manual do SophiA Biblioteca disponibilizado pela empresa, os módulos opcionais podem ser de Aquisições; Autoatendimento; Biblioteca Digital; Catálogo Coletivo Nacional (CCN); Chaves; Disseminação Seletiva da Informação (DSI); Entrada e Saída de Material Emprestado; Exportação BIREME; Legislação; MARC; Multibiblioteca; Portaria; Z39.50 e Terminal

---

<sup>116</sup> Disponível em: <<https://www.sophia.com.br>>. Acesso em 19 de nov. 2018

<sup>117</sup> Disponível em: <<https://www.sophia.com.br>>. Acesso em 19 de nov. 2018

<sup>118</sup> Dados fornecidos pelos clientes SophiA, contabilizados a partir do número de clientes e tamanho dos acervos.

<sup>119</sup> Protocolo de comunicação via internet que possibilita busca de intercâmbio de informações entre sistemas de informação distintos.

Web. No sistema SophiA além da criação de ambientes personalizados, possibilita a participação do usuário na criação, edição ou compartilhamento de conteúdos.

### 3.2. MARC21

Foram necessários alguns ajustes e sugestões de novos campos descritivos nos registros analisados, e se buscou no formato MARC<sup>120</sup> os campos necessários, para realizar o registro de maneira mais completa, a seguir investiguei um pouco de seu conceito e história. Numa definição mais simplificada, o formato MARC é um conjunto de códigos e designações de conteúdos definidos para codificar registros que serão interpretados por máquina. Sua principal finalidade é possibilitar o intercâmbio de dados, ou seja, importar dados de diferentes instituições, ou exportar dados de sua instituição para outros sistemas e redes de bibliotecas, através de programas de computador desenvolvidos especificamente para isto. Um instrumento que visa garantir a circulação, padronização e a permuta dos registros, segundo Correa “A padronização, na representação das informações de documentos é imprescindível e também o objeto de trabalho da catalogação descritiva como forma de garantia do intercâmbio de registros bibliográficos.” (CORREA, 2008).

Um registro MARC é composto por três elementos: estrutura, indicação do conteúdo e conteúdo propriamente dito. A estrutura do registro é uma implementação dos padrões internacionais ANSI Z39.2 e ISO 2709. As indicações de conteúdo são códigos e convenções estabelecidos para identificar e caracterizar os dados dentro do registro e permitir sua manipulação. Os conteúdos dos dados que compõem um registro MARC, geralmente são definidos por padrões externos ao formato, como: International Standard Bibliographic Description (ISBD), Anglo-American Cataloguing Rules (AACR2), Library of Congress Subject Headings (LCSH) ou outros códigos usados pela instituição criadora do registro. Barbosa, apresenta a finalidade do formato e lança luz sobre os objetivos do MARC:

A finalidade do MARC não é apenas a de facilitar a circulação dos dados catalográficos (inclusive em plano internacional) usando uma linguagem comum em sistema de informação tão flexível que se preste às mais diversas exigências de apresentação formal de documentos; consiste, também, numa tentativa mais funcional da análise das unidades de 42 informação contidas numa ficha catalográfica, permitindo controlá-las e recuperá-las o mais rapidamente possível. (BARBOSA, 1978, p. 205)

---

<sup>120</sup> Machine readable cataloguing (MARC) – “catalogação legível por computador”. Tradução livre.

O formato MARC para dados bibliográficos inclui informação sobre material textual impresso ou manuscrito, arquivo de computador, mapas, música, recurso contínuo, material visual e material misto; os dados bibliográficos normalmente incluem título, nome, assunto, nota, dado de publicação e descrição física.

- Livro (BK):** usado para material textual impresso, eletrônico, manuscritos e microformas, por natureza monográfica, por exemplo: livros, teses, etc.;
- Recurso Contínuo (CR):** usado para material textual impresso, eletrônico, manuscritos e microformas, com publicação frequente, por exemplo, periódicos, jornais e anuários. Até 2002 era designado como Publicação Seriada (SE);
- Arquivo de Computador (CF):** usado para programas de computador (softwares), dados numéricos, arquivos multimídias desenvolvidos para computador, serviços e sistemas on-line. Outros tipos de recursos eletrônicos são codificados de acordo com seu aspecto mais relevante;
- Mapas (MP):** usado para todos os tipos de material cartográfico - impresso, eletrônico, manuscritos e microformas, incluindo mapas planos e globos;
- Música (MU):** usado para música impressa, eletrônica, manuscritas e microformas, registros sonoros musicais e não-musicais;
- Material Visual (VM):** usado para mídias projetáveis e não projetáveis, gráficos bi-dimensionais, artefatos tri-dimensionais ou objetos naturais e kits;
- Material Misto (MX):** usado para documentos com formas mistas principalmente para coleções de arquivos e manuscritos. Até 1994, Material Misto (MX) era designado como Material de Arquivo e Manuscrito (AM). (MARANHÃO, 2017).

Todos estes materiais, podem ser monográficos ou seriados, dependendo da sua característica. As etiquetas usadas com mais frequência são: “010 marca o número de controle da Library of congress (LCCN) - 020 marca o Internacional Standard Number (ISBN) - 100 marca a entrada principal pelo nome pessoal (autor) - 245 marca a informação de título - 250 marca a edição - 260 marca a informação de publicação - 300 marca a descrição física - 440 marca a menção de série / entrada secundária da série. Em 06 de junho de 2008 o PCC (Program for Cooperative Cataloging –LC) fez a proposta de tornar o campo 440 obsoleto no formato MARC bibliográfico, em favor de usar o campo 490 (Indicação de série) e os campos 800-830 - entradas secundárias de séries. Esta proposta atende a necessidade dos sistemas automatizados de não pesquisar série em múltiplos lugares nos registros; outra proposta é a alteração do primeiro indicador, valor 1 no campo 490 - Indicação de série - 490 marca a menção de série - 520 marca a nota do resumo - 650 marca o cabeçalho de assunto tópico - 700 marca a entrada secundária pelo nome pessoal. (MARANHÃO, 2017).

## Tipos de registros bibliográficos

Os tipos de registro e de material são especificados através de códigos, indicados no Líder 06 (Tipo de material), que identificam os seguintes tipos de registro bibliográfico:

Material textual, material manuscrito, arquivo de computador, material cartográfico, impresso, material cartográfico manuscrito, música impressa, música manuscrita, gravação de som não musical, gravação de som musical, mídia projetável, material gráfico não projetável, artefatos tridimensionais e objetos da natureza, kit, material misto. (MARANHÃO, 2017)

No âmbito do fanzine, o minizine é muito comum, podendo ser abarcado pelo conceito e tratamento dado às microformas. Microformas, sejam elas originais ou reproduções, não são identificadas como um tipo especial de registro. A microforma é um aspecto secundário do material original, por exemplo a microforma de um livro. O mesmo se aplica para Arquivo de computador.

## Componentes do Registro Bibliográfico

Um registro bibliográfico em formato MARC é composto de três elementos principais: o Líder, o Diretório e os Campos Variáveis.

**Líder** - contém informações que possibilitam o processamento do registro; apresenta números e códigos que são identificáveis pela sua posição; compreende as 24 primeiras posições de um registro.

**Diretório** - apresenta uma série de entradas de tamanho fixo, uma para cada campo variável do registro. Cada entrada possui 12 posições e apresenta três partes: a *tag* ou etiqueta do campo, o tamanho do campo e a posição inicial do campo. O Diretório vem em seguida ao Líder e está localizado na posição 24 do registro, sendo gerado automaticamente.

**Campos Variáveis** - os dados ou informação do registro, estão organizados em campos variáveis ou de conteúdo variável, cada um identificado por uma *tag* ou etiqueta composta por três caracteres numéricos. Existem dois tipos de campos variáveis: de controle - que são os campos 00X; não contém indicadores nem sub-campos; campos de dados - são agrupados em blocos, de acordo com o primeiro caractere da *tag*; o tipo de informação no campo é identificado pelos caracteres restantes da *tag*. Apresenta dois tipos de designação de conteúdo: indicadores, as duas primeiras posições no campo de dados variáveis; são representados por um caractere numérico ou alfabético minúsculo; e os códigos de sub-campos, representados por dois caracteres que distinguem as informações dentro do campo; apresenta um delimitador (\$) e um identificador de dados - que pode ser um caractere numérico ou alfabético minúsculo. (MARANHÃO, 2017).

## Níveis de Catalogação

O formato MARC apresenta dois níveis de catalogação, utilizados nos EUA: nacional e mínimo. Os registros com nível nacional contêm informações de catalogação suficientes para permitir o uso por

várias agências nacionais e internacionais. Os registros com nível mínimo de catalogação contêm apenas informações essenciais, embora informações adicionais possam ser fornecidas. São utilizados códigos para indicar a exigência ou não de um determinado dado ou informação no registro:

**A - Obrigatório, se aplicável:** a informação referente aquele campo ou subcampo deve estar presente se a utilização dos mesmos for apropriada ao documento que está sendo descrito e se a informação estiver disponível;

**M - Obrigatório:** é obrigatória a utilização do campo ou subcampo;

**O - Opcional:** a utilização do campo ou subcampo é opcional. (MARANHÃO, 2017).

### Convenções Tipográficas

No formato MARC, se utiliza alguns elementos tipográficos, para economizar o tempo de quem faz o registro, facilitar a leitura do profissional bibliotecário, sintetizar e criar atalho na descrição.

**0** - Representa o dígito zero nas etiquetas, campos fixos e indicadores e outros lugares numéricos. Não confundir com a letra “O” maiúscula, em exemplos e textos.

**#** - É usado para espaço em branco em campos codificados e em outras situações especiais, onde a existência do espaço em branco poderia ser ambígua.

**\$** - Indicador de subcampo – utilizado como delimitador de código de subcampo. No texto, os códigos de subcampo são indicados como subcampo \$a, por exemplo.

**/** (barra diagonal) – posições específicas de caracteres do Líder, Diretório, campo 007 e 008, subcampo \$7 dos campos de entradas de ligação são expressas utilizando-se uma barra e o número da posição do caractere. Exemplo: Líder/06, 007/00, 008/12.

**1** - O símbolo gráfico 1 representa o número 1. Não confundir com a letra i “I” maiúscula e a letra L “l” minúscula.

**|** - (barra vertical) – representa um caractere cheio em exemplos do MARC para casos em que um código pode ser usado, mas o criador do registro decide não fornecê-lo. Podemos utilizá-lo nos campos 006, 007 e 008 e subcampo \$7 do campo 533 e nas entradas de ligação (760-787). Não utilizamos este símbolo no Líder, nas *tags*, nos indicadores ou nos códigos de subcampos. (MARANHÃO, 2017).

Sobre o uso do formato MARC no mundo, Barbosa (1978) dá uma visão ampla da capacidade de adaptação do formato e confirma-o como uma ferramenta padronizadora de registros bibliográficos, possibilitando um intercâmbio de registros catalográficos e estimulando o diálogo entre instituições de várias partes do mundo. Por ter sido considerado como uma linguagem padrão para intercâmbio de informações bibliográficas, o MARC passou a ser utilizado em outros países que, com algumas alterações e adequações, adotaram-no para gerir suas bibliografias nacionais e serviços de catalogação. “Atualmente, trabalham no mesmo esquema a Inglaterra, com o UK/MARC; a França, com o MONOCLE; o Canadá, com Canadian MARC; a Bélgica, com MARC/BR; a Espanha, com o IBERMARC; o México, com o MARC/México; o Brasil, com o CALCO; e ainda, o INTERMARC”. (BARBOSA, 1978, p. 212). As adequações no formato, que visam atender especificidades de descrição

de cada país, passam por conselhos formado por gestores da informação, bibliotecários e profissionais de Tecnologia da Informação, são representantes da França, Bélgica, Holanda, Suíça e Grã-Bretanha, ação que garante a qualidade da informação registrada e a padronização nos registros.

### 3.3. AACR2 - Anglo-American Cataloging Rules

Invariavelmente, os sistemas necessitam de um padrão catalográfico e se há a intenção de um maior nível de padronização e respeito aos protocolos internacionais de registros para obras bibliográficas, será necessário adotar um padrão estabelecido internacionalmente, aqui abordaremos o AACR2<sup>121</sup> que é amplamente utilizado e orienta o serviço de muitos sistemas de catalogação e/ou repositórios. O padrão AACR2, código de catalogação utilizado para uma maior padronização de metadados, escolhido pelo DCMI (*Dublin Core Metadata Initiative*), tem origem, segundo o site da FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, com cientistas da Informação e Instituições. Em 1961 na “Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação”, realizada em Paris, patrocinada pela UNESCO e organizada pela IFLA, apresentou propostas que levaram inicialmente à publicação do Código de Catalogação Anglo-Americano (*Anglo-American Cataloging Rules-AACR*), em 1967. Como resultados mais importantes nos anos subsequentes, estão as reformulações de códigos nacionais de catalogação com base em regras internacionais. (FEBAB, 2015).

É necessário clareza e objetividade no registro, e deve-se considerar o usuário não familiarizado com o sistema. Mey (1995, p. 2) lança luz sobre essa problemática “Todo o fazer biblioteconômico se constitui em um processo de comunicação, em que informamos aos usuários sobre os itens”. Atualmente, o AACR é uma publicação da *The Joint Steering Committee* e sua primeira publicação foi realizada em inglês no ano de 1967, a tradução em português só foi publicada em 1969, e em 1978, foi publicado a segunda edição do AACR. Essa nova edição foi reformulada e publicada em dois volumes, além de sua base estar estruturada pelas áreas de descrição da ISBD. Em janeiro de 2003, foi efetivada a renovação do contrato com os editores do AACR para a cessão dos direitos autorais, o que possibilitou à FEBAB as providências para tornar disponível aos bibliotecários brasileiros e dos países de língua portuguesa o novo Código de Catalogação Anglo-Americano, 2ª edição, revisão 2002.

O AACR2 está dividido em: Parte I - referente a descrição e a Parte II - sobre pontos de acessos e ainda possui os Apêndices. A primeira parte é composta por 13 capítulos, indo do um ao treze. A segunda parte é composta por seis capítulos, do 21 ao 26. Esse intervalo se justifica, pois, o intuito era

---

<sup>121</sup> Anglo-American Cataloging Rules (AACR) - “Código de Catalogação Anglo-Americano”. Tradução livre.

caso necessário acrescentar uma tipologia de documento em sequência ao 13º capítulo. O acesso às representações é possível por meio do catálogo da biblioteca que segundo Mey (1995, p. 9) “[...] é um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos [...]”.

Para facilitar o uso do AACR, ele foi projetado com mecanismos utilizados para compreender todo o conhecimento produzido no passado e do que venha a existir, independente do suporte. Dessa forma, cada capítulo possui oito áreas de descrição seguindo a ISBD: 1 Área do título e indicação de responsabilidade; 2 Área da edição; 3 Área dos detalhes específico do material (Ou do tipo de publicação); 4 Área da publicação, distribuição etc.; 5 Área da descrição física; 6 Área da série; 7, Área das notas; 8 Área do número normalizado e das modalidades de aquisição.

Segundo o AACR2, sugere três níveis de descrição. Elas servem para nortear a catalogação dos materiais. O primeiro nível trabalha com os metadados gerais das áreas: 1 Área do título e indicação de responsabilidade; 2 Área da edição; 4 Área da publicação, distribuição etc.; 5 Área da descrição física; 7 Área das notas; 8 Área do número normalizado e das modalidades de aquisição. Ao iniciar a catalogação, o catalogador deverá escolher entre três níveis de descrição. (AACR2, 2004)

O **primeiro nível** contendo Título principal / primeira indicação de responsabilidade, se diferir do cabeçalho de entrada principal em forma ou número, ou se não houver cabeçalho de entrada principal. – Indicação de edição. – Primeiro editor etc., data de publicação etc. – Extensão do item. – Nota(s). – Número normalizado. (CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO, 2004, regra 1.0D1). O **segundo nível** sugere a utilização de todas as áreas, e um aprofundamento de algumas áreas. **Título principal:** [designação geral do material] = Título equivalente: outras informações sobre o título / primeira indicação de responsabilidade; cada uma das indicações subsequente de responsabilidade; **Indicação de edição:** primeira indicação de responsabilidade relativa a edição. Detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação). – Primeiro lugar de publicação etc., primeiro editor etc., data de publicação etc; **Extensão do item:** outros detalhes físicos: dimensões. – (Título principal da série / indicação de responsabilidade relativa à série, ISSN da série; numeração dentro da série; **Título da subsérie:** ISSN da subsérie; numeração dentro da subsérie); **Nota(s).** – Número normalizado. (CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2002. Disponível em: <[https://biblioteconomiasemcensura.files.wordpress.com/2013/05/aacr2\\_completo1.pdf](https://biblioteconomiasemcensura.files.wordpress.com/2013/05/aacr2_completo1.pdf)>. Acesso em 01/01/2019.)

O **terceiro nível** sugere a utilização de todos os elementos que se aplicam a um recurso que está sendo catalogado. “Todos os elementos especificados nas regras seguintes, aplicáveis ao item que está sendo descrito.” (CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO, 2005). Nesse trabalho, optou-se em trabalhar com o mapeamento dos níveis um (1) e dois (2) do AACR2r, pois, apresentam os elementos mínimos para descrição de um recurso. (ARAKAI, 2016).

Da catalogação de livros, podemos aproveitar algumas características para a catalogação de publicações alternativas, caso a obra possua algum dos tópicos observados e apontadas por Mey (1995), estas informações devem ser extraídas a partir de algumas fontes de informações: folha de rosto; verso da folha de rosto; outras páginas que antecedem a folha de rosto; capa; colofão; encartes, bolsos ou pastas; apêndices e anexos; glossários, bibliografias e índices; orelha(s); prefácio; sumário; introdução.

### 3.4. CATALOGAÇÃO DE FOLHETOS DE CORDEL

Na catalogação dos folhetos, segundo orientação, do caderno técnico elaborado pela FUNARTE e Centro Nacional de Folclore e Cultura (ALBUQUERQUE, 2011), tomei por base a contracapa do folheto de cordel, que equivale a folha de rosto do livro, no sentido de ser fonte oficial para extração de informações sobre o exemplar, para as informações referentes a editor e editora. “A catalogação informatizada tem um mesmo formulário de entrada de dados para os diferentes suportes – livros, periódicos, filmes e vídeos, folhetos de cordel, entre outros” (Catalogação de folhetos de cordel. FUNARTE. 2002.) “Os campos desse formulário têm como base o código de catalogação anglo americana (AACR2) que define um conjunto de regras para os acervos bibliográficos em geral.” A seguir veremos as informações que no manual de catalogação considera essenciais.

#### Campos utilizados

- **Código:** é o número sequencial de entrada do formulário na base de dados.
- **Tipo de material:** campo preenchido com base em tabela numérica interna que identifica diferentes suportes (texto, imagem e som) e suas especificidades (texto, monografias, relatórios, teses, folhetos de cordel em verso, em prosa, etc).
- **Notação principal:** é o endereço do folheto, o número que identifica a localização de cada obra da coleção. Seguindo ordem sequencial, é precedido da letra C (cordel).
- **Número de registro:** neste campo, anota-se o número que o folheto recebeu ao ser incorporado ao acervo no Livro de Registro Patrimonial de Folhetos de Cordel. No caso de folhetos com mais de um

exemplar ou volume, mais de um exemplar e/ou volume, apenas o primeiro será referido neste campo, recebendo numeração única.

- **Outros registros:** campo utilizado para associar exemplares idênticos ou volumes de uma mesma obra. Cada um recebe, também, número de registro único, seguido do devido complemento.
- **Autor:** Indicado na capa e/ou na primeira página do folheto. A entrada é feita segundo Código de Catalogação Anglo-Americana (AACR2). Quando o autor indicado na capa do folheto é diferente do contido no acróstico, o primeiro é incluído no campo de autor e o segundo em notas principais informais.
- **Outros autores:** São identificados, acrescentando-se termo referente à indicação de responsabilidade. Para os folhetos de cordel, determinou-se o termo ‘ed. Prop.’ (editor proprietário) para configurar a propriedade da obra. Ex.: Silva, José Bernardo da, ed. Prop.
- **Título:** Preenchido conforme consta na capa do folheto.
- **Outros títulos:** Incluído quando há diferenças entre as informações da capa e da primeira página. Ex.: título: A chegada de Lampião no inferno.
- **Responsabilidade:** São registrados os responsáveis pelo conteúdo da obra, tal como constam no folheto. Quando não há autoria, faz-se referencia apenas ao editor proprietário, se houver assinalando-se entre parêntese o termo “proprietário” Ex.: João Martins de Athayde (proprietário).
- **Edição:** Indica as alterações ocorridas pelas revisões, correções e adições. Poucos folhetos têm essa referência. Ex.: 2ºed. Rev. Ampl. 6º ed.
- **Série:** Grupo de itens que se relacionem, mantendo seu próprio título e um título coletivo. Poucos têm esta referência. Ex.: Literatura de cordel; 2. Folclórica; n.41
- **Imprensa:** informa os dados referentes à edição da publicação, conforme o AACR2. Que são: local, editor (optou-se por incluir, além da casa editora, o editor proprietário, para frisar a diferença entre o autor e o detentor dos direitos de propriedade da obra) e data.
- **Descrição física:** especifica dados referentes a número de páginas e/ou volumes, número de estrofes contidas em um folheto ou o somatório em volumes, tipo de estrofes e o ritmo, e número de sílabas métricas.
- **Notas principais:** indica as referências consideradas relevantes.
- **Notas formais:** o código relaciona, em caixa alta, a primeira letra de cada verso que compõe a estrofe inicial do folheto; capa: identifica o tipo de ilustração, se xilogravura, desenho, foto ou cliché,

observando-se a autoria, se houver; acróstico: reproduz, em caixa alta, o acróstico se houver. Quando o folheto tem continuação em outro(s) volumen(s).

- **Notas informais:** reimpressão, autoria também atribuída a..., folheto catalogado a partir de fotocópia, folheto reservado, folheto em prosa.

- **Descritores identificadores:** esses campos compõem as pastas que orientam a busca dos folhetos a partir de diferentes consultas, recuperando as informações neles contidas. É um conjunto de termos relativos a obra num plano mais amplo (descritores) e na perspectiva mais direta (identificadores). Ex: Descritor: Vaqueiro Identificador: Caruaru (PE) (Catalogação de folhetos de cordel. FUNARTE. 2002. p.21-24).

#### 4. APLICAÇÃO

Foram escolhidos dois registros de fanzines (“Marx na atualidade” de 2017 e o “*Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4*” de 2013) e dois Cordéis (“A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de cordel” de 1982 e a “Chegada de Lampião no inferno.” 1977). No caso dos fanzines, eu recolhi registros do Instituto Federal Fluminense – IFFzine e da Biblioteca da Barnard University, de New York/USA; dos cordéis, coletei registros das mesmas duas obras em três catálogos diferentes, que são: Biblioteca Nacional – BN, Fundação Casa Rui Barbosa e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE. Sendo que a Biblioteca Nacional e a Fundação Casa Rui Barbosa, operam com o sistema SophiA e a Biblioteca Central da UnB (BCE) opera com o sistema Pergamum.

No estudo de caso dos registros expostos, analisamos na forma como aparecem em seus respectivos catálogos, e, pós análise, serão otimizadas características que podem ser aperfeiçoadas como, minimizar disparidades entre registros de uma mesma obra, buscar uma padronização adequada para as publicações alternativas, inserção de novos campos como por exemplo “Xilógrafo<sup>122</sup>” que visa creditar o autor das xilogravuras que geralmente estampam as capas dos cordéis. Na visão Cervo, Bervian e Da Silva (2007, p. 61) “Estudo de caso é a pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida”, ou seja, os registros e instituições escolhidas aqui, representam experiências pertinentes a essa pesquisa exploratória.

---

<sup>122</sup> Ver glossário

Os registros foram relocados em um modelo de registro proposto pelo autor desse trabalho, os fanzines baseados no modelo xZINECOREx e o cordel teve como base o registro na Biblioteca Nacional, pela completude de informações coletados acerca da obra registrada e o caderno técnico – Catalogação de folhetos de cordel, elaborado pela FUNARTE/RJ de 2002.

#### **4.1. - Fanzine 1 “Marx na Atualidade” 2017.**

O Fanzine 1 “Marx na Atualidade” de 2017, marca a inauguração da Fanzinoteca do IFFanzineca, localizada em Macaé no estado do Rio de Janeiro. A presente edição do selo editorial "Coleção Fanzinoteca IFF Macaé" apresenta a abordagem do pensamento de Marx, sob o olhar dos jovens estudantes do IFFluminense Campus Macaé.

O fanzine, disponível no Anexo B desse trabalho, vem em formato de minizine<sup>123</sup>, em tamanho 10 cm x 17 cm; traz artes, colagens, textos, é impresso a cores e possui periodicidade regular. A seguir veremos o registro dele no catálogo do Instituto Federal Fluminense, em base de dados do sistema Sophia, sendo um dos raros lugares em território brasileiro, que possui iniciativa de registro desse tipo, configurando um pioneirismo, tanto do registro da publicação alternativa em catálogo, quanto da fanzinoteca. Isto ocorre dentro de um Instituto Federal, que é um importante aval na implantação do fanzine no contexto da instituição de ensino, que o trabalha didaticamente com suas turmas, desenvolvendo oficinas, produções individuais e coletivas, transformando um fanzine em um importante instrumento de avaliação de atividades didáticas.

---

<sup>123</sup> Ver glossário

Figura 26 – Fanzine “Marx na Atualidade” 2017

The screenshot displays the 'SISTEMA DE BIBLIOTECAS' interface of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. The search results page shows details for a fanzine titled 'Marx na atualidade [ilustração]'. The interface includes a navigation bar with 'Home', 'Pesquisa', 'Minha seleção', 'Serviços', 'Levantamentos bibliográficos', and 'Links úteis'. The search bar contains the term 'fanzine' and shows 7/10 results. The details section includes fields for publication information, classification, and subjects.

Detalhes do periódico	
Inf. publicação	Fanzine - Português
ISSN	(Broch)
Número de chamada	
Classificação	741.5351
Notação	M392
Complemento	FAN
Título	<b>Marx na atualidade [ilustração]</b>
Imprenta	Macaé, RJ : [s.n.], 2017.
Periodicidade	Irregular
Notas	
Gerais	Obra vinculada ao Projeto de Extensão IFanzine.
Assuntos	1. Fanzines - Brasil 2. Marx, Karl, 1818-1883 3. Comunismo
Ent. sec.	I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campus Macaé

Fonte: base SophiA do Instituto Federal Fluminense (IFFanzine) – Disponível em: <<http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/>>.

Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 27** – Registro em MARC do Fanzine “Marx na Atualidade”

The screenshot shows the 'SISTEMA DE BIBLIOTECAS' interface. The search results are displayed in MARC format. The record details are as follows:

```

000 nas a22 4a 4500
001 000047674
005 20180927175809.0
007 t
008 180713 por
022 _ |a (Broch.)
090 _ |a 741.5351 |c FAN |b M392
245 _0 |a Marx na atualidade |h ilustração
260 _ |a Macaé, RJ |c 2017
310 _ |a Irregular
500 _ |a Obra vinculada ao Projeto de Extensão IFanzine.
600 _ |a Marx, Karl |d 1818-1883
650 _ |a Fanzines - Brasil
650 _ |a Comunismo
710 _ |a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campus Macaé
990 _ |a Fanzine
  
```

Fonte: base SophiA do Instituto Federal Fluminense (IFFanzine) – Disponível em: <<http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/>>.

Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 28** - Registro em DUBLIN CORE do Fanzine “Marx na Atualidade”

The screenshot shows the 'SISTEMA DE BIBLIOTECAS' interface with the Dublin Core record displayed. The record details are as follows:

```

title Marx na atualidade
contributor Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campus Macaé
subject Fanzines - Brasil
subject Marx, Karl, 1818-1883
subject Comunismo
description Obra vinculada ao Projeto de Extensão IFanzine.
date 2017
type Fanzine
identifier (Broch.)
language Português
  
```

Fonte: Base SOPHIA do Instituto Federal Fluminense (IFFanzine) – Disponível em: <<http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/>>.

Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 29** - Registro de Fanzine no acervo IFFanzine

#	Tombo	Ano	Volume	Número	Parte	Per. circ.	Suporte	Data	Localização	Biblioteca	Situação	Artigos Res.	@
1	133334	2017	v. 1	n. 1		12 out.	Fanzine		Hemeroteca (Periódicos)	Macaé	Não circula	- x	<a href="#">ver</a>

Fonte: Disponível em: <http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 30** – xZINECOREx / DUBLINCORE generator - Fanzine “Marx na Atualidade”

Generate Metadata!
Reset Page

**Output**

```
<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
<zc:title>Marx na atualidade [ilustração] </zc:title>
<zc:subject> 1. Fanzines - Brasil </zc:subject>
<zc:subject>2. Marx, Karl, 1818-1883 </zc:subject>
<zc:subject>3. Comunismo</zc:subject>
<zc:genre>Fanzine</zc:genre>
<zc:description>12 pgs. 12 cm x 15 cm</zc:description>
<zc:abstract>o pensamento de Marx, sob o olhar dos jovens estudantes do IFFluminense Campus Macaé,
instituição de ensino profissionalizante que integra a rede pública federal de ensino e que abriga a
Fanzinoteca, espaço dedicado à preservação da memória das publicações paratópicas e que vem estimulando a
formação de novos autores entre os jovens estudantes da instituição, representando um marco na inserção do
fanzine como uma ferramenta pedagógica e estímulo à subjetivação e autoralidade no espaço do ensino e
aprendizagem. Na presente edição os tópicos Divisão de Classe, Exploração da Classe Operária, Alienação e
Ideologia, foram abordados de forma criativa e autoral, com colagens, cartuns e ilustrações que atestam o
potencial do zine como mecanismo de potencializar a produção textual, o estímulo aos talentos individuais em
múltiplas linguagens e como veículo para estímulo a formação de criticidade e reflexão coletiva.
</zc:abstract>
<zc:publisher>Macaé, RJ : [s.n.]</zc:publisher>
<zc:datecreated>2017</zc:datecreated>
```

Save Generated Metadata to File

Fonte: Disponível em: [https://nsteffel.github.io/dublin\\_core\\_generator/generator\\_zc.html](https://nsteffel.github.io/dublin_core_generator/generator_zc.html). Acesso em: 21 dez. 2018.

**Modelo proposto baseado no xZINECOREx - Fanzine “Marx na Atualidade”**

**Figura 31 – Fanzine 2 “Marx na Atualidade” no modelo xZINECOREx**

FANZINE /CORDEL	METADADO ATUAL
<b>TÍTULO</b>	Marx na atualidade
<b>AUTOR</b>	Alberto Carlos Sousa (coord.)
<b>COLABORADORES</b>	Alberto Beralto, Leonardo Brito, Karol Castro, Kezia Campos, Paulo José, Sara Gaspar.
<b>ASSUNTO / GÊNERO</b>	1. Fanzines - Brasil 2. MARX, Karl. 1818-1883 3. Comunismo
<b>RESUMO</b>	Apresentando uma abordagem do pensamento de Marx, apresentando em tópicos como: Divisão de Classe, Exploração da Classe Operária, Alienação e Ideologia, abordados de forma criativa e autoral, com colagens, cartuns e ilustrações sob o olhar dos jovens estudantes do IFFluminense Campus Macaé, instituição de ensino profissionalizante que integra a rede pública federal de ensino e que abriga a Fanzinoteca – IFFanzine.
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	10 cm x 17 cm, fanzine pequeno
<b>EDITOR</b>	IFFanzine
<b>DATA</b>	12/10/2017
<b>LINK PARA VISUALIZAÇÃO EXTERNA:</b>	Disponível em: < <a href="https://issuu.com/iffanzine/docs/zine_marx_na_atualidade_online">https://issuu.com/iffanzine/docs/zine_marx_na_atualidade_online</a> >. Acesso em: 10 out. 2018.
<b>NOTAS GERAIS</b>	Obra vinculada ao Projeto de Extensão IFFanzine. “...filosofia e arte, que se entendem tão bem e, diga-se de passagem, são ambas menosprezadas pelo capital, se uniram para refletir, questionar e denunciar este sistema. O resultado é o fanzine que você tem em mãos, intitulado Marx na atualidade (BRITO, 2017).” (Blog “IFFANZINE” Disponível em: < <a href="http://iffanzine.blogspot.com/2018/01/autor-beralto-zine-marx-na-atualidade.html">http://iffanzine.blogspot.com/2018/01/autor-beralto-zine-marx-na-atualidade.html</a> >. Acesso em: 18 nov. 2018.
<b>IDIOMA</b>	Português
<b>LUGAR DE PUBLICAÇÃO</b>	Macaé/RJ - Brasil
<b>VER TAMBÉM</b>	Afroindi, Cabeça oca, Café Filosófico, Gibiozine, Peibê, Traços de memória
<b>LIBERDADES E RESTRIÇÕES</b>	Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Fonte: baseado no modelo xZINECOREx (Tradução livre)

### Sugestões para novos campos:

O registro baseado no xZINECOREx supre as informações básicas, mas, dados como a paginação e o resumo do conteúdo do zine, pode ser elementos decisivos na recuperação da obra, em seguida sugiro a inserção dos campos que registrariam a publicação mais próxima de sua completude.

- **Periodicidade:** irregular.

- **Notas Gerais:** obra vinculada ao Projeto de Extensão IFFanzine. “...filosofia e arte, que se entendem tão bem e, diga-se de passagem, são ambas menosprezadas pelo capital, se uniram para refletir, questionar e denunciar este sistema. O resultado é o fanzine que você tem em mãos, intitulado Marx na atualidade (BRITO,2017)<sup>124</sup>. Equivale ao **Campo 500 do MARC** (O campo contém notas contendo informações complementares sobre o documento e para as quais não existe um campo 5XX específico.)

- **Resumo:** apresentando uma abordagem do pensamento de Marx, apresentando em tópicos como: Divisão de Classe, Exploração da Classe Operária, Alienação e Ideologia, abordados de forma criativa e autoral, com colagens, cartuns e ilustrações sob o olhar dos jovens estudantes do IFFluminense Campus Macaé, instituição de ensino profissionalizante que integra a rede pública federal de ensino e que abriga a Fanzinoteca – IFFanzine.

- **Link para visualização online:** [https://issuu.com/ifanzine/docs/zine\\_marx\\_na\\_atualidade\\_online](https://issuu.com/ifanzine/docs/zine_marx_na_atualidade_online)

### País da Entidade Produtora – 257

Nome ou abreviatura do país onde está localizado escritório principal da firma produtora do filme cinematográfico ou vídeo. A firma neste caso é a empresa ou o indivíduo registrado na indicação de responsabilidade, subcampo \$c do campo 245 (título principal).

### Endereço – 270

Contém um endereço, tanto de acesso eletrônico, como números de telefone, fax, associado com um documento bibliográfico. Para recursos online, os endereços podem ser das pessoas ou instituições responsáveis pela disponibilidade geral do documento. Vários endereços tais como, endereço para correio e endereço correspondendo à localização física de um documento são registrados em campos “270”, de maneira separada.

---

<sup>124</sup> Blog “IFFANZINE” Disponível em: <<http://iffanzine.blogspot.com/2018/01/autor-beralto-zine-marx-na-atualidade.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

#### Tipo de mídia - 337

O tipo de mídia representa o tipo geral de dispositivo intermediário que será necessário para visualizar, executar, tocar, etc. o conteúdo de um recurso. Utilizado como alternativa ou complemento ao código de tipo de mídia informado no campo 007/00 (Categoria do material). A informação no campo 337 permite indicar os tipos de mídias mais específicos e tipos provenientes de diversas listas.

#### Controle do Autor sobre a Disseminação – 357

Contém especificações relativas ao controle do responsável, isto é, autor, produtor, do material a ser catalogado. O subcampo \$a contém um termo específico informando que o responsável tem controle sobre o material).

#### Nota de idioma - 546

Informação textual do idioma do material descrito. Também utilizado para descrever os alfabetos, escritas ou outros símbolos que aparecem no documento. A informação codificada sobre o idioma é codificada em 008/35-37 (Idioma) e no campo 041 (Código do idioma).

#### **4.2. – Fanzine “*Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4*” (CONNOR, 2014)**

Publicação alternativa que integra o acervo físico e digital da *Anchor Archive Zine Library*, biblioteca sem fins lucrativos administrada coletivamente, que contém mais de 5000 mil fanzines catalogados (BELANGER, 2016, p.3) disponíveis para consulta e empréstimo, localizada em Halifax, no Canadá. Trouxe esse registro, pois ele é orientado pelas recomendações de catalogação do manual xZINECOREx.

**Figura 32** – Fanzine “*Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4*”  
(CONNOR, 2013)

## Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4



**Author(s) & Contributor(s)**

Shannon Connor

**Publication Year**

2013

**Geographic Location**

Milwaukee, WI

**Language**

English

**Number of Pages**

40

**Physical Description**

half-page, photographs, images of posters, text

**Summary**

DIY Zine Fests - info about how to organize them, pictures from zine fests around the USA and maybe other places

#zine fairs #DIY #punk #house shows

#DIY DIY and How-to

Copies in library

DIY 6517 (Available)

[Click to view circulation history](#)

Fonte: Anchor Archive Zine Library – Disponível em: <<http://anchorarchive.org/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Modelo proposto baseado no xZINECOREx – Fanzine 2 “Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4” em Anchor Archive Zine Library**

**Figura 33 - Fanzine 2 “Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4” (CONNOR, 2013)**

FANZINE /CORDEL	METADADO ATUAL
<b>TÍTULO</b>	Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4
<b>AUTOR</b>	Shannon Connor
<b>COLABORADORES</b>	
<b>ASSUNTO / GÊNERO</b>	1. Produção de eventos 2. Como organizar eventos 3. Faça você mesmo
<b>RESUMO</b>	A quarta edição do Basements and Living Rooms, um fanzine sobre música, “Faça você mesmo” e casa de shows, foca em produção de eventos alternativos. Inclui considerações sobre como produzir uma festa bem-sucedida, como reduzir a ansiedade durante festivais, folhetos de festas e etiqueta da casa.
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	15 cm x 21 cm
<b>EDITOR</b>	Independente
<b>DATA</b>	2013
<b>LINK PARA VISUALIZAÇÃO EXTERNA:</b>	Disponível em: < <a href="https://portlandbuttonworks.com/zines-book-comics/zines/music-1/basements-and-living-rooms-4">https://portlandbuttonworks.com/zines-book-comics/zines/music-1/basements-and-living-rooms-4</a> >. Acesso em: 12 nov. 2018.
<b>NOTAS GERAIS</b>	
<b>IDIOMA</b>	Inglês
<b>LUGAR DE PUBLICAÇÃO</b>	Milwaukee/Wiscosin - EUA
<b>VER TAMBÉM</b>	Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #3, Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #2, Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #1.
<b>LIBERDADES E RESTRIÇÕES</b>	Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Fonte: Baseado em modelo xZINECOREx (2013).

**Sugestões para novos campos:**

Nesse registro, existe a necessidade de acrescentar tópicos relacionados a periodicidade, resumo e link para visualização da obra.

- **Periodicidade:** irregular

- **Notas Gerais:**

- **Resumo:** A quarta edição do *Basements and Living Rooms*, um fanzine sobre música, “Faça você mesmo” e casa de shows, foca em produção de eventos alternativos. Inclui considerações sobre como produzir uma festa bem-sucedida, como reduzir a ansiedade durante festivais, folhetos de festas e etiqueta da casa.

- **Link para visualização online:** Disponível em: <<https://portlandbuttonworks.com/zines-book-comics/zines/music-1/basements-and-living-rooms-4>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

**4.3 – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” (PAIVA, 1982)**

O cordel “A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de cordel” narra a chegada ao céu do cantor nordestino Nelson Ferreira, artista falecido no ano de 1976 e ganhou, esse título em cordel como homenagem póstuma. Os registros aqui selecionados são das instituições Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/RJ, Fundação Casa Rui Barbosa e da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Os três catálogos possuem o título “A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de cordel” do autor Aldemar de Paiva, lançado no ano de 1982, baseado nesses três registros da mesma obra em três diferentes instituições, foi possível visualizar gargalos da catalogação, disparidades e com o diagnóstico da situação, podemos criar os campos necessários para o registro do cordel.

**Figura 34** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Biblioteca Nacional (BN) (PAIVA, 1982)

The screenshot displays the website interface of the Fundação Biblioteca Nacional. At the top, there is a navigation bar with icons for Home, Pesquisa, Autoridades, Minha seleção, and Serviços. Below this is a search bar with options for 'Busca rápida' and 'Busca combinada', a dropdown for 'Qualquer coleção', and another for 'Qualquer biblioteca'. The main content area is titled 'Detalhes da obra' and lists the following information:

Inf. publicação	Livro - Português
ISBN	85-7019-048-4 (broch.)
Classificação Dewey	398.5
Localização	Obras Gerais - VI-338,4,2,n.7
Ent. princ.	Paiva, Aldemar
Título	<b>A chegada de Nelson Ferreira no céu : (uma fantasia de cordel) / Aldemar Paiva.</b>
Imprenta	Recife : Massangana : Ed. Rozenblit, 1982.
Desc. física	26p. ; 22 cm.
Notas	
Locais 5	BNB
Assuntos	1. Ferreira, Nelson, 1906- - Poesia 2. Literatura de cordel brasileira
Ent. sec.	I. Fundação Joaquim Nabuco

At the bottom of the page, there is a rating section with five stars and a 'Tweet' button.

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 35** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Biblioteca Nacional (BN) (PAIVA, 1982) – Registro em MARC

The screenshot displays the website of the Fundação Biblioteca Nacional. At the top, there is a red header with the logo and the name 'FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL'. Below this is a navigation bar with icons for Home, Pesquisa, Autoridades, Minha seleção, and Serviços. A secondary bar contains links for Ajuda, Acessibilidade, and Alto contraste. The main search area features a search bar with 'Busca rápida' and 'Busca combinada' tabs, a dropdown for 'Qualquer coleção', and another for 'Qualquer biblioteca'. Below the search bar are buttons for 'Todos os campos', 'Buscar', and 'Limpar', along with a checkbox for 'Registros com conteúdo digital'. A navigation bar below the search area includes 'voltar', '1/1', and 'Nova pesquisa'. The main content area has tabs for 'Detalhes', 'MARC tags', and 'Dublin Core', with 'MARC tags' selected. The MARC tags are listed as follows:

```

000 00734cam a22002417a 4500
001 000364931
003 BR-RjBN
005 20090921112849.4
008 840601s1982 bpe 000 0 por u
012 __ |a BN000272817
020 __ |a 85-7019-048-4 (broch.)
035 __ |a 96101717465648001
040 __ |a Br |b por
082 04 |a 398.5
092 __ |a VI-338,4,2,n.7 |d F
100 1_ |a Paiva, Aldemar.
245 12 |a A chegada de Nelson Ferreira no céu : |b (uma fantasia de cordel) / |c Aldemar Paiva. -
260 __ |a Recife : |b Massangana : |b Ed. Rozenblit, |c 1982.
300 __ |a 26p. ; |c 22cm.
595 __ |a BNB |c 83
600 14 |a Ferreira, Nelson, |d 1906- |x Poesia.
650 04 |a Literatura de cordel brasileira.
710 20 |a Fundação Joaquim Nabuco.
852 __ |a Obras Gerais
990 __ |a Livro

```

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 36** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Biblioteca Nacional (BN) (PAIVA, 1982) – Registro em *Dublin Core*

The screenshot shows the website interface of the Fundação Biblioteca Nacional. At the top, there is a red header with the logo and the name 'FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL'. Below this is a navigation bar with buttons for 'Home', 'Pesquisa', 'Autoridades', 'Minha seleção', and 'Serviços'. A secondary bar contains links for 'Ajuda', 'Acessibilidade', and 'Alto contraste'. The main search area includes a search bar with 'Busca rápida' and 'Busca combinada' tabs, a dropdown for 'Qualquer coleção', and another dropdown for 'Qualquer biblioteca'. There are buttons for 'Buscar' and 'Limpar', and a checkbox for 'Registros com conteúdo digital'. Below the search area, there is a 'voltar' button and a 'Nova pesquisa' button. The record is displayed in 'Dublin Core' format, with tabs for 'Detalhes', 'MARC tags', and 'Dublin Core'. The record details are as follows:

<b>title</b>	A chegada de Nelson Ferreira no céu : (uma fantasia de cordel)
<b>creator</b>	Paiva, Aldemar
<b>contributor</b>	Fundação Joaquim Nabuco
<b>subject</b>	398.5
<b>subject</b>	Ferreira, Nelson, 1906 - - Poesia
<b>subject</b>	Literatura de cordel brasileira
<b>description</b>	BNB
<b>publisher</b>	Massangana
<b>date</b>	1982
<b>type</b>	Livro
<b>format</b>	26p. ; 22 cm.
<b>identifier</b>	85-7019-048-4 (broch.)
<b>language</b>	Português

The 'SophiA' logo is visible in the bottom right corner of the record area.

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 37** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da BCE (PAIVA, 1982)

**Dados do acervo - Folhetos** Fechar(X)

Paiva, Aldemar. Chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel(a). Recife: Massangana, 1982. 26 p.

[Tweeter](#)

Número de Chamada	087.65P149c
Autor Principal	Paiva, Aldemar
Título Principal	Chegada de Nelson Ferreira no céu :Uma fantasia de cordel(a)
Publicação	Recife : Massangana,1982.
Descrição Física	26 p
Notas	Faz parte da coleção de folhetos localizada no subsolo ao final da classe 3.
Assuntos	Literatura de cordel Literatura de cordel

Nosso vale : Seu folclore beira-rio - ( Livros )

CARDOSO, Antônio da França. Nosso vale: Seu folclore beira-rio. Brasília: Thesaurus, 1987. 108 p.  
Número de chamada: 398.2 C268a

[Exemplares](#) | [Referência](#) | [Marc](#) | [Reserva](#)

Cordel e os desmantelos do mundo(a) / 1983 - ( Livros )

CASA DE RUI BARBOSA. Cordel e os desmantelos do mundo(a). Rio de Janeiro: 1983. 304 p.  
Número de chamada: 087.65(81)(08) C334c

[Exemplares](#) | [Referência](#) | [Marc](#) | [Reserva](#)

**Veja também**

[Dados do acervo](#) | [Exemplares](#) | [Referência](#) | [Marc](#) | [Reserva](#)

PARANHOS, Adalberto. Dialética da dominação: Dominação ideológica e consciência de classe. Campinas: Papius, 1984. 95 p.

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 38** – Cordel “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da BCE, Registro em MARC (PAIVA, 1982)

Marc		
001		34714
003		BR-BrUNB
005		20170127133000.0
008		120304 1982 por
080		\$a 087.65
090		\$a 087.65 \$b P149c
100	1	\$a Paiva, Aldemar
245	1 0	\$a Chegada de nelson ferreira no ceu : \$b Uma fantasia de cordel(a)
260		\$a Recife : \$b Massangana, \$c 1982.
300		\$a 26 p
500		\$a Faz parte da coleção de folhetos localizada no subsolo ao final da classe 3.
650	0 4 0 4	\$a Literatura de cordel \$a Literatura de cordel
914		\$a 7 - FOLHETO

Exemplares | Referências | Marc | Reserva

Cordel e os desmantelos do mundo(o) / 1983 - ( Livros )

CASA DE RUI BARBOSA. Cordel e os desmantelos do mundo(o). Rio de Janeiro 1983. 304 p.

Numero de chamada: 087.65(81)(08) C334c

**Veja também**

Dados do acervo | Exemplares | Referência | Marc | Reserva

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 39** – Referência do cordel “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” (PAIVA, 1982)

Referencia
» Chegada de nelson ferreira no ceu : Uma fantasia de cordel(a) / 1982
PAIVA, Aldemar. <i>Chegada de nelson ferreira no ceu: Uma fantasia de cordel(a)</i> . Recife: Massangana, 1982. 26 p

Cerrar(X)

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 40** - Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB)

Fundação Casa de Rui Barbosa

Home Pesquisa Autoridades Minha seleção Serviços

Ajuda | Acessibilidade | Alto contraste Entrar

Busca rápida Busca combinada Qualquer coleção Qualquer unidade

Todos os campos A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de Paiva, Aldemar Buscar Limpar  Registros com conteúdo digital

voltar 1/1 Nova pesquisa

Detalhes MARC tags Dublin Core

**Detalhes da obra**

<p>A chegada de Nelson Ferreira no céu : uma fan... Paiva, Aldemar</p>	Unidade de descrição	Livro - Português
	Número de chamada	
	Classificação	009490
	Ent. princ.	Paiva, Aldemar
	Título	<b>A chegada de Nelson Ferreira no céu : uma fantasia de cordel / Aldemar Paiva.</b>
	Imprenta	Recife (PE, BR) : Massangana : Rozenblit, 1982.
	Desc. física	26 p.
	Ent. sec.	I. Fundação Joaquim Nabuco

★★★★★ Seja o primeiro a avaliar [Tweet](#)

[Selecionar](#) [Salvar favoritos](#) [Referência](#) [Reservar](#)

Nº de exemplares: **1**  
Não existem reservas para esta obra

#	Tombo	Edição	Ano	Volume	Suporte	Unidades	Coleção	Situação
1	1983/000601		1982			Bib. São Clemente	SC - São Clemente	Não circula

SophiA

Fonte – Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) – Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 41** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. (FCRB) Registro em MARC

Fundação Casa de Rui Barbosa

Home Pesquisa Autoridades Minha seleção Serviços

Ajuda | Acessibilidade | Alto contraste Entrar

Busca rápida Busca combinada Qualquer coleção Qualquer unidade

Todos os campos A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de Buscar Limpar  Registros com conteúdo digital

voltar 1/1 Nova pesquisa

Detalhes MARC tags Dublin Core

**MARC tags**

000 00829cam a22002657a 4500  
 001 000037511  
 003 Br  
 005 20081121092639.6  
 008 030513s1982|||||bl f 000 0 por d  
 035 \_\_ |a 2003051314461379med  
 040 \_\_ |a FCRB |b por  
 090 \_\_ |a 009490  
 100 1\_ |a Paiva, Aldemar  
 245 12 |a A chegada de Nelson Ferreira no céu |b : uma fantasia de cordel |c Aldemar Paiva  
 260 23 |a Recife (PE, BR) |b Massangana |b Rozenblit |c 1982  
 300 \_\_ |a 26 p.  
 690 3\_ |a Literatura de cordel brasileira  
 710 2\_ |a Fundação Joaquim Nabuco  
 852 \_\_ |a Bib. São Clemente |b SC - São Clemente

Fonte – Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) – Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 42** – Cordel 1 “A chegada de Nelson Ferreira no céu: uma fantasia de cordel” no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. Registro em Dublin Core (FCRB)

Fundação Casa de Rui Barbosa

Home Pesquisa Autoridades Minha seleção Serviços

Ajuda | Acessibilidade | Alto contraste Entrar

Busca rápida Busca combinada Qualquer coleção Qualquer unidade

Todos os campos A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de Buscar Limpar  Registros com conteúdo digital

voltar 1/1 Nova pesquisa

Detalhes MARC tags Dublin Core

**Dublin Core**

title A chegada de Nelson Ferreira no céu : uma fantasia de cordel  
 creator Paiva, Aldemar  
 contributor Fundação Joaquim Nabuco  
 publisher Massangana  
 date 1982  
 type Livro  
 format 26 p.  
 language Português

SophiA

Fonte: Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) – Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

Com os casos apresentados, podemos observar o quão pode variar o registros de uma mesma obra, o mais completos dos três é o registro da Biblioteca Nacional (BN), pois contém número de classificação Dewey, indexação por assunto e pelo identificador se localiza fácil a obra no acervo. O da Biblioteca Central é o que menos representa a obra, abordando de maneira superficial o cordel; porém,

é de suma importância o trabalho realizado no setor de coleções especiais, ao qual já foram catalogados mais de 300 folhetos de cordel. O registro uma vez feito é possível realizar futura edição, visando preencher campos ignorados ou até mesmo a adição de novos campos caso necessário. Importante ressaltar que no caso da BCE o sistema utilizado para catalogação é o Pergamum. Na Fundação Casa Rui Barbosa, apesar de ser orientado pelo Caderno técnico – Catalogação de Folhetos de Cordel da FUNARTE/2002, e de ser um dos maiores acervos de cordel do Brasil, ainda são registros que necessitariam de um grau maior de descrição da obra.

**Figura 43 - Modelo proposto baseado no manual de catalogação de folhetos de cordel-  
A chegada de Nelson Ferreira no céu: (uma fantasia de cordel)**

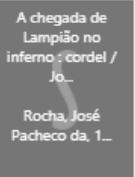
<b>CORDEL/FANZINE</b>	<b>METADADO ATUAL</b>
<b>TÍTULO</b>	A chegada de Nelson Ferreira no céu: (uma fantasia de cordel)
<b>AUTOR</b>	Aldemar Paiva
<b>ASSUNTO (CLASSIFICAÇÃO DEWEY)</b>	398.5
<b>ASSUNTO / GÊNERO</b>	1. Ferreira, Nelson, 1906- - Poesia 2. Literatura de cordel brasileira
<b>RESUMO</b>	O cordel “A chegada de Nelson Ferreira no céu: Uma fantasia de cordel” narra a chegada ao céu do cantor nordestino Nelson Ferreira, artista falecido no ano de 1976 e ganhou, esse título em cordel como homenagem póstuma.
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	7p. ; 16 cm.
<b>EDITOR</b>	Massangana, Recife/PE
<b>DATA</b>	1982
<b>LINK PARA VISUALIZAÇÃO EXTERNA:</b>	
<b>XILÓGRAFO</b>	
<b>IDIOMA</b>	Português
<b>LUGAR DE PUBLICAÇÃO</b>	Recife/PE - Brasil
<b>LIBERDADES E RESTRIÇÕES</b>	Autorizada a reprodução/parcial desde que citada a fonte.

Fonte: Elaboração própria, baseado no xZINECOREx

#### 4.4 – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“. (1977) no acervo da Biblioteca Nacional (BN)

Um título clássico da literatura de cordel brasileira “A chegada de Lampião no inferno” de José Pacheco, 1977, disponível no Anexo C desse trabalho, tem Lampião<sup>125</sup> como personagem, ser mítico na história do nordeste brasileiro, já teve diversas edições, montagens para teatro<sup>126</sup>, TV, virou música<sup>127</sup>, característica que permite conectar, numa perspectiva dos Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos<sup>128</sup> (FRBR)<sup>129</sup>, a obra a outros desdobramentos da mesma obra, como peça teatral, livros inspirados na obra original, filme, música.

**Figura 44** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“(1977) registro no acervo da Biblioteca Nacional (BN)

Detalhes	MARC tags	Dublin Core
<b>Detalhes da obra</b>		
	Inf. publicação	Livro - Português
	ISBN	9788574101040 (broch.)
	Classificação Dewey	398.5
	Edição	22
	Localização	Obras Gerais - IV-002,2,01,n.52/ARM
	Ent. princ.	Rocha, José Pacheco da, 1890?-1954? 
	Título	<b>A chegada de Lampião no inferno : cordel / José Pacheco.</b>
	Imprenta	São Paulo : Luzeiro, c2012.
	Desc. física	31p. : il. ; 18cm.
	Série	(Coleção Luzeiro))
	Notas	
	Locais 5	BNB
	Assuntos	1. Literatura de cordel brasileira 

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: [http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)>. Acesso em: 21 dez. 2018.

<sup>125</sup> Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. (Serra Talhada, 4 de junho de 1898 — Poço Redondo, 28 de julho de 1938). Disponível em: <http://grandesnombresdobrasil.blogspot.com/2014/03/lampiao.html> acessado em 14/01/2018

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://brasiliaagora.com.br/2016/11/04/espeticulo-a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>>. Acesso em: 18 ago. 2018..

<sup>127</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ldSot7OLeU>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>128</sup> Que se propõe a: “Primeiro, fornecer um quadro estruturado, claramente definido, para relacionar dados registrados em registros bibliográficos às necessidades dos usuários destes registros. O segundo objetivo é recomendar um nível básico de funcionalidade para registros criados por entidades bibliográficas nacionais.” (IFLA, 1998, p. 7).

<sup>129</sup> Functional Requirements for Bibliographic Records (FRBR)

**Figura 45** – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (1977) em MARC

Detalhes	MARC tags	Dublin Core
<b>Detalhes da obra</b>		
A chegada de Lampião no inferno : cordel / José Pacheco da, 1... Rocha, José Pacheco da, 1...	Inf. publicação	Livro - Português
	ISBN	9788574101040 (broch.)
	Classificação Dewey	398.5
	Edição	22
	Localização	Obras Gerais - IV-002,2,01,n.52/ARM
	Ent. princ.	Rocha, José Pacheco da, 1890?-1954?
	Título	A chegada de Lampião no inferno : cordel / José Pacheco.
	Imprenta	São Paulo : Luzeiro, c2012.
	Desc. física	31p. : il. ; 18cm.
	Série	(Coleção Luzeiro)
	Notas	
	Locais 5	BNB
Assuntos	1. Literatura de cordel brasileira	

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)> Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 46** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” (1977) registro em *Dublin Core*.

Detalhes	MARC tags	Dublin Core
<b>Dublin Core</b>		
<b>title</b>		A chegada de Lampião no inferno : cordel
<b>creator</b>		Rocha, José Pacheco da, 1890?-1954?
<b>subject</b>		398.5
<b>subject</b>		Literatura de cordel brasileira
<b>description</b>		BNB
<b>publisher</b>		Luzeiro
<b>date</b>		c2012
<b>type</b>		Livro
<b>format</b>		31p. : il. ; 18cm.
<b>identifier</b>		9788574101040 (broch.)
<b>language</b>		Português
<b>relation</b>		(Coleção Luzeiro)

Fonte: Biblioteca Nacional (BN) – Disponível em: <[http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html)> Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 47** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” registro no acervo da Biblioteca Central

Detalhes da obra		
Inf. publicação	Livro - Português	
ISBN	9788574101040 (broch.)	
Classificação Dewey	398.5	
Edição	22	
Localização	Obras Gerais - IV-002,2,01,n.52/ARM	
Ent. princ.	Rocha, José Pacheco da, 1890?-1954?	
Título	A chegada de Lampião no inferno : cordel / José Pacheco.	
Imprenta	São Paulo : Luzeiro, c2012.	
Desc. física	31p. : il. ; 18cm.	
Série	(Coleção Luzeiro)	
Notas		
Locais 5	BNB	
Assuntos	1. Literatura de cordel brasileira	

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 48** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno “. Registro no acervo da Biblioteca Central (BCE) – Registro em MARC

Dados do acervo - Folhetos	
<a href="#">Tweelar</a>	
Número de Chamada	087.65P116c
Autor Principal	<a href="#">Pacheco, José, 1980?-1954?</a>
Título Principal	A chegada de Lampião no inferno
Publicação	[s. l.] : [s.n.], [19--].
Descrição Física	8 p.
Assuntos	<a href="#">Literatura de cordel</a>

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

**Figura 49** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno” registro no acervo da Biblioteca Central (BCE)- Referência Bibliográfico

**Referência**

» [Chegada de Lampião no inferno, A / \[19--\]](#)

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no inferno**. [s. l.]: [s.n.], [19--]. 8 p.

Fonte: BCE – Disponível em: <<https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca/>>. Acesso em

**Figura 50** – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno“. Registro no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB)

**Detalhes da obra**

<p>A chegada de Lampião no inferno / José Pacheco...</p> <p>Pacheco, José, 1890-1954</p>	Unidade de descrição	Folheto de cordel - Português
	Número de chamada	
	Classificação	LC0426
	Notação	OR
	Ent. princ.	Pacheco, José, 1890-1954
	Título	<b>A chegada de Lampião no inferno / José Pacheco.</b>
	Imprensa	Juazeiro do Norte (CE, BR) : José Bernardo da Silva, 1977.
	Desc. física	16 p (p.1-7).
	Notas	
	Generais	Código:UPQUAA
	Generais	P.1: ...; continua: A sorte de uma meretriz
	"Com"	Seguido (p.8-16) da narrativa "A triste sorte de uma meretriz", João Martins de Athayde
	Locais	Ver também os n°s 0342, 0719 e 0720
	Assuntos	1. Demônio
Título não controlado	A sorte de uma meretriz	

Fonte: Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) – Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

**Figura 51** - Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno “. Registro em MARC

MARC tags	
000	00994cam a22003017 4500
001	000048600
003	Br
005	20080619164720.4
008	050126s1977    bl f 001  por d
035	_  a 2005040515305248med
040	_  a FCRB  b por  d FCRB
090	_  a LC0426  b OR
100	_  a Pacheco, José,  d 1890-1954
245	12  a A chegada de Lampeão no inferno  c José Pacheco
260	23  a Juazeiro do Norte (CE, BR)  b José Bernardo da Silva  c 1977
300	_  a 16 p (p.1-7)
500	_3  a Código:UPQUAA
500	_  a P.1: ...; continua: A sorte de uma meretriz
501	_  a Seguido (p.8-16) da narrativa "A triste sorte de uma meretriz", João Martins de Athayde
590	_  a Ver também os n°s 0342, 0719 e 0720
655	_  a Demônio
690	04  a Lampião,  d 1898-1938.
740	2_  a A sorte de uma meretriz
852	_  a Bib. Rui Barbosa  b SC LC - Literatura (folheto) de Cordel

Fonte: Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) - <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em 06 nov. 2018.

**Figura 52** – Cordel 2 “A chegada de Lampião no inferno. ”. registro em *Dublin Core*

Dublin Core	
<b>title</b>	A chegada de Lampeão no inferno
<b>creator</b>	Pacheco, José, 1890-1954
<b>subject</b>	Demônio
<b>description</b>	Código:UPQUAA
<b>description</b>	P.1: ...; continua: A sorte de uma meretriz
<b>description</b>	Seguido (p.8-16) da narrativa "A triste sorte de uma meretriz", João Martins de Athayde
<b>description</b>	Ver também os n°s 0342, 0719 e 0720
<b>publisher</b>	José Bernardo da Silva
<b>date</b>	1977
<b>type</b>	Folheto de cordel
<b>format</b>	16 p (p.1-7).
<b>language</b>	Português

Fonte: Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) – Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

Os dados divergem muito entre um registro e outro, devido ao fato de serem três edições de um mesmo cordel. No modelo proposto mantive campos que registram o essencial de uma publicação alternativa como o cordel, e inclui os campos para creditar o xilógrafo e o link para visualização das obras *online*<sup>130</sup> em computadores pessoais, caso exista. O campo para xilógrafo, se justifica baseado na importância e valor que a xilogravura tem como um objeto de arte.

<sup>130</sup> “Conectado”. Tradução livre.

A precariedade dos trabalhos, sublinha o sentido da qualidade, e provoca pelo menos, na intenção dos envolvidos, e também descentralização dos centros de produção e veiculação da arte, decorrente da democratização dos meios de produção (FREIRE, 2006, p.60). O acesso facilitado ao público interessado, cumpre o seu papel artístico na prática, fazendo ligação também com a citação de Taylor (2005), ao resgatar o conceito e a funcionalidade da arte, no qual também podemos abarcar o cordel e outras publicações alternativas. “Na antiguidade e na Idade Média a ‘Arte’ não tinha diferença de outros ofícios (cozinhar, gramática, malabarismo, fazer sapato, etc). Na renascença ainda é preservado esse conceito mais amplo, mas é na modernidade que há diferenças entre ‘artes’ e ‘ciências’” (TAYLOR, 2005, p.56). Vejamos o modelo a seguir.

**Figura 53 - Modelo proposto baseado no manual de catalogação de folhetos de cordel.**

<b>CORDEL/FANZINE</b>	<b>METADADO ATUAL</b>
<b>TÍTULO</b>	A chegada de Lampião no inferno
<b>AUTOR</b>	José Pacheco, 1890-1954
<b>ASSUNTO (CLASSIFICAÇÃO DEWEY)</b>	398.5
<b>ASSUNTO / GÊNERO</b>	1. Lampião, 1900-1938 - Poesia 2. Literatura de cordel brasileira
<b>RESUMO</b>	A chegada de Virgulino Lampião no Inferno.
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	7p. ; 16 cm.
<b>EDITOR</b>	Queima-Bucha, 2012. Mossoró, RN:
<b>DATA</b>	1977
<b>LINK PARA VISUALIZAÇÃO EXTERNA:</b>	Disponível em: < <a href="http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/358#page/n0/mode/1up">http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/358#page/n0/mode/1up</a> >. Acesso em: 12 nov. 2018.
<b>XILÓGRAFO</b>	Júlio
<b>IDIOMA</b>	Português
<b>LUGAR DE PUBLICAÇÃO</b>	Mossoró/RN - Brasil
<b>VER TAMBÉM</b>	
<b>LIBERDADES E RESTRIÇÕES</b>	Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Fonte: Elaboração própria (2018)

## 5. CONCLUSÃO

Se buscou com esse trabalho, fazer um estudo sobre a catalogação de publicações alternativas, com foco no fanzine e cordel. É notável os progressos no tratamento das publicações analisadas, o cordel está num estágio mais avançado de tratamento e preservação de sua história, devido ao reconhecimento, em que sua importância foi oficializada com a declaração como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelo seu valor histórico já reconhecido, e pela sua raiz portuguesa de tradição europeia. Foi produzido um glossário que traz termos referentes às publicações alternativas, com base em diversas fontes, provenientes de pesquisadores acadêmicos e colecionistas, trabalho que pode ser bastante útil como referência para bibliotecários, fanzinotecários e apreciadores desse tipo de publicação, com o fim de localizar o significado de algum termo desconhecido do vocabulário inerente ao meio das publicações alternativas.

Com os fanzines se constata o quão é incipiente e embrionário ainda, as ações que visam sua catalogação, situação que me colocou refém de poucos e raros registros, disponíveis no ciberespaço da *internet*, trouxe dois exemplos para serem trabalhos no capítulo de aplicação, um exemplo brasileiro e um do Canadá. No exemplo brasileiro, do Instituto Federal Fluminense (IFFanzine), pude ter um contato mais próximo com o profissional que administra a fanzinoteca, o que me aproximou mais do processo de registro do fanzine no catálogo SOPHIA. Vale destacar, que essa ação da IFFanzine, de colocar o fanzine nesse tipo de catálogo, divide acervo com todos os outros tipos de publicações presentes na biblioteca, é pioneira no Brasil e está em franca expansão. No registro da *Anchor Archive Zine Library*, de Halifax/Canadá, o modelo já é orientado pelo padrão xZINECOREx, o que garante uma descrição adequada do fanzine, mantendo o essencial da informação intrínseco à obra. Embasada na importância que o fanzine tem na comunidade em que está inserida é dever das bibliotecas refletir essa produção, dando o tratamento adequado e abrindo espaço em seus acervos, deve estar nas ementas dos cursos superiores de informação, nos catálogos virtuais afim de catalogar e indexar a produção de fanzine no Brasil, propor diálogos com as hemerotecas<sup>131</sup> com o intuito de desenvolver e organizar novos acervos físicos e digitais.

Na análise comparativa dos cordéis, nota-se que a Biblioteca Nacional (BN) tem o registro mais exaustivo, que busca compreender, quase que integralmente, as informações presentes na obra. A Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB), apesar de ter o maior acervo de folhetos de cordel do país, ainda

---

<sup>131</sup> Ver glossário.

possui um registro que fica a desejar, numa descrição superficial, reflete somente as informações básicas do cordel; na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE), destaco o trabalho realizado pelas bibliotecárias responsáveis pelo setor de coleções especiais, que inaugura uma ação de preservação do cordel no Distrito Federal, tratando-o tecnicamente e disponibilizando o acervo para consulta *in loco*. Porém, os registros podem ser mais completos e precisam de ações em prol da expansão do acervo, tanto em número de exemplares, quanto ao acesso mais facilitado.

O modelo de descrição aqui apresentado (Apêndice C), tem a função de facilitar a inserção da publicação independente em acervos públicos, modelo que pode servir, tanto para fanzine, quanto para cordel, livro de artista, livro cartonero e outros tipos de publicações alternativas. É uma base figurativa de possível automatização, um *template*<sup>132</sup>, que pode estar associado à obra, de maneira impressa, como numa ficha catalográfica e estando devidamente preenchida, facilitará a leitura por parte de quem recebe, seja ele bibliotecário, fanzinotecário ou instituições. Essa base pode estar em ambiente virtual também, em linguagem *Extensible Markup Language* (XML)<sup>133</sup>, possibilitando uma fácil inclusão em diferentes lugares da web, como blogs, catálogos virtuais, redes sociais....

Conclui-se, que, as publicações alternativas e independentes ainda carecem de uma maior atenção da academia, de políticas públicas que auxiliem e fomentem ações que preservem tais publicações, iniciativas para ter esse tipo de publicação em bibliotecas públicas e universitárias. A resistência de alguns editores de fanzines em não querer que suas obras estejam presentes em acervos públicos, é um elemento negativo na difusão da obra, pois essa característica de não obedecer a padrões e normas relacionadas a publicação das obras, apesar de romântica, na prática, traz prejuízos e a disseminação deve ser estimulada. É importante fundamentar ações que visam integrar o fanzine numa bibliografia oficial do país ou em acervos de periódicos, como fazer o registro da obra pelo Escritório de Direitos Autorais (EDA) que é segurado pela Lei nº 9.610<sup>134</sup>, de 19 de fevereiro de 1998; tal lei versa sobre os direitos autorais ou a doação do fanzine anexado, com uma ficha descritiva básica direcionada à biblioteca ao qual já foi notada uma possibilidade de inclusão da obra em acervo.

---

<sup>132</sup> “Modelo a ser seguido”. Tradução livre.

<sup>133</sup> Extensible Markup Language

<sup>134</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm)>. Acesso: 8 out. 2018.

## REFERÊNCIA

AMARAL, Y. **Fanzines**: reflexões sobre cultura, memória e internet. Foz do Iguaçu (PR): EDUNILA, 2018.

ANDRADE, Thiago. **Jornalismo nômade**: espaços de resistência nas redes de comunicação digital. 2013. 172 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul, 2013. Disponível em: <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/3509>>. Acesso em: 13 out. 2018.

ANDRAE, Tom. *Of Supermen And Kids With Dream*. 183 f. Estados Unidos: *Fantagraphics Books*. *Nemo: The Classic Comics Library*, 1983.

ANDRAUS, Gazy. **As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. 2006. 304 f. Tese de Doutorado - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/publico/TeseAndrausCapa.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2018

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2006.

ARAKAKI, F. A. et al. **O Estudo da aplicação do aacr2r no dublin core**: a descrição de recursos bibliográficos na WEB. Marília: Unesp, 2016. 10 p. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/arakaki.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018

BARTEL, J. *From A to Zine: Building a Winning Zine Collection in Your Library*. 149f. Chicago: *American Library Association*, 2004. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?printsec=frontcover&vid=LCCN2004009501&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?printsec=frontcover&vid=LCCN2004009501&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 15 fev. 2018.

BASTOS, Laíse. **Do fenômeno poético à experiência urbana**: (por) uma poesia de nicolas behr. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92567/267101.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BELANGER, Amy. *Talking about zines: Halifax's Anchor Archive Zine Library*. Ya Hotline, Halifax, Ca, n. 102, p.15-19, 2016. Disponível em: <<https://ojs.library.dal.ca/YAHS/article/view/6381/5643>>. Acesso em: 15 maio 2018.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados*. Rio de Janeiro: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.

BRAGA, Ana. **Noções introdutórias de Marc 21 – Formato Bibliográfico**. 2014. Disponível em: <[http://www.ndc.uff.br/sites/default/files/arquivos/ApresentaoMarc\\_1.pdf](http://www.ndc.uff.br/sites/default/files/arquivos/ApresentaoMarc_1.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2018.

BURY, S. *Artists' Books: The Book As a Work of Art (1963–1995)*. Aldershot, Scolar Press, 1995.

CASTRO, Jonas. **Catálogo de documentos musicais: uma releitura das regras de catalogação**. 2013. 90 f. Monografia de Graduação - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4886/1/2013\\_JonasBorgesdeCastro.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4886/1/2013_JonasBorgesdeCastro.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2018.

CATALOGAÇÃO de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: A Biblioteca (Cadernos técnicos, 1). FUNARTE, 2002. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=69864>>. Acesso em 15 jun.2018.

CERVO, A.L; BERVIAN, P.A; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 176f. 6. ed, São Paulo: Prentice Hall, 2007.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2002. Disponível em: <[https://biblioteconomiasemcensura.files.wordpress.com/2013/05/aacr2\\_completo1.pdf](https://biblioteconomiasemcensura.files.wordpress.com/2013/05/aacr2_completo1.pdf)>. Acesso em 01 jan. 2019.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?**. 2013. 11 f. Artigo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru/SP, 2013.

CÔRTE, A. R. et al. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos**. 118 f. 2 ed. São Paulo: Polis, 2002. Disponível em: <[http://abecin.org.br/data/documents/CORTE\\_ALMEIDA\\_ROCHA\\_LAGO\\_Avaliacao\\_de\\_softwares\\_para\\_bibliotecas\\_e\\_arquivos\\_2\\_ed.pdf](http://abecin.org.br/data/documents/CORTE_ALMEIDA_ROCHA_LAGO_Avaliacao_de_softwares_para_bibliotecas_e_arquivos_2_ed.pdf)>. Acesso em 15 out. 2018.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.

DENÍCUTI, Camila. **Interbib – estudo de caso sobre comunidade de usuários de software padrão para intercâmbio de informações e empréstimo entre bibliotecas automatizado**. 2004. 13 f.

Disponível Em:

[https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais\\_anterior/13snbu/Com\\_Oral/Red\\_Rec\\_Inf/Ativ%20de%20Coo p%20em%20Redes/Camila%20D%20Denicuti%20-%20INTERBIB.pdf](https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais_anterior/13snbu/Com_Oral/Red_Rec_Inf/Ativ%20de%20Coo p%20em%20Redes/Camila%20D%20Denicuti%20-%20INTERBIB.pdf). Acesso em: 18 set. 2018.

DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and relative index**. 22. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2003.

Disponível em:

<<https://www.oclc.org/content/dam/oclc/dewey/resources/summaries/deweysummaries.pdf>>.

Acesso em: 16 jun. 2018.

DIAS, M. do R. I. **Catálogo e qualidade: breve estudo**. Marília: UNESP/CGB, (Cadernos técnicos 1), 1999.

DIAS, T. Pontifícia universidade católica do paraná. **Pergamum: Sistema Integrado de Bibliotecas**.

1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a10.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

DUNCOMBE, S. **Notes from underground: zines and the politics of alternative culture**.

Portland/USA; Microcosm Publishing, 2008. Disponível de maneira parcial em:

<[https://com250spring2016ncsu.files.wordpress.com/2015/12/duncome\\_zines\\_ch1.pdf](https://com250spring2016ncsu.files.wordpress.com/2015/12/duncome_zines_ch1.pdf)>. Acesso em 14 jul. 2018.

ERLL, A. **Memory in Culture**. Translated by Sara B. Young. London: Palgrave / Macmillan, 2011.

EVARISTO, Juliana. **Usabilidade da tarefa de catalogação no sistema de automação SophiA**. 2011.

102 f. Monografia de Graduação - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:

<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2129/1/2011\\_JulianaBassaniEvaristo.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2129/1/2011_JulianaBassaniEvaristo.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2018.

FADUL, Anamaria. **Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação**. In:

SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

FERREIRA, M. M. **MARC21 - Formato Condensado para Dados Bibliográficos**. Tradução e

adaptação de MARC21: Concise for Bibliographic Data da Network Development and Marc Standards Office - Library of Congress – USA. 2. ed. Marília : Unesp – Marília Publicações, 2002.

FONTOURA, Marcelo. **A documentação de Paul Otlet**: uma proposta para a organização racional da produção intelectual do homem. 2012. 219 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11909/1/2012\\_MarceloCarneirodaFontoura.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11909/1/2012_MarceloCarneirodaFontoura.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GALLO, Ivone. **Por uma historiografia do punk**. 32 f. Artigo. Revista PUC. v.41. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6542>>. Acesso em: 06 de jun. 2017.

GASPAR, Pedro. **O Milênio de Gutenberg**: do desenvolvimento da Imprensa à popularização da Ciência, Dissertação de Mestrado - Universidade de Alagoas, 2004. Disponível em:

<<https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/112/1/O%20Mil%C3%A9nio%20de%20Gutenberg%20do%20desenvolvimento%20da%20Imprensa%20%C3%A0.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

GAUDÊNCIO, S. M.; BORBA, M. A. **O cordel como fonte de informação**: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. 11 f., Biblionline, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 82-93, 2010.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/4905/3710>>. Acesso em: 11 set. 2015.

GELAIN, Gabriela. **Consumo de mídia subcultura zineira**. 2013. 132 f. Monografia de Graduação - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

GIARI, Katie. **Cite this zine**. Barnard Zine Library. 2 ed. 2009. Disponível em:

<<https://zines.barnard.edu/sites/default/files/inline/citethis2010.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GRÁCIO, José. **Metadados para a descrição de recursos da Internet**: o padrão Dublin Core, aplicações e a questão da interoperabilidade. 2002. 127 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP. 2002. Disponível em:

[https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/gracio\\_jca\\_dr\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/gracio_jca_dr_mar.pdf). Acesso em: 12 out. 2018.

GRÃO, F. **Os fanzines invadem as universidades**. In: UTESCHER, Douglas (org.). 2º Anuário de fanzines, zines e publicações alternativas. São Paulo, n. 2, p. 54-57, abr. 2012.

GUIMARÃES, Edgar. **Fanzine**. 64 f. Brasópolis – MG: Editora Nona Arte, 2000.

ISHIKAWA, S. *Seeking the Self*. Bern, Switzerland: Peter Lang AG. Disponível em: <<https://www.peterlang.com/view/title/9968>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LANGFORD, David. *Starcombing*. [S.l.], 236 f. *Wildside Press* LLC. 2009. Disponível de forma parcial em: <[https://books.google.com.br/books/about/Starcombing.html?id=QsgNLuePsucC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Starcombing.html?id=QsgNLuePsucC&redir_esc=y)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

LATINO, Maria Catarina; ASSUNÇÃO, Maria Clara; SEQUEIRA, Sílvia. **A experiência interdisciplinar no Centro de Estudos Musicológicos da Biblioteca Nacional**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, Ponta Delgada (Açores). Anais. Lisboa, 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/268292730\\_A\\_EXPERIENCIA\\_INTERDISCIPLINAR\\_NO\\_CENTRO\\_DE\\_ESTUDOS\\_MUSICOLOGICOS\\_DA\\_BIBLIOTECA\\_NACIONAL](https://www.researchgate.net/publication/268292730_A_EXPERIENCIA_INTERDISCIPLINAR_NO_CENTRO_DE_ESTUDOS_MUSICOLOGICOS_DA_BIBLIOTECA_NACIONAL)>. Acesso em: 15 ago. 2018.

LEITE, Fernando C. L. **Modelo Genérico de gestão da informação científica para instituições de pesquisa na perspectiva da comunicação científica e do acesso**. 2011. 262 f. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/Luciana/Downloads/2011\\_FernandoCesarLimaLeite%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Luciana/Downloads/2011_FernandoCesarLimaLeite%20(5).pdf) >. Acesso em: 25 nov. 2018.

LIBRARY OF CONGRESS. MARC 21 Bibliographic. 2006. Disponível em: <<http://www.loc.gov/marc/bibliographic/bdintro.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

KUNCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 236f. São Paulo: Scritta, 1991. Disponível em: <[http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2018.

MAGALHÃES, Henrique. **A mutação radical dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005. Disponível em: <<http://marcadefantasia.com/livros/quiosque/mutacaodosfanzines/mutacaodosfanzines.pdf> >. Acesso em: 12 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **A nova onda dos fanzines**. 84f. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fanzine no mundo.** Disponível em: <<https://personalzine.wordpress.com/2012/03/13/os-fanzines-ganham-o-mundo/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **O que é fanzine.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os fanzines de histórias em quadrinhos, o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros.** São Paulo: USP, 1990. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

MARANHÃO, Ana. MARC21. MARC Standards. 2017. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/prof/fmodesto/disc/RDII/manual.htm>. Acesso em 22 jan. 2019.

MARTEL, Frederic. Mainstream. **A guerra global das mídias e das culturas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MATOS, Luiz. **Uma proposta para conversão de metadados Dublincore para RDF: Integração para bibliotecas de Participação Social.** 2014. 87 f. Monografia de Graduação - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9491/1/2014\\_LuizFernandodeFreitasMatos.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9491/1/2014_LuizFernandodeFreitasMatos.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MEIRELES, Fernanda. **Zines em Fortaleza (1996-2009).** In: MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). **Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si.** Fortaleza: Edições UFC, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/30098/15924>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MELO, Elisete. **Peculiaridades na catalogação da coleção de Cordel no Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RVBI).** Artigo. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. v. 7. 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/921/871>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MENDES, Álvaro. **Folkcomunicação A mídia dos excluídos, Cadernos da Comunicação Série Estudos,** 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\\_comunicacao/estudos/estudos17.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/estudos/estudos17.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2018.

MEY, Eliane S. A. **Acesso aos registros sonoros: elementos necessários à representação bibliográfica de discos e fitas.** 1999. 133 f. São Paulo, Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. 1999. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/mey/index.htm>>. Acesso em 12 dez. 2018.

MEY, Eliane S. A.; SILVEIRA, Naira C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009.

MICHEL, Micberth. **La France marginale** (actual-Hebdo de Micberth). France, 1975.

MORENO, Fernanda Passini. **Requisitos Funcionais para Registros Bibliogáficos - FRBR**: um estudo no catálogo da Rede Bibliodata. 2006. 199 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/7593/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_FERNANDA\\_MORENO\\_-\\_UnB.pdf](http://eprints.rclis.org/7593/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_FERNANDA_MORENO_-_UnB.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

MOUQUET, Emilie. **Bibliothèques et fanzines**. Université de Lyon. 2014. 70 f. (conservateur de bibliothèque). 2014. Disponível em: <[bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2015-06-0038-005.pdf](http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2015-06-0038-005.pdf)>. Acesso em: 18 de nov. 2018.

MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). **Fanzines**: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará. 2010.

\_\_\_\_\_. **A experiência pedagógica de uma escrita dionisíaca**. Fortaleza: UFC, 2009. 195 f. Tese (Doutorado) em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2977/1/2009\\_tese\\_CRMuniz.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2977/1/2009_tese_CRMuniz.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2018.

NEGRI, A. M. **Quarenta anos de fanzine no Brasil**: o pioneirismo de Edson Rontani. 12 f. 2005. Artigo. Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Regional de Espírito Santo do Pinhal - CREUPI/ UniPinha. 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33397517009226686802074911246237676525.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

NEMER, Sylvia; REZNIK, Luís. **Feira de São Cristóvão**: Contando histórias, tecendo memórias. Rio de Janeiro, 2012. 255p. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/O%20cordel%20na%20Feira%20de%20S%C3%A3o%20Crist%C3%B3v%C3%A3o.PDF>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Recortes contemporâneos sobre o cordel**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, (Coleção FCRB Aconteceu, 8). 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos PósGraduados em História e do Departamento de História, São Paulo, n.10, dez. 1993. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 20 jun. 2015.

ORLANDO, Francesco. *Ricordo di Lampedusa*, Milano, Vanni Scheilwiller. 1963.

PAIVA, Aldemar. **A chegada de Nelson Ferreira no céu**: uma fantasia de cordel [Folheto de cordel] Recife: Massangana Rozenblit, 1982.

PEIXOTO, Mário. **Literatura de cordel**: da oralidade à escrita. 2003. Niterói. Monografia de Graduação - Universidade Federal Fluminense. 2003.

PERKINS, S. *'Punk zines', Approaching the '80s Zine Scene: a Background Survey & Selected Annotated Bibliography*. Plagiarist Press. 1992. Disponível em: <<http://www.zinebook.com/resource/perkins.html>>. Acesso em: 10 out. 2013.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2004.

PORTAL SOPHIA. **Sobre o SophiA Biblioteca**. 2015. Disponível em: <<https://www.sophia.com.br/solucoes/bibliotecas/outras-bibliotecas#sophiaBiblioteca>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

RÊGO, Alex. **VideoLib**: Uma Biblioteca Digital de Vídeo Usando Metadados Dublin Core e MPEG-7. 119 f. 2004. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande, 2004. Disponível em: <[http://docs.computacao.ufcg.edu.br/posgraduacao/dissertacoes/2004/Dissertacao\\_AlexSandroDaCunhaRego.pdf](http://docs.computacao.ufcg.edu.br/posgraduacao/dissertacoes/2004/Dissertacao_AlexSandroDaCunhaRego.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2018.

RODRIGUES, Larissa. **Na batida cartonera**. Editora Malha Fina Cartonera. 2014. Disponível em: <<https://malhafinacartonera.wordpress.com/editorial/na-batida-cartonera/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

RONTANI, Edson. *Jornal do Radio*. nº 01 a 21. Piracicaba: março de 1961 a abril de 1962.

\_\_\_\_ Ficção. Piracicaba-SP. Arquivo Pessoal de Edson Rontani Junior. 1962.

SALOMON, Délcio. **Como fazer uma monografia**. 12. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SCHIAVON, Sandra. **Indexação compartilhada de artigos de periódicos da rede Pergamum**.

Relato De Experiência. 14 f. 2006. Disponível em:

<[https://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/trabs/SNBU2006\\_ICAP.pdf](https://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/trabs/SNBU2006_ICAP.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SENA, Carolina. **A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa**: organizando uma memória dispersa. Dissertação de Mestrado - em Memória e Acervos, Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/7156/1/VERS%C3%83O%20FINAL%20-%202016%20-%20Carolina%20Sena.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SIQUEIRA, Marcos. **XML na Ciência da Informação**: uma análise do MARC 21. 133 f. 2003.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, 2003. Disponível em: <

[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/siqueira_ma_me_mar.pdf)

[Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/siqueira\\_ma\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/siqueira_ma_me_mar.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Mauad, 14 f. 1994. Artigo.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa

de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n2/1809-5844-interc-38-02-0275.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SNO, M. O universo paralerlo dos zines. São Paulo. Timozine, 2015.

TAYLOR, Roger. **Arte, inimiga do povo**. São Paulo: Conrad, 2005. Disponível de maneira parcial em:

<<https://pt.scribd.com/document/194290291/Arte-Inimiga-do-Povo-Roger-L-Taylor-pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

TEIXEIRA, Larissa. **Literatura de cordel no brasil**: os folhetos e a função circunstancial. Monografia de Graduação - UNICEUB, Brasília, 2008. Disponível em:

<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

TRIGGS, Teal. **Fanzines: the DIY revolution**. San Francisco: Chronicle Books, 2010.

UMILIACCHI, G. **Fanzine Glossario - Editoria Fanzinara Italiana** - E-book Fanzinoteca d'Italia Edizioni, Forlì FC, 2013. Disponível em: Disponível em: <<http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VALENTE, Amanda. **Como o Minimanual do Guerrilheiro Urbano foi utilizado pelas guerrilhas urbanas ALN e Baader Meinhof e sua influência para os grupos durante sua atuação**. Revista de Análise Internacional, Curitiba, Vol.2, n.1, jun, , p.65-86. 2017. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2017/06/AValente.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VIANNA, Marilena. **Uma interpretação da linguagem dos folhetos**. In: O CORDEL: testemunha da história do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

VIEIRA, Katia. **Processamento técnico: uma perspectiva histórica**. São Paulo. 2000. Disponível em <[snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster004.doc](http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster004.doc)>. Acesso em 12 mai. 2018.

WERTHAM, Frederic. **The World of Fanzines - A Special Form of Communication**, Southern Illinois University Press.1973.

YASSUDA, Silvia. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado) em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Cienciada Informacao/Dissertacoes/yassuda\\_sn\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Cienciada Informacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2017.

## GLOSSÁRIO - PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS

Este capítulo apresenta alguns termos inerentes ao âmbito das publicações alternativas, e visa, esclarecer ao leitor, expressões citadas ao longo desse estudo, e que porventura possa auxiliar bibliotecários, entusiastas das publicações alternativas ou fanzinotecários, trazendo a definição de alguns verbetes desse nicho editorial.

**ALTERNATIVA:** Sucessão de coisas (cada uma por sua vez); Opção entre duas coisas. O que tem alternância; ora num sentido ora noutro; sujeito à opção; que tem a vantagem de consentir escolha. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/alternativa>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

**APAZINE:** Uma *Amateur Press Association* (APA) é conhecida por produzir *apazines*, fanzines apenas para um pequeno grupo membros. Em um apazine, os membros são obrigados a enviar uma quantidade de material para continuar recebendo a publicação. (CHENG, John. 2012). *Astounding Wonder: Imagining Science and Science Fiction in Interwar America*. [S.l.]: University of Pennsylvania Press.)

**APERIÓDICO:** Não periódico; em particular, de um fenômeno que não é repetido com as mesmas características, em intervalos iguais de tempo regular. Frequência típica não periódica de realização e distribuição dos fanzines. Em um produto como os fanzines, onde os tempos de coordenação do trabalho estão sujeitos aos mais discrepantes períodos de tempo Disponível em: <<http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/index.php?lng=it&mod=articoli&pg=pagina&c=3&articolo=1287235733>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

**ARTE XEROX:** A arte Xerox, também conhecida como arte de cópia, arte eletrostática ou xerografia, é uma forma de arte que começou nos anos 60. As impressões são criadas colocando objetos no vidro ou no cilindro de uma copiadora e pressionando “iniciar” para produzir uma imagem. Se o objeto não for plano ou se a capa não cobrir totalmente o objeto ou se o objeto for movido, a imagem resultante ficará distorcida de alguma forma. A curvatura do objeto, a quantidade de luz que atinge a superfície da imagem e a distância da tampa do vidro afetam a imagem final. Muitas vezes, com manipulação adequada, imagens fantasmagóricas podem ser feitas. Disponível em: <<https://hisour.com/pt/xerox-art-27517/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

**ARTE IMPRESSA:** A arte impressa está presente na história há milênios, se considerarmos os selos sumérios realizados em argila que registravam as obras de arte da época, indo até a gravura; a arte impressa vem à tona, como a cópia da obra de arte, que também se torna arte em si, com uma nova alteração de valores: tonal, cromático, qualitativo e quantitativo. Com o advento da mídia impressa, com a invenção da prensa móvel de Gutemberg, houve uma popularização da arte impressa. (NASCIMENTO, L. 2019)

**BANDA DESENHADA:** BD, história aos quadrinhos (português europeu) ou história em quadrinhos, quadrinhos, gibi, HQ, revistinha, historieta (português brasileiro) é uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. São, em geral, publicadas no formato de revistas, livros ou em tiras publicadas em revistas e jornais. Também é conhecida por arte sequencial, narrativa gráfica e narrativa figurada. (LUYTEMN, S. Portugal: das histórias aos quadrinhos às bandas desenhadas.)

**BONECA/BONECO:** O boneco é uma prova impressa do seu arquivo, simulando, de forma aproximada, como ele deve ficar em seu formato final (ou seja, impresso). O boneco é usado para identificar e prevenir falhas que não foram ou não poderiam ser identificados sem a geração de um “protótipo”. Há vários tipos de boneco. Os bonecos mais comuns na área gráfica são os bonecos/protótipos de catálogos, brochuras, folders, embalagens e caixas. Esses materiais impressos são geralmente um pouco mais complexos, precisam de dobras e por isso merecem uma atenção especial antes de serem produzidos. Disponível em: <<https://www.printi.com.br/montagem-do-arquivo/o-que-e-um-boneco-como-fazer-um-boneco>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

**CENSURA:** Exame crítico de obras literárias ou artísticas; crítica. Corporação incumbida do exame de obras submetidas à censura. Repreender. (Dicionário AURÉLIO, 1993, p. 113)

**CLANDESTINO:** Feito sem as formalidades legais, e até evitando-as. Feito às escondidas. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/clandestino>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

**CONTRA-INFORMAÇÃO:** Anamaria Fadul (1982) afirma que a contra-informação “Significa ao mesmo tempo práticas de comunicação e militância política que resistem à ordem hegemônica e lutam pela instalação de uma nova hegemonia” (FADUL, 1982). Para Baldelli, seria o fluxo da informação à margem da grande mídia “Garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais” (BALDELLI apud FADULI, p.36, 1982).

**COPYRIGHT:** Reserva de direitos autorais, que é explicitamente declarada pelo editor, mesmo com a simples afixação da marca característica ©, em cada uma de suas publicações, para evitar a reprodução não autorizada do trabalho. Direito à propriedade de uma obra artística, literária, etc. Disponível em: <<http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/index.php?lng=it&mod=articoli&pg=pagina&c=3&articolo=1287235733>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

**CORDEL:** Para Teixeira, o “cordel” e a “literatura de cordel” são separados por uma linha tênue, e se complementam.

‘Literatura de cordel’ é uma nomenclatura dada aos folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta de 1960/70, adotando a denominação utilizada em Portugal para a poesia similar ao cordel. Mas, essa literatura, anteriormente, era conhecida como livrinhos de feira, ou livretos, ou a mais popular pelos cordelistas, “folhetos”. Cordel também vem da palavra “cordão”, pois os folhetos ficavam pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos nas feiras. (TEIXEIRA, 2008)

**DOJINSHIS:** No Japão, o equivalente dos fanzine são os dōjinshis, publicações independentes vendidas em convenções como a Comiket. Embora muitas publicações sejam fanfics ou revistas dedicadas a uma determinada franquia de anime (animação japonesa) ou videogames, existem também muitas obras autorais. A palavra deriva dos termos dōjin (同人, palavra japonesa que designa um grupo de pessoas com o mesmo interesse - ou, de forma mais coloquial, uma “turma”) e shi (誌, uma forma mais comprimida de “zasshi”, ou “revista”). O termo *dōjin* também é usado para música e videogames independentes (dōjin soft). (ISHIKAWA, 2007)

**EX-VOTO:** Definição extraída do dicionário Aurélio, edição de 1975 “Quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera ou madeira etc. que se oferece e se expõe numa igreja ou numa capela em comemoração de um voto ou promessa cumprida”. (FERREIRA, 1975) De forma geral as enciclopédias trazem as seguintes conclusões: a de que se coloca numa igreja, numa capela etc., oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses nos tempos do paganismo; a Deus, a virgem Maria e aos Santos, na vigência do cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes.

**FAÇA VOCÊ MESMO:** Tradução do termo *Do It Yourself*, que surgiu no movimento punk, mas que virou pré-requisito para artistas independentes e fanzineiros. (SNO, 2015, p.15)

**FANDEL:** Um fanzine sobre cordel, termo pelo blog Fandel. Disponível em: <http://blogfandel.blogspot.com>>. Acesso em 21 out. 2018.

**FANDOM:** [Fan-dom] Termo anglo-saxão resultante da união de fãs e do sufixo “dom”, em analogia com a palavra “kingdom” (reino), ou reino do fã. Termo geral para indicar todos aqueles que estão interessados em um caminho construtivo para um determinado gênero, para sua própria área (por exemplo: ficção científica, música, quadrinhos, etc.).

2 - termo decorrente da união de fãs e “domain” (domínio), ou domínio dos fãs. (UMILACCHI, G. *Fanzine Glossario - Editoria Fanzinara Italiana* Fanzinoteca d'Italia<sup>135</sup> Edizioni, Forlì FC, 2013)

**FANEDITOR:** Editor de fanzine. (SNO, 2015, p.15).

**FAN MAGS:** Mistura de fã (“admirador ou aficionado”) e revista (magazine). Substituído no uso comum pelo termo fanzine. (Disponível em: <<https://en.wiktionary.org/wiki/fanmag>>. Acesso em: 03 jan. 2019)

**FANZINATO:** Cenário que representa a produção de fanzines de uma determinada região.

**FANZINE:** O Fanzine é um termo que indica um produto impresso, nascido da paixão de uma ou mais pessoas interessadas em um campo específico.

Termo de origem inglesa, deriva da contração do adjetivo "fan" [Fã clube, fanático] e do substantivo "magazine" [revista] (inicialmente criado por / para fãs de ficção científica). Indica uma publicação muito limitada e sem fins lucrativos, produzida por uma ou mais pessoas que compartilham os mesmos interesses. Publicação alternativa para fãs de ficção científica, música, cinema, quadrinhos, literatura, poesia, correspondência, etc., publicada de forma independente e auto-produzida. (UMILACCHI, G. 2013. Tradução livre)

**FANZINOLOGIA:** Termo que se origina dos termos fanzine e logia (“estudo” em grego). Disciplina que tem como objeto o estudo a história do fanzine, produção editorial e atividades correlatas. Disponível em:

<<http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/index.php?lng=it&mod=articoli&pg=pagina&c=3&articolo=1287235733>>.

Acesso em: 18 nov. 2018.

**FANZINOTECA:** A fanzinoteca é a "biblioteca do fanzine", onde são coletados, catalogados e arquivados. E, assim como uma biblioteca, pode-se entrar, consultar e também emprestar os fanzines na estrutura. (UMILACCHI, Gianluca. *Fanzinoteca D'Itália*)

**FANZINOTECÁRIO:** O diretor da fanzinoteca d'Itália, um estudioso e entusiasta das publicações alternativas, propôs um verbete para a profissão de fanzinotecário: [fan-zi-no-te-cà-rio] Dirigente de uma fanzinoteca pública ou privada; que trabalha em fanzinoteca; Profissional dedicado ao fanzine. (UMILACCHI, G. 2013. Tradução livre.)

**FINE ART:** A impressão Fine Art é o cuidado com o processo de reprodução de uma imagem. Essa imagem pode ser uma Fine Art ou não. Os conceitos se misturam. A impressão Fine Art é feita com cuidado para ser uma reprodução fiel da imagem, com qualidade e durabilidade própria e que tem uma exigência superior às confeccionadas de qualquer outra forma. (Disponível em: <<http://finephoto.com.br/index.php/2015/09/20/o-que-e-fine-art/>>. Acesso em: 18 out. 2018)

---

<sup>135</sup> Criada em 2010, a Fanzinoteca d'Italia é um Centro de Documentação especializado para publicação de fanzines italianos, com um serviço de consultoria e empréstimo para o material fornecido, assim como para pesquisas, estudos e teses de graduação. Disponível em [http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/uploads/Fanzinoteca-Info\\_orari-2010.pdf](http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/uploads/Fanzinoteca-Info_orari-2010.pdf)>. Acesso em 13 set. 2018.

**FLYER:** Espécie de cartão de visitas, muito popular na década de 1990, no qual continha nome do fanzine ou banda, endereço e alguma ilustração e/ou informação. Era distribuído via carta e era amneira mais eficaz para fazer seu fanzine conhecido. Também chamado de “filipeta”. Serve também para divulgar shows e eventos. (SNO, 2015, p.16).

**FOLKCOMUNICAÇÃO:** Em meados dos anos 60, o professor Luiz Beltrão<sup>136</sup> em sua tese de doutorado na Universidade de Brasília, criou e apresentou o conteúdo de uma nova disciplina, a Folkcomunicação, definida por MENDES como

Disciplina científica bem moderna, situada na fronteira do Folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e da Comunicação de Massa (difusão de símbolos através de meios mecânicos e eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). O conteúdo da disciplina e sua denominação foram ambos criados, ao mesmo tempo, pelo professor Luiz Beltrão, em sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Brasília, em 1967, intitulada Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. A Folkcomunicação é uma disciplina científica que tem como objetivo o estudo da comunicação popular e o folclore na difusão de meios de comunicação de massa. A denominação inicial, bem como seu conteúdo, foram criados pelo professor Luiz Beltrão em 1967.” (MENDES, 2007, p.8)

Beltrão afirma que a folkcomunicação é a comunicação de grupos sociais rurais e urbanos, marginalizados social e culturalmente, sem acesso ou representação nos meios de comunicação estabelecidos (imprensa, rádio, televisão). Folkcomunicação é, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. As manifestações da folkcomunicação podem se dar na forma de cantadores, ex-votos, fanzines, folhetos de cordel, frases de pára-choque de caminhão, grafite, entre outras formas.

**FOTOCÓPIA (Ou xerox):** É a penúltima etapa na produção de um fanzine (antecede o grampo), na qual o trabalho é revelado e pronto para ser montado e então circular. (SNO, 2015, p.16)

**FÃ:** Indivíduo que admira entusiasticamente uma figura pública, geralmente do mundo do espetáculo.... Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/Pesquisar/f%C3%A3>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

**FÃ CLUBE:** Tradução do termo Fan Club, que é um grupo organizado de admiradores ou apoiantes de uma figura célebre, geralmente da área do espetáculo, esporte, música; clube de fãs (ex.: são membros do fã-clube oficial da banda). Qualquer grupo de admiradores de algo ou de alguém. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/f%C3%A3%20clube>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

**GERAÇÃO MIMEOGRÁFO / POESIA DE MIMÉOGRAFO:** ficou conhecida por esse nome porque muitos poetas recorriam ao mimeógrafo (máquina para realizar cópias, com um original escrito ou desenhado em relevo) para reproduzirem seus textos e livros. O método quase artesanal, era um processo alternativo de criação, produção e distribuição do poema, que substituiu os meios tradicionais de circulação das obras, como editoras e livrarias. Vendidos de mão em mão, os livros eram comercializados a baixo custo para um público restrito que frequentava eventos relacionados com a cultura marginal, assim conhecida por estar fora dos cânones literários e à margem da crítica literária. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/poesia-marginal.htm> acessado/>. Acesso em 21 nov. 2018

**GIBITECA:** Gibitecas, bibliotecas com acervos especializados em histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 1999)

**GRAVURA:** A gravura é uma técnica artística, na qual é possível imprimir várias cópias de uma imagem a partir de uma matriz. (Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/atelie/gravura/>>. Acesso em: 03 jan. 2019)

---

<sup>136</sup> Luiz Beltrão de Andrade Lima foi um jornalista, escritor e pesquisador brasileiro. Foi pioneiro nos estudos da comunicação popular no Brasil; desenvolveu a área de estudo chamada folkcomunicação. (1918-1986)

**HEMEROTECA:** Acervo temático de periódicos (jornais e revistas). Recortes (assuntos específicos, atuais ou de interesse geral) de periódicos que fazem parte das coleções de uma biblioteca. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/hemeroteca/1186/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

**HEMEROTECÁRIO:** Conservador, administrador ou funcionário de uma hemeroteca. adjetivo. Relativo a hemeroteca. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/hemerotec%C3%A1rio>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

**IMPRENSA ALTERNATIVA:** Kucinski define e localiza bem o conceito de imprensa alternativa

A imprensa alternativa faz parte da mídia alternativa, sendo sua vertente de mídia impressa. O termo imprensa alternativa é utilizado na obra clássica, de autoria de Bernardo Kucinski, denominada *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991) para designar os inúmeros jornais que circularam durante os anos de ditadura militar no Brasil e que se caracterizavam por noticiar os graves crimes praticados no país, como as mortes de presos políticos, as formas de torturas implementadas pelo DOI-CODI, da rua Tutóia, em São Paulo, a ostensiva conivência do Estado com grupos nacionais e internacionais que controlavam a economia, a violação dos direitos humanos, a dívida externa, a luta contra a censura e ao regime autoritário imposto ao país, enfim, entre outros temas de interesse geral da população. Entre 1964 a 1980 nasceram e morreram cerca de 300 periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar. Esses jornais ficaram conhecidos como imprensa alternativa, de leitor, independente e underground. O dicionarista Aurélio Buarque de Holanda acrescentou, na segunda edição de seu *Novo Dicionário*, a definição do termo ‘alternativo’ como algo que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes. (KUCINSKI, R. 1995, p.7-8).

**INFERNO** (Espaço físico em biblioteca.): É o nome dado à coleção de livros ofensivos, heréticos ou erotico-pornográficos que foram escondidos em grandes bibliotecas para poder sobreviver.

**LETRASET:** Folha com diversas letras que, no processo de *transfer* (posicionar o local onde seria aplicada e, com uma caneta, riscar sobre a letra que se fixava no papel), servia para dar um visual mais bonito, saindo das convencionais letras de máquina de escrever ou à mão. (SNO, 2015, p.16).

**LETTERZINE:** Letterzines (Zinecartas) eram zines de não-ficção (non-fiction) que permitiam discussões e conversas entre grupos de fãs antes que o e-mail, com as listas de discussão e a Internet estivessem disponíveis. Esses zines publicaram cartas de comentário (chamadas LOCs) de assinantes para que pudessem realizar discussões, conversas e sugestões, bem como notícias sobre a comunidade de fãs. (Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Letterzine>. Acesso em: 03 jan. 2019.)

**LIVRO DE ARTISTA / ARTE LIVRO:** Livros de artista (ou Arte livros) são obras de arte que utilizam a forma do livro. Eles geralmente são publicados em pequenas edições, embora às vezes sejam produzidos como objetos únicos. Livros de artista empregaram uma ampla gama de formas, incluindo pergaminhos, dobraduras, concertinas ou itens soltos contidos em uma caixa. Artistas têm sido ativos na impressão e produção de livros há séculos, mas o livro do artista é basicamente uma forma do meio do século XX, com raízes em movimentos de vanguarda anteriores, como Dadaísmo, Construtivismo, Futurismo e Fluxus. “Livros de artistas são livros ou objetos semelhantes a livros sobre a aparência final da qual um artista teve um alto grau de controle; onde o livro é concebido como uma obra de arte em si.” (BURY, S. 1995)

Livros de artista são feitos por uma variedade de razões. Eles são frequentemente criados para fazer arte que é interativa, portátil, móvel e facilmente compartilhada. Muitos livros de artista desafiam o formato do livro convencional, e se tornam objetos esculturais. Eles podem ser criados para tornar a arte acessível a pessoas fora dos contextos formais de galerias ou museus.

“As publicações de artista têm por base a sua multiplicação. Incluem todas as formas de expressão e são editadas pelos próprios artistas ou publicadas comercialmente por um editor. Sob a designação de publicações de artista encontramos documentação classificada de acordo com a sua forma de arte. Livro de artista, revista de artista, jornal de artista, objeto, múltiplo, edição fotográfica, material gráfico, trabalho gráfico, documentação efêmera, registo de artista, cassete áudio, disco ótico, edição de filme/vídeo, edição multimédia são as 14 formas de arte das publicações de artista (JAJES, 2010, p.19).

**LIVRO CARTONERO:** Os livros cartoneros são confeccionados com papelão reciclado e folhas costuradas à mão, cada edição é uma peça única. A palavra “Cartonera” vem de *cartón*, palavra em língua espanhola que significa papelão e é o insumo básico para a manufatura do livro cartonero.

O livro cartonero é um meio de difusão da cultura, lazer, formação e informação democrático. Adquirindo o livro cartonero você acessa a literatura a preço justo e ainda garante que o artista trabalhador receba integralmente pelo seu trabalho e dedicação. As editoras cartoneras são espaços importantes de fomento à arte de forma sustentável, solidária e fora da lógica da exploração exorbitante de direitos autorais sobre as obras e seus autores. Adquirindo cartoneros, você colabora para a manutenção e difusão destas editoras por aí, pois é do inteiro interesse de quem faz e de quem vive da cultura cartonera multiplicar esta bonita tecnologia social e cultural.” RODRIGUES, L. Disponível em <https://leandrosilvabonecos.wordpress.com/livros-cartoneros/> acesso em: 19 ago. 2018)

**MATRIZ:** lugar onde algo é gerado e/ou criado.

**MEME:** Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.

Ideia ou comportamento que passa de uma geração para outra, geralmente por imitação. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/meme/>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

**MÍDIA ALTERNATIVA:** Pode ser considerada uma mídia alternativa, toda a ação que fuja dos meios tradicionais (Cinema, Jornal, Rádio, Revista e TV), mídia exterior (Outdoor e Painéis) e Internet. A principal característica de uma mídia alternativa é a inovação e, na maioria das vezes, criatividade das peças, além do oportunismo. Disponível em: <<http://www.inovemidias.com.br/midias-alternativas-uma-forma-diferente-de-chamar-a-atencao/>>. Acesso em 18 ago. 2018

**MINIZINE:** Micro fanzine, tamanho reduzido de publicação alternativa.

**NO PROFIT (ou nonprofit):** Na tradução livre “sem fins lucrativos”, termo geralmente adicionado em flyers de zines. (SNO, 2015, p.17)

**NÚMERO ZERO:** Número de teste, primeira edição de um periódico, muitas vezes aguardando autorização formal. Início típico da numeração da produção fanzineira, usado também por algumas publicações oficiais. Não é raro ser o primeiro e ao mesmo tempo o último. Disponível em:

<<http://www.fanzineitaliane.it/fanzinoteca/index.php?lng=it&mod=articoli&pg=pagina&c=3&articolo=1287235733>>.

Acesso em: 16 fev. 2019.

**PERIÓDICO:** Diz-se das obras ou publicações, que aparecem em tempos determinados. Que se reproduz com intervalos de tempos iguais. Disponível em: <<https://pt.thefreedictionary.com/peri%C3%B3dico>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

**POEZINE:** Um fanzine de poesias, publicação dedicada à poesia.

**PRÁTICA ZINEIRA:** Ato de produzir fanzines. (SNO, 2015, p.17)

**PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS:** Diz-se que, publicações alternativas expressam pontos de vista não tipicamente representados nas publicações mainstream ou corporativas. Elas são frequentemente descritas como extremistas, radicais, moderados, liberais, esquerdistas, progressistas, dissidentes, ativistas ou qualquer coisa que não sejam convencionais. Além de questões políticas, algumas publicações abordam questões para grupos específicos, como ambientalistas ou a comunidade gay. (Political Science: Alternative & Non-Mainstream Publications – Biblioteca da Universidade de Sacramento) Disponível em: <[http://csus.libguides.com/alternative\\_publications](http://csus.libguides.com/alternative_publications)> Acesso em 11 ago. 2018.

**QUEER:** “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58). Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. (Teoria Queer - Leandro Colling)

**RADEX:** Folhinha corretiva de erros de máquina de escrever. Quando se errava uma letra, voltava se para onde essa letra foi erroneamente datilografada, colocava a folhinha e datilografava a mesma letra e depois, sem o radex, a letra correta. Não raramente, os dedos do datilografo eram atingidos pela letra nesse processo. (SNO, 2015, p.17)

**RETÍCULA:** Uma folha de acetato com uma textura impressa, geralmente pontos em *degradé*. Essa folha é colocada sobre o papel, para dar efeito de sombra ou textura. Bastante usada em história em quadrinhos e em fundo para fanzines. (SNO, 2015, p.17)

**REVISTA ALTERNATIVA:** É uma linha muito tênue que separa os conceitos de “fanzine” e “revista alternativa”. Para Edgar Guimaraes “Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada revista alternativa.” (GUIMARAES, E.<sup>137</sup> 2014. Disponível em: <<http://fanzinotecamutacao.blogspot.com/2010/02/fanzine-por-edgar-guimaraes.html/>>. Acesso em 19 ago. 2018)

**RISOGRAFIA:** Uma impressora ou duplicador Riso, também simplesmente chamada Riso, *Risograph* em inglês, é uma impressora que utiliza uma técnica de quadros semelhante à serigrafia. Foi inicialmente projetada para grande volume de cópias, mas tem sido utilizada para todo tipo de trabalhos gráficos, utiliza tintas à base de soja e os resultados têm uma estética muito própria.

A tecnologia subjacente à risografia é muito semelhante à da serigrafia. É criado um quadro perfurado para cada cor, que é posteriormente envolto num tambor rotativo. A tinta passa para o papel pelos furos microscópicos, que passa plano pela máquina em alta velocidade. É impressa uma cor de cada vez, embora a nossa Riso consiga imprimir duas ao mesmo tempo, mas cada uma no seu tambor. Ao imprimir mais cores, os tambores têm de ser trocados e o papel volta a passar na máquina. Imprime-se até 340 x 500mm com uma margem branca (mancha de 287 x 409mm) numa vasta gama de papéis porosos.

A Riso não fabrica ciano nem magenta e a risografia está limitada a um certo número de cores disponíveis comercialmente e no presente imprimimos oito cores. Como a tinta utilizada não é 100% opaca, podem-se sobrepor cores para criar novas. Pode-se imprimir monotones e duotones. Também se pode simular impressão em quadricromia, mas os resultados são previsivelmente imprevisíveis. (DUODSGN. Disponível em: <<http://duodsgn.com/risografia/>>. Acesso em: 16 set. 2018)

---

<sup>137</sup> Edgard José de Faria Guimarães (Brazópolis, Minas Gerais, 1959) é um engenheiro eletrônico, professor universitário, quadrinista, fanzineiro e crítico de histórias em quadrinhos.

**SEMIPROZINES:** A Constituição da *World Science Fiction Society* atualmente define uma semiprozine da seguinte forma: Publicação periódica não profissional, geralmente disponível, dedicada à ficção científica ou fantasia, ou assuntos relacionados que, até o encerramento do ano civil anterior, publicaram quatro ou mais edições (ou o equivalente em outras mídias), pelo menos uma dos quais surgiram no ano civil anterior, que não é considerado passivo, e que no ano civil anterior preenchia pelo menos um dos seguintes critérios: 1. A publicação remunera seus colaboradores e / ou funcionários (pagar os colaboradores com cópias da publicação não é considerado remuneração.) e há um vínculo profissional entre editores e os colaboradores. 2. A publicação deve estar disponível apenas para venda. (Disponível em: <<http://semiprozine.org/what-is-a-semiprozine/>>. acesso em 03 jan. 2019)

**TBO:** Um termo utilizado na Espanha para designar histórias em quadrinhos “Na Espanha, quadrinhos viraram sinônimo de uma revista que publicava o estilo, chamada TBO – ao receber o nome de “tebeo”. Na América Latina, são conhecidas como “historieta”. Em Portugal, como “história aos quadrinhos” (CAGNIN, 1975)

**XILOGRAFIA:** O significado de Xilogravura é gravura em madeira, proveniente do processo da xilografia, que significa a arte de gravar em madeira. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/xilogravura/>>. acesso em 14 jan. 2019.

**XILÓGRAFO:** Artista que grava em madeira.

**XILOGRAVURA:** Etimologicamente, a palavra xilogravura é composta por *xilon*, do grego, e por *grafo*, também do grego. Xilon significa madeira e grafo é gravar ou escrever. Assim, xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira. Simplificando, pode se dizer que é um processo de impressão como de um carimbo de madeira. Disponível em: <<http://www.casadaxilogravura.com.br/xilogravura.php/>> Acesso em: 14 jan. 2019.

**ZINE:** Termo reduzido de “fanzine”, muito popular no meio de editores e consumidores de fanzines, Umiliachi define como “Abreviação de fanzine. Expressão muito utilizado entre os ‘fanzineiros’ para indicar produção autoproduzida e independente. Publicação feita com sistemas muitas vezes rudimentares e sem fins lucrativos, produção típica de publicação alternativa. ” (UMILIACHI, Gianluca. 2018, Tradução livre.)

**ZINEOGRAFIA:** Uma biografia contada a partir dos fanzines criados por um determinado autor.

**ZINESCA:** Característica relacionada aos fanzines. Ex: Prática zinesca, produção zinesca. (SNO, 2015, p.18)

**ZINES COMPARTILHADOS:** Fanzines à quatro mãos (ou mais) quando os artistas decidem colaborar em um determinado número, ou reservando para cada, metade das páginas do fanzine. (MOUQUET. 2012, p.81)

**ZINES DE 24H:** o fanzine deve ser montado em 24 horas. Este tipo de fanzine é frequentemente o resultado de oficinas, aplicações de fanzines como ferramenta pedagógica. (MOUQUET. 2012, p.81)

**ZINES DE ARTE:** eles são, acima de tudo, obras de arte por direito próprio. Mas eles também incluem imagens, colagens, fotos de seus autores. (MOUQUET, Emilie. 2012, p.81)

**ZINES DE COMPILAÇÃO:** uma chamada para contribuições é lançada em torno de um tema; um prazo para envio é solicitado. Os fanzines recebidos combinam diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema. Eles são montados e direcionados para criar uma publicação coerente. (MOUQUET Emilie. 2012, p.81)

**ZINES DIY (DO IT YOURSELF - FAÇA VOCÊ MESMO):** esses fanzines são tutoriais para aprender as técnicas e realizar algumas ações baseadas na cultura DIY. (MOUQUET, Emilie. 2012, p.81)

**ZINES LITERÁRIOS:** São coleções de ficção, ensaio ou poesia autoral. (MOUQUET. 2012, p.81)

**ZINES DE MAMÃES:** Tratando da maternidade (gravidez, parto, criação de filhos). (MOUQUET. 2012, p.81)

**ZINES PESSOAIS (PERZINES):** Eles não são diários estritamente falando. Eles são a expressão de um ponto de vista singular a partir do qual o mundo é percebido. (MOUQUET. 2012, p.81)

**ZINES POLÍTICOS:** Lidam com movimentos políticos passados e presentes. São um instrumento de democracia. (MOUQUET Emilie. 2012, p.81)

**ZINESTER:** Um indivíduo que cria e geralmente distribui seus próprios zines ou zines. Pode ser estendido a alguém que não faça estritamente zines que administra uma distribuidora de produtos alternativos.

**ZINETECA:** Termo equivalente a fanzinoteca. Biblioteca de fanzines.

**ZINISMO:** Segundo o filósofo João Veloso Jr., é a arte de fazer fanzines. (SNO, 2015, p.18)

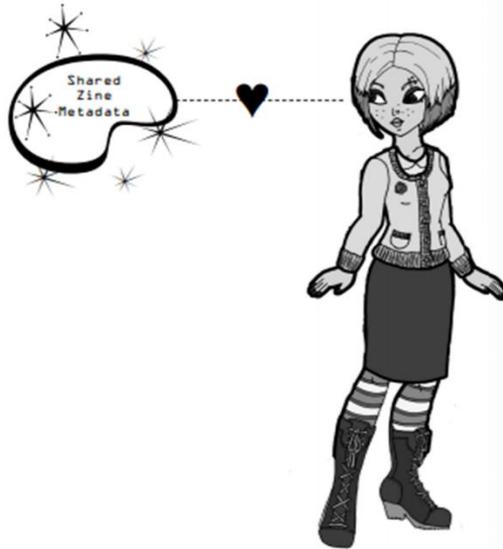
**ZINEWIKI:** O ZineWiki é uma enciclopédia de código aberto dedicada a zines e mídias independentes. Abrange a história, produção, distribuição e cultura da pequena imprensa. Disponível em: <[http://zinewiki.com/Main\\_Page/](http://zinewiki.com/Main_Page/)>. Acesso em 20 nov. 2018

**WEBZINE:** Fanzines que existem apenas na *World Wide Web* (WWW) ou só está disponível em formato digital. Disponível em: <<http://www.zinewiki.com/Category:Webzine/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

## ANEXO A (Fanzine - xZINECOREx An introduction)

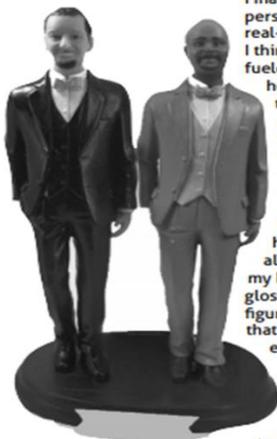
# xZINECOREx

## AN INTRODUCTION



It should go without saying, but I'm saying it anyway... these are my thoughts and writing for the most part. By the time you're reading this I've probably shared it with a couple of friends, and it may have been edited, vetted, clarified like butter, chopped up and reassembled, and all the things that happen to what might otherwise be considered a paper or blog post. But this isn't either one of those... it's a zine. Because, really, what better way to discuss the complexities of metadata, punk, and DIY except in a zine. HA!

Anyway... moving on... This is being released with a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported License. Basically, be nice.



Finally, I'm writing this from the perspective (mine, duh) of a not-real-librarian. I mean, I'm real, I think... (insert long marijuana-fueled existential discussion here), but I'm not formally trained as a librarian or archivist. I've fallen into this role through my work with QZAP, The Queer Zine Archive Project. I'm what you might call a "Barefoot Librarian." Because of the lack of formal training I've had to learn a lot of terms along the way, and I'll do my best to define them in the glossary in the back, 'cause I figure there's a 50/50 chance that you're not a formal librarian, either.

*Pro Tip: "You can always identify the formal librarians by their tendency to wear tweedos while working at the Reference Desk."*

### Glossary:

ALA - American Library Association

ACRL - Association of College and Research Libraries

Barefoot Library/Librarian - "Barefoot Library" is a term coined by Lily to describe autonomous libraries, archives and infoshops. Examples include QZAP, ZAPP (Seattle), the IPRC (Portland), Denver Zine Library, etc. By extension Barefoot Librarians are the folks who volunteer or work at said organizations. NOTE: Some barefoot librarians may have gone to school for library and info science, and others may not have.

Finding Aid - words, terms, and ideas used to help humans locate information.

Holdings Record - Holding records denote which institution (in this case library, archive, and perhaps individual) who has a copy of something. This record would be available in the union catalog.

Metadata - quite literally, the data or information used to describe the data or content. In this case we mean for xZINECOREx to describe the information about zines. Kind of a no brainer, but there you have it.

Schema - schema can be used to refer to either a textual description of or the actual structure of a collection of data. A visual chart/diagram of such a structure is called an Entity Relationship Diagram.

A schema defines what the fields are in our collection as well as characteristics of each field. Common characteristics in a schema are: the name of the field, the type of data that the field will store (numbers, letters, strings, binary files such as images or audio files) and limits as well (how many characters, what the range of numbers can be, if the number has a decimal point or is an integer, etc.). A schema can also define sets of fields (usually called a table) and relationships between a field in one table and a field in another. A schema often also define how those fields will be indexed to speed up complex queries and connect tables to each other.

WorldCat - The world's largest library catalog run by the cooperative named OCLC. It used traditional library tools to describe items and provides information about which libraries own an item.

take your zine records and get them to conform to xZINECOREx for importation into the Union Catalog. Maybe show them the xZINECOREx XML Generator: [http://dublincoregenerator.com/generator\\_zc.html](http://dublincoregenerator.com/generator_zc.html) and see if that will help with your institutions internal cataloging process.

Other ways to get involved include participating in discussions about ZC and the Zine Union Catalog. Maybe offer a workshop for your coworkers. Or think about attending the next ZL(u)C in Iowa City (either in person or remotely.) Or join the conversation on the Zine Librarians Group on Yahoo: <http://groups.yahoo.com/group/zinelibrarians/> Finally, you can support all the zine librarians who have been working on this for the past couple of years by bringing them pie, cake, and donuts. Seriously.

xoxoMilo (April/2013)

Many thanks go to all of the folks who have attended ZL(u)Cs over the past couple of years. Also big ginormous hugs to Jenna, Eric, Kurt, Chris, Alana and Susannah for reading this and giving me feedback before this went to print and having long conversations about all of this ridiculous shit. Also, the librarian on the front cover is a paperdoll made by Rachel L. Cohen from <http://paperthinpersonas.com>. The © on that image is hers, and is not part of the CC license of the zine. ♥♥♥

spreadsheet, or hand-rolled database solutions. Or maybe Library Thing. Anyway, it's not pretty.

But this brings us almost up to date... because what we're going to need (as it was described (or Dee Snydered) at the MKEZL(u)C) was a common way for us to all share the same bits of information about our zines. A lingua franca of zine metadata, so to speak. Thus xZINECOREx was born (almost.)



### Stand-ards (in the place that you work - now face west)

SO... xZINECOREx... What is it? How can it change your life for the awesome? And why is it encased in a pair of silent Xs?

xZINECOREx is our emerging metadata standard. It's based somewhat on Dublin Core, which is a metadata standard for describing... lots of stuff. What we did was we listed out the Dublin Core Simple Element Set, and then created/named parallels in xZINECOREx. There are some elements that DC uses that don't really apply to zines, and vice versa, so that's why we decided that we needed our own standard.

I should interrupt my rambling narrative at this point to state that the "us" and "we" here are all of the folks who participated in the Union Catalog discussion at MKEZL(u)C. As such, xZINECOREx elements were named or described by consensus for the most part. It's also really early days, so it's entirely possible that the elements will be added to or changed at some point in the future. Anyway, back to the story!

In addition to matching fields (DC ↔ ZC) one of the things that people liked about Dublin Core that we wanted to replicate in xZINECOREx was that each element is repeatable. It's a little hard to describe, but when I get to the examples you'll get



## This Is Not My Beautiful House, This Is Not My Beautiful Wife...

So how did we get here? I think it's important to go over a bit of the back story before we jump into xZINECOREx proper. So here goes:

The first Zine Librarian (un)Conference (ZL(u)C) was held at ZAPP (The Zine Archive Publishing Project) in Seattle, WA in March of 2009. The wiki for that can be found here: <http://seattle-zine-unconference.wikispaces.com/> My perception is that the largest take-away from the weekend was the desire for a Union Catalog for zines. Basically that's what got this ball rolling.

So What's A Union Catalog? According to the occasionally helpful Dictionary.com, a union catalog is "a catalog containing bibliographic records that indicate locations of materials in more than one library or in several units of one library." What this means for zine librarians is that we want a system (an online system, to be specific) to share information about the zines in our various collections, including which library has which zines. This last bit we call a "Holding Record." For a union catalog, that's probably the most important part. But let's not get ahead of ourselves.

Fast Forward to July of 2011. Another ZL(u)C convened in Milwaukee, WI. <http://mkezluc.wikispaces.com/> There was another Union Catalog discussion, and the idea was fleshed out a bit more... It was decided (sort of... maybe described would be better) that the UC would be similar to WorldCat but not evil. It's purpose would be that of a shared catalog to indicate who has which zines, but that each institution would retain its own way of cataloging, as well.

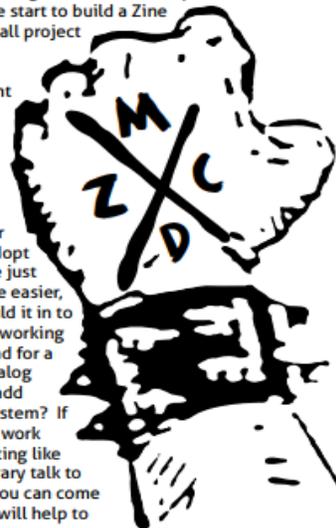
Now here's the thing: Each and every library and archive has a slightly to drastically different way of cataloging zines. Some traditional/institutional libraries use more traditional tools. They may use MARC records, or try to include LOC subject headings or I don't even know what. All I know is that they're pretty legit. Barefoot libraries, on the other hand, may use index cards, or a

So now you can see what it'll look like. So where do we go from here? First, we need to hone the specification. Just because I've written it down one way doesn't mean that that's how it will be. I'm looking forward to the feedback this zine generates.

Once there's agreement on the final Zine Core Metadata Element Set - mostly what goes where, I think - then there will have to be buy-in from other institutions. In my head this is like a nuclear arms treaty, but instead of all the librarians saying that they won't nuke other libraries, instead they all say "yeah, we'll try to get our zine catalog records to conform to xZINECOREx."

From there, I imagine this could get presented at ALA or ACRL or wherever and maybe the larger bodies will adopt the standard for zines. Meanwhile, we start to build a Zine Union Catalog. Not a small project by any means.

So what about you? Want to get involved? First step is to drink the Kool Aid. If you work with a barefoot library you can help convince the other folks within your organizations to get your cataloging systems to adopt to xZINECOREx. If you're just starting out this might be easier, because you can just build it in to whatever system you're working on. If you've been around for a while, see what your catalog can do. Maybe you can add fields to your existing system? If you're not barefoot, and work in a more traditional setting like a public or academic library talk to your catalogers. See if you can come up with a workflow that will help to

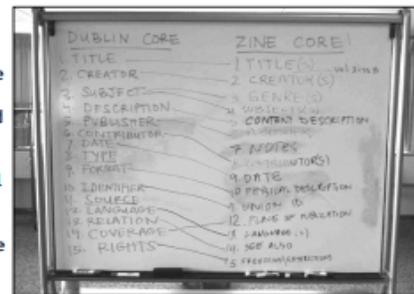


So that's xZINECOREx in a nutshell. Should we take a minute to create a catalog record using ZC? Heck, why not?



xZINECOREx Element	Actual Metadata
Title	Heavy Mayo
Creator	Milo Miller
Subject/Genre	Food, cookzine
Publisher	Milo Miller
Contributors	n/a
Date of Publication	2009
Physical Description	4.25" x 7", cardstock, 16 pages
Union ID	n/a
Language(s)	EN - English
Place of Publication	Milwaukee, WI
See Also	SoyBoi, Mutate Zine, etc.
Freedsoms and Restrictions	Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0

the gist. One of the things we didn't want to replicate was the name. Dublin Core is so named because it was originated in Dublin, Ohio. All well and good, but when we rolled Milwaukee Core around the tongue it just was awkward.



Whiteboard from the first xZINECOREx discussion

So was MKECore, BrewCityCore, and other derivatives of that Great Place on a Great Lake where this conversation took place. Since we were talking about ZINES (predominantly), Zine Core seemed to be the most appropriate. BUT, at some point the space between the two words got removed. The silent Xs (in lowercase, please, while the word is in all caps) were added as a nod to, but also making fun of, the straightedge hardcore punk music scene. Since a good portion of zines and zinework comes from punk communities it seemed appropriate. While I have a strong preference for xZINECOREx, I think "zinecore", "zine core" and "ZC" are also correct spellings/usage.

Before we move on, let's address the "how will this make your life awesome" question. I'm going to make an assumption that if you're reading this you're either a zine librarian/archivist of some sort or a zine fan/collector/maker. Basically, if you and/or your library/archive/organization adopt xZINECOREx as a cataloging practice you will be able to share info about your zines with others easily, you'll be generally regarded as a swell human being, AND you may become more sexually attractive to the person or persons of your choosing. It's win/win!



### Break it down, now!

This next section is going to be a breakdown of the xZINECOREx Metadata Element Set. A lot of it is self-explanatory, but I also want to explain how we (at QZAP) think about the elements, mostly as finding aids. I expect that there may be some differences from how your library/institution/system works.

**[Title(s), including volume/issue(s)]**  
Fairly straight forward so far. Example: Mutate Zine #3

**[Creator(s)]**  
Zinester/Author/Creator... whatever you call them, these are the folks who made the zine. Sometimes this field might not be an individual, but rather a group or organization. I don't recall if any decision has been made on the best practice if the zine was created anonymously, either, but there you have it.

**[Subject(s), Genre(s)]**  
What the zine's about. In the system that QZAP is working on this will end up being an authority record field. We're basing ours on the subject listing from the Anchor Archive Zine Library in Halifax, NS. At the time of this writing there are 2128 subjects on the list. <http://www.robertsstreet.org/zine-library>

**[Content description, notes]**  
This element is a little freeform. It could say "photographs and text" or "handwritten" maybe? I can't totally remember but I'm sure we'll fill in the blanks.

**[Publisher]**  
Publisher is different but the same as Creator. No, really! If it were one of my zines, I would be both the Publisher and Creator. But that's not always the case. An example would be "Keesha and Joanie and JANE" by Judith Arcana and published by Eberhardt Press.

**[Contributor(s)]**  
More people. Like Soylent Green. These are the folks who help make a zine happen but are not the Creator(s).

**[Date (of publication)]**  
For us this is the year. As a finding aid, we've always said "Shit, I can't remember the name of that zine, but I think I got it in 1996 from Bound Together."

**[Physical description]**  
What the zine looks, feels, tastes, and smells like. As we're building this at QZAP we've tied an authority record to this element based on LarryBob Robert's list of Zine Codes from Queer Zine Explosion. That list covers about 15 different sizes of zines (Digest being the most common at 5 1/2" x 8 1/2".) Here's one of the great things about xZINECOREx, though. Since the elements are repeatable we can also include things in the Physical Description like "hand sewn binding" or "Blue cover."

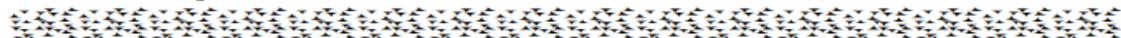
**[Union ID]**  
This will come into play when the Union Catalog is built. Basically, every zine will get a Union ID that will be maintained across cataloging systems. So if Mutate Zine #3 has a UID of M-6749831, that would be the same in our catalog at QZAP as it would be in the Barnard Library Zine Collection catalog. I hesitate to say that it's the ISBN of the zine, but maybe sort of?

**[Language(s)]**  
The language that the zine was published in. Handy if a patron comes to you and says "I'm looking for zines published in Esperanto about turtle husbandry."

**[See also(s)]**  
This is the place for related entries. It could include a Creator's zineography (ie. Mutate Zine, see also Big Zine, Little Zine) or nom de plume (Doris, Cindy Crabb, see also Cindy Ovenrack)

**[Place of publication]**  
Geographic location, usually denoted as City, Country. Similar to the way that we at QZAP think about Date, as in "Crap, I can't remember the title, but I'm pretty sure that I picked it up in Minneapolis when I was in the U.S."

**[Freedsoms and restrictions]**  
With books or records you'd have copyright. With zines, maybe not so much. The Freedsoms and Restrictions element would be for copyright (or assumed copyright) but is also used to denote other ways folks put their zines out into the world. This includes copyleft, anti-copyright, freely duplicatable, and various flavors of the Creative Commons license.



## ANEXO B - Fanzine “Marx na Atualidade”



### **MARX NA ATUALIDADE**

Coleção FANZINOTECA IFF MACAÉ #1

Projeto de Extensão IFanzine  
Instituto Federal Fluminense campus Macaé

Coordenação:  
Alberto Carlos Paula de Souza (Beralto)  
Leonardo Berbat de Brito

Bolsistas:  
Karollyne Fernandes Castro  
Kezia Campos  
Paulo José da Silva Gonçalves  
Sara Domiciano de Jesus Gaspar

Capa: Beralto

Macaé, 12 de Outubro de 2017

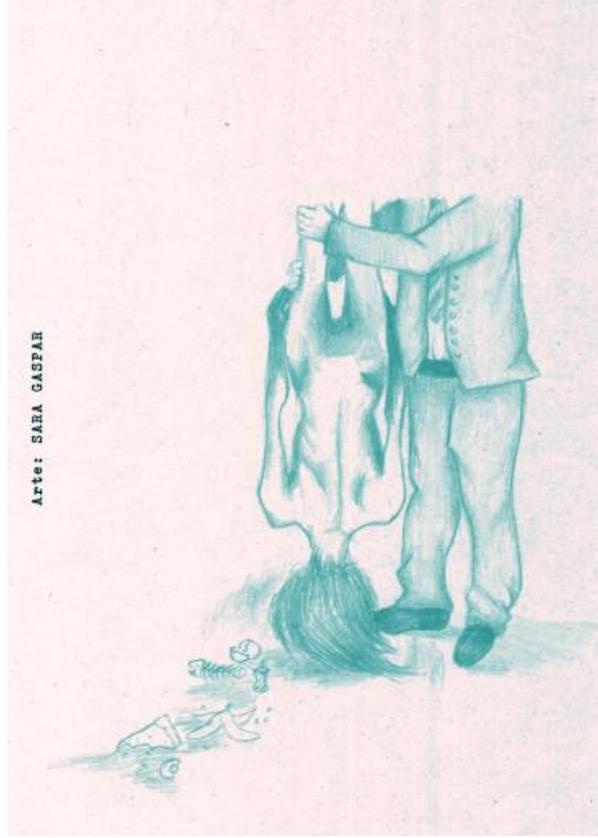
PROJETO  
**IFANZINE**



# EXPLORA CAQIDA CLASSE AVANZADO



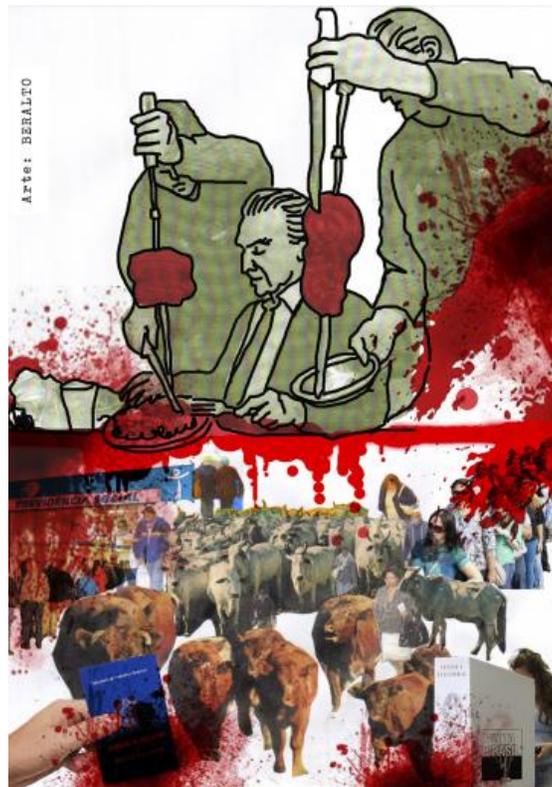
Arte: SARA GASPAR



Arte: SARA GASPAR



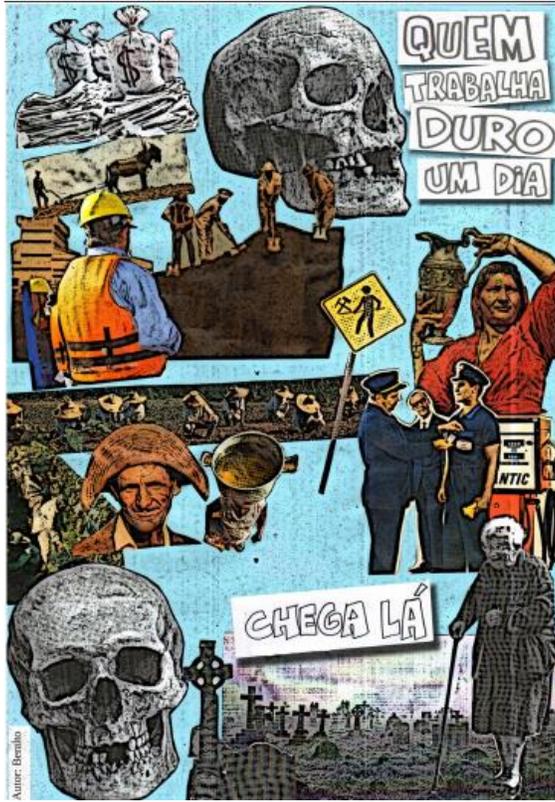






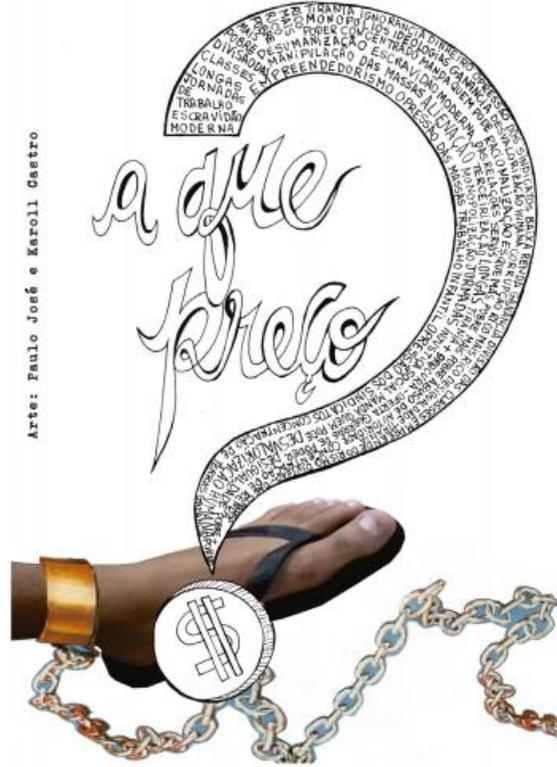


Arte: KAROLL CASTRO



Autor: Brenillo

Arte: Paulo José e Karoll Castro



É impressionante o poder que determinadas organizações e estruturas têm – resistindo à passagem do tempo – de conservar algumas de suas mais fundamentais características. O capitalismo é um exemplo preciso do que acabamos de afirmar. Por mais que já tenha atravessado décadas e mesmo séculos, experimentado certas mudanças e adaptações, é inegável que o sistema capitalista tem conservado com vigor uma de suas marcas mais distintivas: a produção, em larga escala, de gritantes desigualdades sociais.

Creemos que, no século XIX, um filósofo alemão, chamado Karl Marx, elaborou a mais emblemática e contundente crítica ao capitalismo. Segundo sua avaliação, a referida estrutura econômica provoca uma terrível divisão na sociedade. Disto decorre que poucos indivíduos – os donos do capital – possuem inúmeras riquezas, enquanto uma quantidade enorme de pessoas – em especial, a classe trabalhadora – se vê numa árdua batalha diária pela mais básica sobrevivência.

De fato, na perspectiva de Marx, o trabalhador é um ser explorado, espoliado, alienado, coisificado e iludido pelas forças do capital. Diante deste panorama profundamente injusto, Marx não se esquivou de gritar bem alto, em sinal de protesto. O som de sua voz reverberou com tamanha intensidade, que nos alcançou. Sim, eu, Alberto, Sara, Karol, PJ e Kezia nos juntamos ao pensador germânico, e declaramos nossa posição contrária a um sistema gerador de toda sorte de mazelas e aberrações econômicas e sociais.

Ainda hoje, em pleno século XXI, constatamos, sem dificuldade, que a sociedade se encontra dividida entre os poucos que têm muito dinheiro e os muitos que têm pouco ou mesmo nada. Desde os tempos de Marx, até os nossos dias, o trabalhador – de forma geral – é oprimido e dilapidado, tratado com escancarado desprezo pelo capitalismo, como uma simples ferramenta produtiva, uma espécie de animal de carga, cuja função é girar a engrenagem voraz que multiplica as cifras do patrão e condena milhares de sujeitos a condições subumanas de vida. Afinal de contas, desemprego, miséria, fome e outras atrocidades permanecem no cardápio capitalista, como um tipo de alimento estragado cotidianamente servido à sociedade, sobretudo às massas economicamente menos favorecidas.

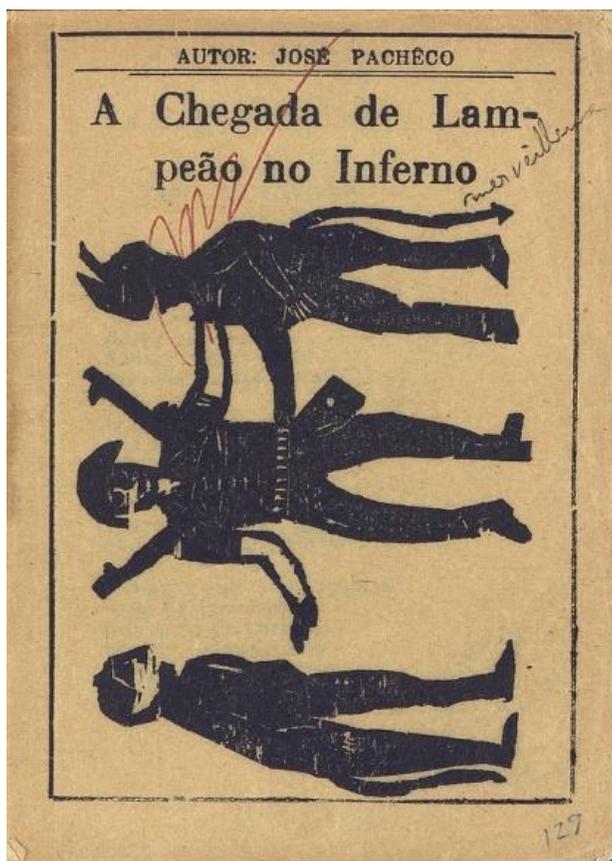
Como dissemos, manifestamos nosso repúdio a tal conjuntura. Por isso, filosofia e arte, que se entendem tão bem e, diga-se de passagem, são ambas menosprezadas pelo capital, se uniram para refletir, questionar e denunciar este sistema. O resultado é o fanzine que você tem em mãos, intitulado Marx na atualidade. Vale ainda ressaltar que, junto com a nossa crítica, eu, Alberto, Sara, Karol, PJ e Kezia – responsáveis pelo fanzine – guardamos a firme convicção de que a realidade pode ser alterada e uma sociedade mais justa e solidária pode nascer, a partir de nossa conscientização e ação.

**Leonardo Berbat de Brito**  
Professor de Filosofia do IFF Macaé



Arte: SARA GASPAR

ANEXO C - Cordel: A chegada de Lampião no Inferno. PACHECO, J. 1977.



Autor José Pachêco

A Chegada de Lampião no Inferno

Um obra de lampeão  
por nome Pilão Deitado  
que morreu numa trincheira  
em certo tempo passado  
agora pelo sertão  
anda correndo visão  
fazendo malassombrado

E foi quem trouxe a notícia  
que viu lampeão chegar  
o inferno nesse dia  
faltou pouco pra virar  
incendiou-se o mercado  
morreu tanto cão ~~queimado~~  
que faz pena até contar

Morreu a mãe de Canguinha  
o pai de Iorrobodó  
três netos de parafuso  
um cão chamado totó  
escapou Bôca Ensoça  
e uma moleca moça  
quase queimava o totó



Morreram 10 negros velhos  
que não trabalhavam mais  
e um cão chamado Traz-Cá  
Vira-Volta e Capataz  
Tromba-Suja e Bigodeira  
um por nome de Gotelra  
cunhado de Satanaz

Vamos tratar da chegada  
quando Lampeão bateu  
um moleque ainda moço  
no portão apareceu  
- quem é você cavalheiro  
- moleque eu sou cangaceiro  
Lampeão lhe respondeu

- Moleque não! sou vigia  
e não sou seu pareceiro  
e você aqui não entra  
sem dizer quem é primeiro  
- moleque abra o portão  
saiba que sou Lampeão  
assombro do mundo inteiro!

Então esse tal vigia  
que trabalha no portão  
dá piza que voa cinza  
não procura distinção  
o negro escreveu não leu  
a macaiba comeu  
lá não se usa perdão

O vigia disse assim:  
- fique fora que eu entro  
vou conversar com o chefe  
no gabinete do centro  
por certo ele não lhe quer  
mas conforme e que disser  
eu levo o senhor pra dentro

Lampeão disse: vá logo  
quem conversa perde hora  
vá depressa e volte já  
eu quero pouca demora  
se não me derem ingresso  
eu vire tudo asavesso  
toco fogo e vou embora

O vigia foi e disse  
a Satanaz no salão  
--saiba Vossa Senhoria  
ai chegou Lampeão  
dizendo que quer entrar  
e eu vim lhe perguntar  
se dou-lhe o ingresso ou não

Não senhor! Satanaz disse  
--vá dizer que vá embora  
só me chega gente ruim  
eu ando muito caipora  
estou até com vontade  
de botar mais da metade  
dos que tem aqui pra fora

Nessa voz ouviu-se tiros  
que só pipoca no caso  
Lampeão pulava tanto  
que parecia macaco  
tinha um negro nesse meio  
que durante o tiroteio  
brigou tomando tabaco

Acabou-se o tiroteio  
por falta de munição  
mas o cacete batia  
negro embolava no chão  
pau e pedra que pegavam  
era o que as mãos achavam  
sacudiam em Lampeão

--Chega traz um armamento  
assim gritava o vigia  
traz a par de mexer doce  
lascas os ganchos de Caria  
traz o birro de maçã  
corre vai buscar um pau  
na cerca da padaria

Lucifer mais Satanaz  
vieram olhar do terraço  
todos contra Lampeão  
de cacete faca e braço  
o comandante no grito  
dizia: briga bonito  
negrada chega-lhe o aço

Lampeão ponde apanhar  
uma cavelra de boi  
sacudiu na testa dum  
ele só fez dizer: oi!  
ainda correu 10 braças  
e caiu enchendo as calças  
mas eu não sei de que foi

Estava a luta travada  
já mais de hora fazia  
a poeira cobria tudo  
negro emb lava e gemia  
porem Lampeão ferido  
ainda não tinha sido  
devido a sua energia

Lampeão pegou um checho  
e o rebolou no chão  
a pedrada arreventou  
a vidraça do oitão  
saiu um fogo azulado  
incendiou-se o mercado  
e o armazem de algodão

Satanaz com esse incendio  
tocou um búzio chamando  
correram todos os negros  
os que estavam brigando  
Lampeão pegou o olhar  
não viu mais com quem brigar  
tambem foi se retirando

Houve grande prejuizo  
no inferno nesse dia  
queimou-se todo dinheiro  
que Satanaz possuia  
perderam seiscentos contos  
somente em mercadorias

Reclamava Satanaz  
--horror maior não precisa  
os anos ruina de saíra  
e mais agora essa piza  
se não houver bom inferno  
tão cedo aqui no inferno  
ninguem compra uma camisa

Leitores vou terminar  
tratando de Lampeão  
muito embora que não posso  
vos dar a resolução  
no inferno não ficou  
no céu também não chegou  
por certo está no sertão

Quem duvidar nessa historia  
pensar que não foi assim  
querer zombar de meu sério  
não acreditando em mim  
vá comprar papel moderno  
escreva para o inferno  
mande saber de Calm. Fim

*situando  
a situação  
me  
contos  
de  
p. 5  
leitoras*



## APÊNDICE A - Registro completo de metadados - “Marx na atualidade”

Para sugerir novos campos, aprofundar no Cada elemento, ou tag, de um documento XML é definido da seguinte forma: “O conteúdo\_tag, pode ser definido de maneiras diferentes, dependendo da situação, entretanto, basicamente o conteúdo\_tag mostra o tipo de informação que o nome\_tag pode apresentar, ou se esta, tem outras tags vinculadas” (SILVA, 2001).

```
<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
```

```
<zc:title> Marx na atualidade [ilustração] </zc:title>
<zc:creator> Alberto Beralto (Coord.)</zc:creator>
<zc:subject> 1. Karl Marx - 2. Comunismo</zc:subject>
<zc:genre> Fanzines (Brasil)</zc:genre>
<zc:description> Fanzine elaborado no campus do Instituto Federal fluminense IFFanzine - de Macaé/RJ
por Alberto Beralto</zc:description>
<zc:publisher> Publicação alternativa</zc:publisher>
<zc:datecreated> 2017</zc:datecreated>
<zc:dimensions> 10 cm x 17 cm</zc:dimensions>
<zc:identifier> 133334</zc:identifier>
<zc:language> Português</zc:language>
<zc:placeofpublication> Macaé/RJ - Brasil</zc:placeofpublication>
<zc:rights> Autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo autorizado, desde que citada a
fonte.</zc:rights>
```

**APÊNDICE B - Registro completo de metadados “Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4”**

```
<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
<zc:title> Basements and Living Rooms: A Zine About House Shows & DIY Music #4 </zc:title>
<zc:creator> Shannon Connor</zc:creator>
<zc:subject> 1. eventos - 2. casa de shows</zc:subject>
<zc:genre> 1. Produção de eventos, 2. Como organizar eventos, 3. Faça você mesmo </zc:genre>
<zc:abstract> Made during the RS residency, includes article and interview about Halifax punk scene
and Harbour Water Fest</zc:abstract>
<zc:tableofcontents> half-page, text, photographs, images of posters, illustrations </zc:tableofcontents>
<zc:publisher> Publicação alternativa </zc:publisher>
<zc:datecreated> 2013</zc:datecreated>
<zc:dimensions> 15 cm x 21 cm</zc:dimensions>
<zc:language> Inglês</zc:language>
<zc:collection> Fanzine</zc:collection>
<zc:issue> 4</zc:issue>
<zc:placeofpublication> Milwaukee, WI - USA</zc:placeofpublication>
<zc:rights> Autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo autorizado, desde que citada a
fonte.</zc:rights>
```

**APÊNDICE C – Modelo proposto com base no padrão xZINECOREx**

<b>FANZINE /CORDEL</b>	<b>METADADO ATUAL</b>
<b>TÍTULO</b>	
<b>AUTOR</b>	
<b>COLABORADORES</b>	
<b>ASSUNTO / GÊNERO</b>	
<b>RESUMO</b>	
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	
<b>EDITOR</b>	
<b>DATA</b>	
<b>LINK PARA VISUALIZAÇÃO EXTERNA:</b>	
<b>NOTAS GERAIS</b>	
<b>IDIOMA</b>	
<b>XILÓGRAFO</b>	
<b>LUGAR DE PUBLICAÇÃO</b>	
<b>VER TAMBÉM</b>	
<b>LIBERDADES E RESTRIÇÕES</b>	

Fonte: Elaboração própria, 2018.